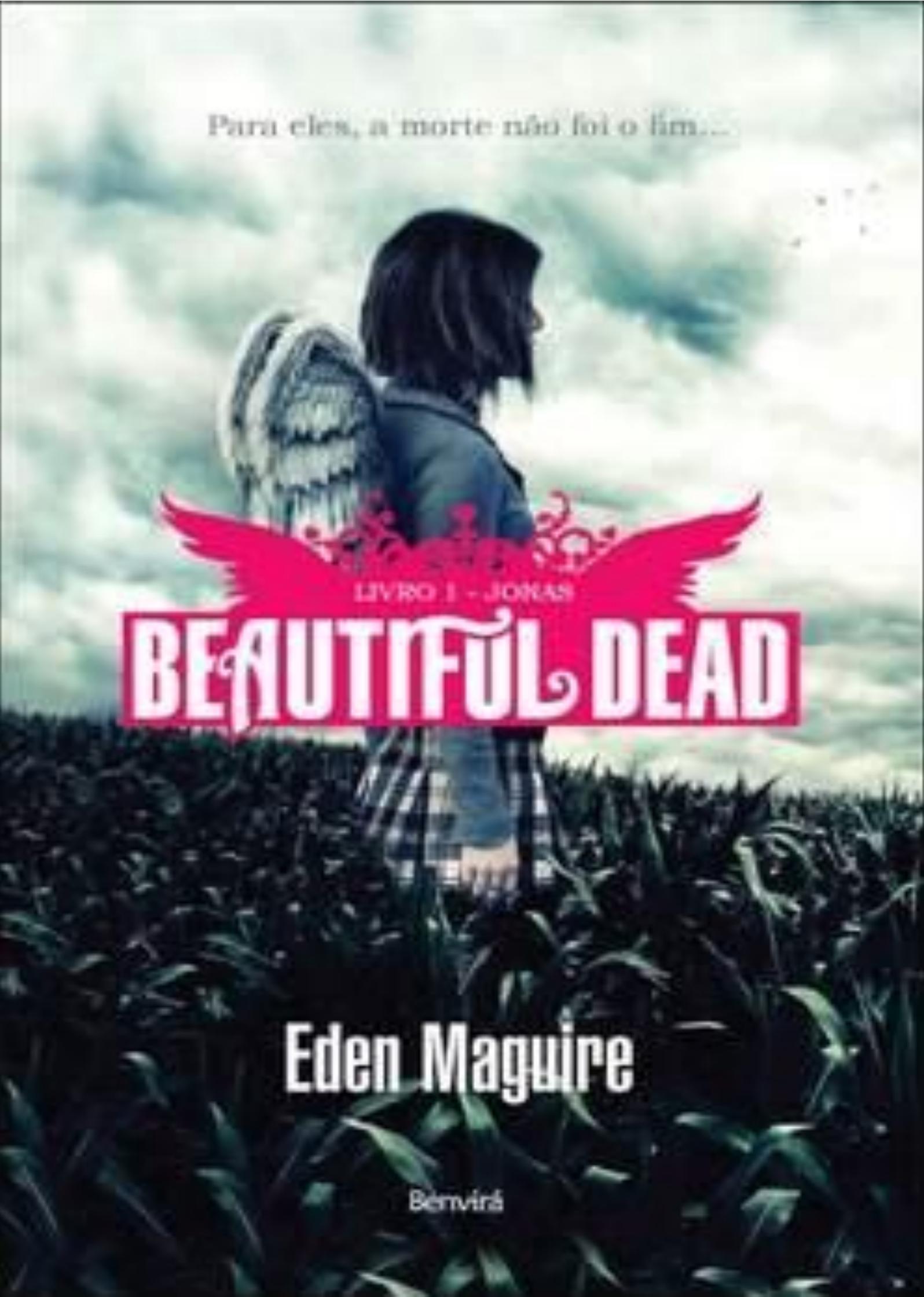


Para eles, a morte não foi o fim...



LIVRO 1 - JONAS

BEAUTIFUL DEAD

Eden Maguire

Benvirá



Nem vivos, nem mortos, os Beautiful Dead estão entre nós em busca de justiça e de paz.

As mortes de Jonas, Arizona, Summer e Phoenix chocaram os moradores de Ellerton. Darina, namorada de Phoenix, parece estar ainda mais perturbada que todos – visões e sons aterrorizantes a perseguem. No entanto, ela vai descobrir que a morte não é o fim; para algumas almas, a ligação com o mundo dos vivos é tão forte que elas recebem permissão para se despedir e, se necessário, lutar por justiça.

Neste primeiro livro da série *Beautiful Dead*, a corajosa Darina enfrenta garotos barra-pesada e momentos dolorosos do passado para ajudar o amigo Jonas. Ganha também mais uma chance de estar ao lado de seu único e grande amor, Phoenix. Seria o amor mais poderoso do que a morte, a ponto de permitir a Darina nunca dizer adeus a seu amado?



Algo estranho vem acontecendo na pacata cidade de Ellerton. Os adolescentes Jonas, Arizona, Summer e Phoenix morreram em menos de um ano. Jonas Jonson foi o primeiro a perder a vida, em um trágico acidente quando passeava em sua Harley Davidson com a namorada Zoey. Mas o que parecia um triste infortúnio se revela um mistério com inúmeras perguntas, boatos sobre fantasmas e estranhos acontecimentos que assombram a pequena comunidade.

Darina, namorada do recém-falecido Phoenix, está no limite do sofrimento. Ela não consegue amenizar a dor da perda, e, para piorar, estranhos fenômenos começam a acontecer – ela vê Phoenix em todos os lugares e é perseguida por um enlouquecedor barulho de asas batendo. Seriam fruto de sua mente atormentada?

Por incrível que pareça, não. Phoenix revela à namorada que ele e seus amigos agora são os Beautiful Dead: almas que, incapazes de se conformar com suas mortes trágicas e violentas, foram escolhidas para regressar ao mundo dos vivos em busca de justiça. Belos, com um poder sobre-humano, eles levam a marca da morte – uma pequena tatuagem de asas de anjo na parte do corpo em que foram mortalmente feridos.

A missão de Darina é ajudar os Beautiful Dead, começando por Jonas, a desvendar as circunstâncias misteriosas de suas mortes e lutar por justiça, para que enfim possam descansar em paz.



É norte-americana, e os livros da série *Beautiful Dead* são sua estreia na literatura. É admiradora do clássico da literatura mundial: *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emile Bronte.

E, busca atualizar em suas obras o tema do amor maior do que a morte. Eden vive nas montanhas geladas do Colorado, nos Estados Unidos, onde, além de escrever, dedica-se a uma de suas grandes paixões: a criação de cavalos.

Para minhas duas lindas filhas.



CAPÍTULO 1

A primeira coisa que ouvi foi uma porta batendo com o vento, e me assustei, porque nem sabia que havia uma casa aqui entre os choupos, assim tão longe da cidade.

Coração, não precisa bater tão forte. Darina, por favor, se controle! Mas nessa época qualquer folha caindo poderia ter me assustado. Isso foi dois dias após a morte de Phoenix.

Depois a porta bateu, e meu coração pulou. Eu estava mesmo procurando por algo naquela colina, só não sei o quê. Subi até o topo, olhei para além da encosta e lá estava – uma velha casa, toda de madeira, caindo aos pedaços. Havia uma varanda, um celeiro velho e grande e uma daquelas caixas d’água redondas suspensas, toda enferrujada e decrépita. Também dava para ver um caminhão estacionado em frente à casa deserta, com para-lama quase caindo e o teto afundado, além da grama amarelada, já na altura do joelho, que havia crescido ao redor da varanda.

A porta que batia e fazia barulho era a do celeiro. Abre e fecha, abre e fecha. Isso acontecia cada vez que o vento batia.

Acho que qualquer um teria saído logo dali.

Mas eu não. Como já havia dito, estava perdida e procurando por respostas para grandes perguntas sobre amor, perda e sentido da vida. “Darina tem uma missão”, podem dizer. Como quatro de meus amigos da escola Ellerton High morreram no período de apenas um ano? Jonas, Arizona, Summer e, agora, Phoenix. Isso não é estranho e trágico demais? Todo mundo ficou muito assustado, pode ter certeza.

E o último foi Phoenix – minha paixão adolescente. Eu fui apaixonada por esse cara, sem que ele soubesse, na maior parte do tempo. Mas por dois meses indescritíveis nós namoramos. No lugar onde foi esfaqueado coloquei uma flor em sua homenagem; foi ridículo. Junto dela, escrevi um bilhete: “Sentirei sua falta para sempre. Com todo o meu amor, Darina”, e isso não passava nem perto de tudo o que eu sentia.

Então decidi que faria aquela porta do celeiro parar de bater e daria uma olhada em volta da casa mal-assombrada. Queria entrar, ver como as pessoas viveram – que tipo de prato colocavam na mesa, em que tipo de cadeira sentavam.

Mas primeiro o celeiro. A porta era imensa e estava presa por um monte de pregos enferrujados. Dentro estava escuro. Dava para ver uns cabrestos velhos pendurados na parede, calças de montaria e uns arados e escovas cheios de teia de aranha.

Além disso, um monte de gente em pé, formando uma roda, cantando uma música, todos virados para um cara parado no meio. Não conseguia acreditar no que estava vendo quando olhei para ele, mas esse cara era Phoenix, sem camisa, tão real quanto eu mesma.

Phoenix havia morrido com uma facada entre as espáduas. A faca havia atravessado uma das artérias principais, e ele sangrou até a morte.

Um cara mais velho, de cabelo grisalho, entrou no meio da roda e colocou os braços nos ombros de meu namorado morto.

— Bem-vindo ao nosso mundo — disse ele.

Pá! A porta bateu forte atrás de mim. Pensei que meu coração fosse parar.

— Os Beautiful Dead! — cantava o grupo. — Você está conosco agora, bem-vindo! — Aquele com certeza era Phoenix e ele parecia completamente fora de si. Meio zozzo, como se não conseguisse manter seus olhos em foco.

As mãos do cara grisalho o seguravam.

— Você voltou — disse ele em tom baixo.

— Do além... — o grupo completou sussurrando.

Balancei a cabeça para ver se tudo desapareceria da minha frente. *Isso não pode estar acontecendo! Só pode ser uma brincadeira de mau gosto!*

Morte é morte; não há como voltar.

Ter balançado a cabeça não fez nenhuma diferença, e eu continuava testemunhando aquela situação.

— Ei, Phoenix, tá tudo bem — disse uma menina, indo em direção a ele. — Você se lembra de mim?

Como ele estava de costas, tudo que pude ver foi seu longo cabelo escuro.

— Cara, você se lembra de mim? — perguntou outro menino do grupo, depois outra menina, esta com cabelo claro na altura dos ombros.

— Tá tudo bem, Hunter resolveu tudo pra você — explicou a menina loira. — Este é o Hunter.

Era o cara mais velho que estendia a mão para cumprimentar Phoenix.

— Muita dor na viagem de volta? — perguntava ele, como um médico a seu paciente.

— Nada que eu não pudesse suportar — disse Phoenix.

Essa era a voz dele: não mais que um resmungo, profunda e meio preguiçosa. Ele relaxou os ombros largos como se doessem um pouco.

— Hunter cuida de todos nós.

O sorriso da menina loira me chamou ainda mais a atenção. Ei, eu conhecia aquele sorriso incrível e amistoso, apesar do cabelo mais comprido, mais cheio, e a pele mais pálida. Era Summer Madison. Eu estava vendo outra pessoa morte andar, falar e sorrir.

— Ele trouxe *todos* nós de volta — a menina de cabelo escuro juntou-se para dar explicações. — Hunter é quem mandar, cara!

Eu estava ouvindo, mas não olhava para ela nem para Hunter. Continuei olhando fixamente para Phoenix. Meu coração não poderia continuar batendo desse jeito sem saltar para fora da minha caixa torácica, sério.

Queria correr até ele, tocá-lo, beijá-lo e tê-lo em meus braços, mas estava completamente apavorada.

— Por quê? — Phoenix queria saber. Ele já havia recuperado o equilíbrio e o foco nesse momento e estava desconfiado. Seus olhos azuis acinzentados franziam-se numa expressão questionadora.

— Isso é com você — disse o cara que havia perguntado “lembra-se de mim?”, dando de ombros, e eu, então, parei de olhar para Phoenix tempo suficiente para ainda ver de relance seus olhos azuis e puxados e a boca grande: era Jonas Jonson.

— Você voltou por suas próprias razões — disse Summer. — Todos nós estamos aqui.

— Onde é *aqui*? O que está acontecendo? — perguntou Phoenix. Para ele, nada fazia sentido, nem para mim, espionando de fora.

— Fique esperto! — riu a menina de cabelo escuro, mas de um jeito carinhoso. — Não lhe disseram? Você é um de nós, Beautiful Dead!

— Arizona? — perguntou Phoenix, balançando a cabeça como eu havia acabado de fazer. — Como é possível?

— Eu tenho coisas para fazer aqui — respondeu ela com um meneio de cabeça. — Coisas para acertar.

Phoenix Rohr, Arizona Taylor, Summer Madison e Jonas Jonson. Os quatro adolescentes mortos da escola Ellerton High.

Tão lindos; todos eles, pálidos, e com aquele visual rebelde. A morte não lhes havia causado dano algum.

Amor e perda martelavam meu coração.

Pá! A porta abriu e fechou novamente.

Hunter caminhava em minha direção.

— Eu arrumo isso — disse ele ao grupo. — Precisamos consertar essa tranca, está me enlouquecendo.

O que posso dizer? Entrei em pânico.

Saltei para fora do lugar onde estava me escondendo e fui até a porta diante de Hunter. Já não me importava se ele me veria ou não: corri para fora e passei pela casa deserta, a caixa d'água e os choupos, e nem olhei para trás.

— Aonde você foi? — Laura estava na minha frente no momento em que bati a porta do meu carro.

Estava subindo pela entrada da garagem quando ela apareceu de repente.

— Lugar nenhum, saí de carro. — Sabia que a resposta a deixaria intrigada, mas foi tudo o que consegui dizer naquela hora, e ainda assim foi melhor que dizer “Vi quatro pessoas mortas andando e falando”.

— Você não pode ficar dirigindo à toa — ela continuou implicando, enquanto eu subia os degraus em direção à porta. — Você sabe como a gasolina está cara.

Não respondi nada. Joguei minhas chaves na mesa da cozinha.

— Darina; fiquei preocupada com você.

— Não precisa — respondi, indo para o meu quarto.

Laura me cortou.

— Estou preocupada — insistiu. — Você não fala nada, não come.

— Não estou com fome.

— Você tem dormido direito?

Sim, estou dormindo agora mesmo e tendo um pesadelo. Alguém me acorde!

— Darina, fale comigo — disse ela.

Eu não conversava muito com minha mãe, não desde a mudança de Jim para cá há quatro anos. Não há nada de errado com Jim, mas também não há nada muito certo. Sr. Sem Graça, o homem da tecnologia que viaja pelo estado vendendo *notebooks*.

— Sei que está chateada — suspirou Laura.

Chateada? Talvez “devastada”, “arrasada”, “em pedaços”. Como se alguém tivesse feito um buraco em meu coração, minha cabeça ou qualquer que seja a parte do corpo que comanda quem eu sou. Encarei-a e tentei fazer com que meus lábios parassem de tremer.

— O enterro dele é na terça — disse ela baixinho. — Brandon foi à loja ontem para comprar um paletó escuro.

— Diga o nome dele, por que não consegue? — O sofrimento me deixava irritada. — O nome dele é Phoenix! — *Era Phoenix. É Phoenix.* Afinal, eu o havia visto no celeiro ou não?

Geralmente Laura me encheria o saco se eu falasse de maneira desrespeitosa com ela, e nós acabaríamos brigando. Mas hoje ela deixou para lá.

— Você quer que eu escreva para o diretor e peça uma dispensa?

Eu dei de ombros; não iria à escola de qualquer jeito.

— Preciso dormir — disse a ela. Minha cabeça estava girando. — Se não dormir, vou ficar louca. — Já *estou* louca.

Quando Laura me deixou passar, finalmente cheguei ao quarto. Pulei na cama, fiquei olhando para o teto e me esforcei para bloquear tudo o que havia visto no celeiro. Realmente eu não havia dirigido até Foxton, estacionado e andado pelo meio dos choupos com suas folhas amareladas flutuando. Não ouvira uma porta batendo e andara até a encosta.

Pulei essa parte do dia e voltei para a tarde que havia passado com Logan na casa dele, sentados quietos e tristes, os dois.

— Phoenix não era um cara violento — falei, depois de séculos sem dizer nada. — Ele não costumava se meter em brigas.

Logan e eu estávamos do lado de fora, na varanda. Havia garrafas de cervejas vazias enfileiradas na grade, as botas empoeiradas do pai dele estavam jogadas debaixo do balanço.

— Talvez você tenha razão.

— A gente tinha combinado de se encontrar — continuei. — Era sexta-feira, eu estava esperando Phoenix no meu carro ao lado do riacho Deer, enquanto o sol se punha, mas ele não apareceu. Por quê? — perguntei a Logan, enquanto lágrimas escorriam pelo meu rosto gelado. — O que aconteceu exatamente?

— Todos estavam com facas — disse ele com calma. — Phoenix também.

Balancei a cabeça, negando.

— Não quero ouvir isso.

— É verdade, Darina. Phoenix não era nenhum santo, pode acreditar em mim.

Foi quando decidi ir embora. Ao me levantar, acidentalmente derrubei algumas garrafas vazias que se quebraram ao bater na pedra que havia embaixo da varanda.

Logan me seguiu pelo caminho de cascalho que levava à estrada.

— Por quanto tempo você e Phoenix ficaram juntos? — perguntou. — Seis semanas, talvez dois meses?

Eu não ia responder, e meu choro agora vinha com raiva.

— Então como pode achar que o conhecia tão bem? — insistia. — Conhecia *mesmo*?

Entrei no carro e bati a porta.

Logan se curvou para a frente e segurou a direção com força.

— Há quanto tempo nos conhecemos? A vida inteira. Confie em mim, Darina, eu não lhe diria nada que não fosse a mais pura verdade.

— Então, o que está querendo dizer? — retruquei, depois de dar a partida. — Que meu namorado fazia parte de uma gangue, andava com uma faca e merecia morrer?

— De jeito nenhum! — Logan fez que não com a cabeça. — Nem Jonas merecia se acidentiar de moto, nem Arizona se afogar no lago, ou Summer...

— Chega! — gritei. Quatro mortes em um ano. — Não precisa me lembrar, obrigada. Agora solte a direção.

Logan Lavelle e eu nos conhecíamos desde o jardim de infância, só que ele não estava entendendo nada da situação.

— Pensei que fosse entender! — esbravejei, enquanto pisava no acelerador e saía em disparada de sua casa.

Na sexta-feira anterior, havia esperado por Phoenix por uma hora perto do riacho. E então Logan chegou de carro para me procurar.

— Tem uma briga acontecendo na cidade — ele me avisou. — Das grandes. Brandon está lá brigando. E Phoenix também.

Não acreditei no que Logan estava me dizendo até ter ultrapassado todos os limites de velocidade na estrada em direção a Ellerton. Estava brava com Phoenix por não ter me enviado uma mensagem dizendo que não

chegaria, e estava com um nó na garganta, preocupada com o irmão mais velho de Phoenix, Brandon, que poderia fazer algo verdadeiramente descontrolado dessa vez. Então, fui à cidade, mas era tarde demais. A briga havia terminado e havia sangue no chão.

— Acho que consigo arranjar um terapeuta para você — ofereceu Laura quando eu estava indo para a escola no dia seguinte. — Vou dar um jeito de conseguir dinheiro.

— Parece que eu preciso de terapia? — respondi bruscamente.

Ela inspirou profundamente enquanto eu saía da casa, descia a escada e entrava no carro. Fiz uma lista mental enquanto estava na estrada.

Principais razões para estar triste: meus pais se separaram quando eu tinha doze anos. Meu padrasto é um imbecil. Minha escola é um saco e há uma nuvem negra de azar que está matando todo mundo. Meu namorado acabou de morrer...

Lágrimas escorriam pelo meu rosto. Estava acabada e não conseguia enxergar ninguém que pudesse me ajudar a começar de novo.

Logan pensou que poderia, veio até mim enquanto eu parava o carro no estacionamento da escola. Alto, bronzeado, cabelo castanho encaracolado — e ele era tão loirinho quando estava na pré-escola.

— Ei, Darina.

Bati a porta do carro.

— Não acabamos de brigar? — refresquei sua memória.

— Sim, e peço desculpas, mas você entendeu tudo errado. Eu não estava dizendo que Phoenix merecia o que aconteceu com ele, ou que isso ia acabar acontecendo mais cedo ou mais tarde.

Entramos juntos na escola, eu ligeiramente na frente de Logan, tentando me afastar dele. Mas sua última frase me tocou de alguma forma. “Mas é isso mesmo que todo mundo em Ellerton High está dizendo: ‘Phoenix

era igualzinho à Brandon; eles são irmãos, mesmo DNA, mesmo código genético defeituoso’.”

— Não, eles não são. Não seja paranoica. — Logan implorou, correu na minha frente e impediu que eu continuasse andando no corredor. — Não, não quis dizer isso, de novo. Não foi uma crítica. O que quero dizer é que seus sentimentos estão completamente confusos neste momento. É compreensível, é difícil pra você, eu sei que é.

Suspirei e saí como um resmungo.

— Logan, eu só estou tentando colocar um pé na frente do outro. Precisamos *mesmo* conversar?

Ele cedeu e me deu passagem.

— Se precisar falar comigo, é só mandar uma mensagem — disse finalmente.

Entreí na classe e, por um milésimo de segundo, vi Phoenix sentado no parapeito da janela, suas longas pernas esticadas sobre a mesa, um pé cruzado no tornozelo. Ele sorriu para mim.

Eu estou louca!, disse a mim mesma pela centésima vez desde Foxton.

Eu estava então cercada de gente. Havia perdido meu fantasma de vista entre abraços e puxões. Meu namorado acabava de ser esfaqueado e morto, e eu era a sensação do mês na escola.

Isso foi antes da reunião extraordinária no centro de mídia de alta tecnologia da escola. O diretor havia reunido todos os alunos no anfiteatro.

— Estamos aqui para compartilhar o luto pela morte repentina de um dos alunos do último ano do ensino médio, Phoenix Rohr, que aconteceu nesse fim de semana — começou o Dr. Valenti.

Não havia uma única pessoa em Ellerton que já não soubesse da notícia. Estava sentada entre Jordan e Hannah, olhando bem para a frente. Eles me olhavam de soslaio como se eu fosse feita de vidro e alguém pudesse me derrubar a qualquer momento.

— Ainda há muita confusão a respeito do falecimento de Phoenix — continuou o dr. Valenti, em cima do palco com seu terno cinza, falando palavras igualmente cinzas. — Mas o que de fato sabemos, sem sombra de dúvida, é que sua falta será tristemente sentida por todos aqui presentes.

Ouvi algumas pessoas chorando. Pisquei e vi Phoenix parado ao lado do dr. Valenti, sorrindo para mim, novamente.

Vi uma vez — tá bom, eu estava enlouquecendo. Pela segunda vez, fui obrigada a prestar atenção. Meu coração tentou saltar pela boca de novo.

O diretor falou amenidades e nos pediu para fazermos um minuto de silêncio.

— Vamos abaixar nossas cabeças em respeito — disse. — E, enquanto pensamos em Phoenix, que também tenhamos em mente os outros que perdemos este ano. Nós nos lembraremos de Jonas, Arizona e Summer, e eu, por minha vez, pensarei neles enquanto estiver realizando as tarefas do dia de hoje.

Um dia péssimo. E que tal pensarmos neles para o resto da vida, Dr. Valenti?

Pisquei de novo e vi que Phoenix não estava mais lá.

Volte! Eu pensei. Mas meu coração logo parou de tentar sair pela boca. Eu sabia que continuaria vendo coisas estranhas.

Todos nós abaixamos a cabeça por exatos sessenta segundos — e então, acabou.

— Levante-se, Darina! — disse Jordan baixinho em meu ouvido.

As milhares de cadeiras interligadas fizeram barulho ao mesmo tempo quando todos se levantaram para sair.

Se alguém me perguntasse sobre o resto do dia, eu não saberia dizer uma única coisa. Os amigos falavam comigo e eu não escutava. Minha professora de matemática achou que eu fosse desmaiar e me mandou para a enfermaria. Fiquei deitada na maca olhando para o teto, esperando ver o

rosto de Phoenix nas sombras formadas pela sequoia do outro lado da janela. Hannah veio me ver, e eu não falei nada. Nada me atingia. Tudo o que eu sabia era que Phoenix não apareceria novamente e que eu teria de encontrá-lo. Queria pegar o carro e ir até aquela velha casa que tinha o celeiro.

Acabada a última aula, havia um obstáculo na minha frente na forma de Brandon Rohr. Ele estava apoiado na porta do meu carro, braços cruzados, esperando por mim.

O que posso dizer é que Brandon era irmão de Phoenix, mas eles eram completamente diferentes. Eles nem se pareciam, a não ser por ambos terem mais de um metro e oitenta de altura. Brandon era o típico jogador de futebol americano, grandalhão, e Phoenix era um jogador de basquete, mais charmoso. O cabelo de Brandon era raspado bem curtinho, e o de Phoenix era mais comprido, quase chegando ao ombro. Brandon nunca sorria. Principalmente agora, três dias depois da morte de seu irmão.

— Entre no carro — ele me disse.

Eu me atrapalhei para abrir a porta e ligar o carro. Brandon sentou-se no banco do passageiro.

— Aonde vamos?

— Comece a dirigir.

Respirei fundo e fiz o que ele mandou. Logo estaríamos indo em direção oeste, para fora da cidade. Fiz com que minhas mãos parassem de tremer segurando firme no volante.

Brandon afundou-se no banco do carro, apoiou a cabeça no encosto e fechou os olhos.

— E então? — resmungou.

— E então? — saí da estrada pavimentada, pegando a primeira entrada, e fomos chacoalhando por uma estrada de terra, em direção ao lago Hartmann, onde Arizona havia se afogado.

— E então agora é sua chance de fazer algumas perguntas — responde Brandon. — O que quiser saber.

Fiz uma careta de dúvida, desacreditando que a compaixão fosse o estilo dele. Mas eu queria saber — havia tantos detalhes ainda nebulosos.

— Sim, Phoenix... ele morreu imediatamente? — No lugar onde eu havia visto sangue, do lado do posto de gasolina.

Minha voz não era mais que um sussurro. Tive de repetir a pergunta três vezes até Brandon conseguir entender.

— Não, nós o levamos ao hospital, mas eles não conseguiram reanimá-lo.

— Ele estava consciente?

Brandon fez que não com a cabeça.

— Só nos dois primeiros minutos. Ele estava perdendo muito sangue, então desmaiou.

— Ele... ele falou alguma coisa?

— Sobre você? — A pergunta, feita por Brandon dessa maneira, fez com que eu parecesse uma pessoa horrível e egoísta. E ele nem abria os olhos.

— Sim, ele disse alguma coisa sobre mim?

Brandon permanecia na mesma posição enquanto chacoalhávamos e batíamos na estrada de terra que levava ao lago.

— Ele me pediu para vir falar com você.

— Para dizer o quê?

— Adeus, imagino.

Adeus. Duas sílabas.

— Só isso? — O lago estava bem à nossa frente agora; brilhante e prateado, por vários quilômetros nos dois sentidos.

— “Peça desculpas a Darina”. — Brandon repetiu a frase exata que Phoenix havia dito. Ele se endireitou no banco e olhou para a água. — Ele me fez jurar.

Meu coração saltou pela boca. Eu não conseguia dizer mais nada.

— Faça a volta com o carro — mandou Brandon, depois de mais de um minuto em silêncio olhando para o lago. — Volte para a cidade.

— Quem o matou? — perguntei, com a voz tão fraca quanto o gesto de Brandon para que eu parasse na frente de seu prédio.

Foi como se uma mordaca metálica tivesse fechado sua boca e prendido todas as informações dentro de sua cabeça. Brandon deu de ombros.

— Eu não faço a menor ideia.

— Mas você estava lá. Você viu tudo.

Ele negou com a cabeça.

— Você já brigou alguma vez?

— Não.

— Havia outros doze caras ou mais. Foi uma confusão de chutes, socos, empurrões. Alguém tinha uma faca e isso é tudo o que eu sei.

Brandon desceu do carro, apoiou um braço no teto e abaixou a cabeça para me olhar nos olhos.

— Vamos fazer uma vigília no riacho Deer, vários amigos do meu irmão e eu. Era o lugar preferido dele.

— Depois do enterro? — perguntei baixinho.

Ele fez que sim com a cabeça e foi embora.

Agarrei a direção e deixei a minha cabeça pender para a frente. Chorei.

Uma mulher que empurrava um carrinho de bebê passou. Ela parou, fez a volta e veio falar comigo.

— Como você está?

Levantei a cabeça.

— Bem, obrigada. — Mas era óbvio que não estava.

— Tem certeza? Precisa de alguma coisa?

Enxuguei o rosto com o dorso da mão.

— Não, estou bem.

A estranha continuou lá por mais um tempo.

— O que quer que seja, querida, amanhã tudo estará melhor. E no dia depois de amanhã, tudo ficará um pouco melhor.

— Obrigada — disse a ela. Ela talvez fosse sete ou oito anos mais velha que eu, com um bebê e uma vida pela frente; marido, filhos, um lar. Ela sorriu com doçura, acenou com a cabeça e continuou seu caminho.

Fiquei sozinha com meus próprios pensamentos loucos, repassando os acontecimentos, torcendo para olhar para o lado e ver Phoenix sentado no banco do passageiro, sorrindo e dizendo “Ei, Darina, que tal sair daqui com essa droga desse seu carro, vamos?”

“Para onde?”, eu daria um sorrisinho. “Qualquer lugar onde conseguir chegar. Vamos nos mandar daqui”, ele diria, passando o braço pela parte de trás do banco detonado do motorista, colocaria o pé no painel e recostaria no banco do passageiro.

Eu ficaria olhando seu rosto de perfil enquanto dirigia. Seus olhos estariam fechados, o vento jogaria seus cabelos para trás, afastando-os do rosto. Eu estaria completamente apaixonada por ele.

E assim, agora que Brandon havia ido embora, eu estava livre para ir a Foxtton novamente.

Vai!, disse a mim mesma. Por que não vai logo?

Em minha cabeça podia ver a casa vazia e o celeiro abandonado, ouvir a porta batendo e o farfalhar das folhas dos choupos ao vento. Talvez esse fosse o lugar onde tudo estivesse, e não em nenhum outro: dentro de minha cabeça traumatizada e pouco confiável. A casa existia? E como eu não a tinha visto antes nem ouvido ninguém falar dela?

Foxtton não era tão longe assim de Ellerton — talvez vinte e cinco quilômetros subindo uma estrada estreita nas montanhas. Havia meia dúzia de casas à beira de estradinhas secundárias e uma lojinha antiga de quinquilharias aonde ninguém nunca ia. Ah, e havia alguns chalés com vista para o riacho, ocupados nos fins de semana por pescadores e caçadores — em sua maioria vindos da cidade.

Certo, então eu poderia ir de carro a Foxtton e dar uma olhada nas coisas, poderia perguntar na lojinha se alguém sabia de alguma casa perto das árvores. Parecia que eu tinha um plano e resolvi colocá-lo em prática.

No fim das contas, o plano não era tão bom assim. Parei na lojinha de Foxtton e encontrei-a fechada, e um bilhete escrito à mão dizendo “Vende-se”, colado por dentro com fita crepe. A poeira da estrada entrou em meus olhos e eu voltei para o carro. Estava esperando encontrar folhas revirando em redemoinhos e acordes solitários de violão, como nos filmes de Clint Eastwood.

Droga! Dei a partida no carro e ouvi o motor engasgar. O medidor indicava que o tanque estava vazio, por causa de alguns quilômetros a mais que eu havia andado ultimamente.

“Sempre ande com mais gasolina no porta-malas”, o chato do Jim sempre dizia. “Nunca se sabe quando ela vai acabar”.

“Darina, Jim estava certo! Você deveria ter prestado atenção, pelo menos uma vez na vida!” — falei por entre os dentes, rejeitando a opção óbvia de lugar do celular para Laura. Ela ficaria muito brava, muito mesmo, e isso significaria o fim de minha expedição até a velha casa.

Saí do carro de novo e pensei muito sobre as outras opções. Pedir uma carona até o próximo posto. Sim, e ser pega por algum estranho e psicopata — muito arriscado. Chamar um amigo e pedir ajuda — parecia patético demais. E, mais que isso, faria um monte de perguntas.

— Ei, Darina — alguém me chamou.

Reconheci o sr. Madison à medida que ele parava na estrada com sua caminhonete esportiva. Ele era o pai de Summer, ainda de licença do trabalho como arquiteto para ajudar a esposa a lidar com o sofrimento pela morte da filha. Ele estava pálido e parecia exausto enquanto descia do carro.

— Algum problema? — perguntou.

— Não tenho uma gota de gasolina — admiti.

Ele compreendeu.

— Perdi a conta de quantas vezes disse a Summer para sempre se lembrar de levar um galão de combustível no porta-malas.

— Eu sei. Sou tão idiota.

— Ela também nunca ouvia. Ah... os adolescentes.

Eu me senti culpada por ainda estar respirando, coitado dele.

— Que sorte eu estar por aqui — disse o sr. Madison, pegando um galão verde no carro. Ele abriu a tampa e senti um forte cheiro de gasolina. Observei-o despejando o líquido transparente no tanque do meu carro.

— Com esse tanto você chega em casa.

— Obrigada — respirei aliviada, evitando encará-lo, lembrando-me de todas as noites de céu aberto que eu havia passado na casa desarrumada,

aconchegante, repleta de objetos de arte, que ficava fora da cidade, antes que Summer... bem, quando Summer ainda estava viva.

— De nada — disse ele com um esboço de sorriso. — Dê a partida para ver se está tudo bem.

Fiz o que ele pediu. Consegui dar a partida no motor e então já podia ir.

— Tudo certo — disse ele, subindo em seu carro. — Fico feliz de ter passado aqui. Cuide-se, Darina. — E então foi embora.

Eu poderia ter dito “estou indo ver o fantasma de Summer, sr. Madison. Ela está lá, perto da estrada de terra, junto com Jonas, Arizona e Phoenix, todos juntos, chamando uns aos outros de Beautiful Dead. O fato de o senhor estar aqui agora é uma coisa do destino. Por que não vem junto?”.

Mas ele já estava sofrendo demais, e eu suspeitava que o que eu tinha a oferecer era apenas pura loucura alimentada pela dor do luto, então fiquei apenas observando seu carro sumir na estrada.

E agora não havia mais obstáculos pela frente — eu precisava continuar e subir a estrada de terra, passando pelos chalés incrustados nos recortes das rochas de granito em frente à corredeira do riacho que passa pela floresta de pinheiros, com seus ramos de aroma forte. Eu havia saído da mata fechada de sombras compridas e fui ziguezagueando até a montanha em direção aos choupos.

Meu carro batia e passava por cima das pedrinhas que eram trituradas pelos pneus enquanto o carro derrapava nas curvas mais apertadas. Não havia casas nem outros carros, apenas um vasto céu noturno e a lua branca que começava a despontar.

Nenhuma casa até agora, pensei, quando senti que tinha ido longe o bastante. *E nenhum celeiro*. Procurei pelo lugar onde havia estacionado meu carro no dia anterior. Decidi que andaria mais duzentos metros, indo um pouco mais devagar e tentando encontrar pontos de referência.

E então cheguei a um bosque e vi uma trilha estreita à minha esquerda. Da mata fechada, um cervo levantou a cabeça assustado.

É isso! Reconheci a trilha que despontava de uma clareira entre uma série de choupos. Avistei o topo da caixa d'água do outro lado da encosta.

Saí do carro e segui o caminho da trilha, obrigando o cervo a se enfiar no mato prateado, e fui até as árvores que, com o vento, faziam um barulho que me lembrava um milhão de asas batendo.

O barulho das folhas era cada vez maior, apesar de ainda estarem a uma distância longa pelo caminho que eu fazia no meio do mato. Fiz um desvio da trilha, pegando a rota mais curta até o topo da montanha e descansando de novo na sombra da caixa d'água. Nessa parte, a terra formava um declive em direção a um vale amplo por onde corria um riacho.

Logo que cheguei, não vi a casa. Eu já estava me convencendo de que só poderia estar louca para ter imaginado tudo aquilo, que o sofrimento poderia estar pregando essas peças estranhas, como se minha cabeça estivesse tentando me deixar ainda mais deprimida do que já estava.

Estava pronta para desistir quando ouvi uma porta batendo e vi o celeiro destruído.

Meu coração bateu forte.

Pá! — de novo! As folhas farfalhando ainda me lembravam asas batendo, enchendo meus ouvidos com esse som forte. Fui tropeçando da sombra da caixa d'água em direção ao vale onde ficava o celeiro.

Mas ainda faltava metade do caminho para chegar quando vi duas pessoas trabalhando no mato da campina — dois caras consertando um buraco na cerca de arame farpado. Era uma coisa tão cotidiana que me esqueci de ficar com medo, até que o mais novo dos dois me olhou, e eu o reconheci.

— Jonas! — Minha voz saiu engasgada e áspera. Parei na encosta da colina e olhei para o perfil alto e magro dele.

Jonas Jonson havia ido com sua Harley pela estrada que sai da Centennial, com Zoey na garupa. Eles bateram, e Jonas morreu praticamente sem nenhum arranhão. Zoey ficou seis semanas em coma e ainda não se lembra do que aconteceu.

Jonas me viu e virou-se para o homem mais velho — o grisalho chamado Hunter que havia fechado a porta do celeiro em minha última visita. Logo em seguida Hunter colocou as ferramentas que estava usando no chão e subiu a colina em minha direção.

Eu mal podia respirar. Queria correr, mas não sabia que direção seguir.

Hunter continuou vindo em minha direção — um homem alto de cabelo grisalho e solto, vestindo uma camisa escura, de rosto pálido e sem expressão. Percebi que Jonas tentava sinalizar para que eu fosse embora.

Levantei os braços como se fosse me entregar.

— Olhe — disse para Hunter —, não sei quem você é nem o que está acontecendo, mas fique onde está, certo?

Ele parou a cerca de dez passos de distância e seus olhos escuros me fuzilaram.

— Eu vim para encontrar Phoenix — expliquei.

Outras pessoas começaram a surgir do meio dos choupos — duas meninas de vinte anos, uma de cabelo ruivo e curto e a outra de cabelo loiro e volumoso segurando uma criança. Também havia um cara magro e baixo com eles, e todos ficaram ao lado de Jonas.

— Phoenix — disse eu a Hunter com voz engasgada e desesperada. — Onde ele está?

Hunter continuou me encarando com os pés bem separados e as mãos na cintura.

Ele não reagia e eu não conseguia parar de olhar para seu rosto esquelético e olhos escuros que não piscavam.

Por que seu rosto era tão pálido? Caras que ficam ao ar livre assim como ele geralmente têm uma aparência mais saudável e ficam bronzeados depois de passar o verão trabalhando no sol.

Este foi o último pensamento claro que consegui distinguir antes que o barulho de asas batendo ficasse mais alto e enchesse a minha cabeça. Hunter me encarava, e as asas batiam, como um campo de força me empurrando de volta para o lugar de onde eu havia vindo. Uma sensação sufocante me tomou, seguida pelo pânico. As asas invisíveis estavam por todos os lados, me obrigando a lutar com os punhos para cima. Eu golpeava, mas não havia inimigo.

Sem ar, debatendo-me para um lado e para o outro, gritei para Jonas me ajudar.

Hunter nem olhou para trás. Ele parecia saber que Jonas não moveria um só músculo.

— Phoenix, onde está você? — gritei. Ele me amava e viria me salvar.

Mas algo que Hunter estava fazendo era mais forte que qualquer pedido meu. Ele me encarava e fazia com que milhões de asas batessem cada vez mais alto e, me forçando para trás, em direção à caixa d'água, eu cambaleava de volta para sua sombra.

— Onde estou? — gritei ofegante, enquanto me abaixava e usava as mãos para proteger a cabeça. — Por favor, alguém me diga o que está acontecendo!

Eu estava no chão, na mais profunda sombra quando, de repente, algo foi se aproximando de mim e aumentando de tamanho em meu campo de visão. Um rosto se aproximou com olhos tão escuros quanto a morte. Um rosto de caveira que se transformava e se dissolvia e não parecia estar ligado a nenhum corpo. E então veio outro, pior que qualquer pesadelo, tão próximo que meu coração quase parou. Gritei até não poder mais.



CAPÍTULO 2

Uma boa pergunta para fazer a um estudante de filosofia em busca de um projeto: quem inventou as cerimônias fúnebres e por quê? O que eles tinham na cabeça?

Seis caras da nossa classe carregaram o caixão de Phoenix pelo corredor da igreja, e Logan era um deles. A mãe de Phoenix, Sharon Rohr, ficou ao lado de Brandon, e Zak, o irmão mais novo ficou a esquerda dela. Zak usava uma gravata preta, e o colarinho engomado de sua camisa branca estava desajeitado. Os Rohr eram os únicos em toda a igreja que não choravam.

— Tudo bem? — Hannah me perguntou baixinho umas cem vezes.

Fiz que sim com a cabeça e fiquei olhando para a cruz no altar, tentando não ouvir as asas batendo e nem ver as duas caveiras vindo rapidamente e repetidamente na minha direção, o que fazia que meu coração quase saltasse pela boca.

— Do pó vieste e ao pó retornaras — entoava o pastor ao lado do tumulo quando saímos de lá.

A mãe de Phoenix jogou uma única rosa vermelha sobre o caixão que ia sendo baixado. Brandon permanecia ao lado de Zak e apoiava a mão no seu ombro.

Eu podia ouvir o barulho das asas ficando cada vez mais alto. Céu azul, dia tranquilo que em nada se parecia com um dia de despedida.

— Tudo bem? — Hannah e Jordan me perguntavam de novo.

Meneei a cabeça novamente em resposta. O cemitério atrás do pátio da igreja apoiava-se na encosta íngreme de uma colina onde mais de uma dúzia de amigos de Brandon estavam reunidos para assistir o enterro,

empoleirados nas pedras, de jeans e camisetas, velando por Phoenix a sua própria maneira.

— Vejam — gritei num sobressalto, apontando para uma pedra plana bem no alto. Lá de cima Phoenix olhava para nós que estávamos embaixo e, dessa vez, a expressão de seu rosto era bem séria.

— Que foi? Não vejo nada — disse Jordan contrariada e triste, pegando minha mão e trêmula e abaixando-a ao lado do meu corpo. Hannah passou seu braço em volta do meu ombro e me levou pra longe do túmulo.

Saí da cerimônia o mais rápido que pude, fui para casa, tirei a calça e a camiseta pretas e coloquei uma roupa de que Phoenix gostava muito: calça jeans e uma blusinha fresca e estampada.

Para minha surpresa Jim estava em casa conversando com Laura na cozinha.

— Você ficou muito pouco no enterro — disse Laura, atrapalhando meu objetivo de chegar à porta da frente.

— E daí? Você por exemplo nem apareceu.

— Quatro pessoas em um ano — disse ela, fazendo um sinal de reprovação. — É muita gente.

— Os Madison foram e os Jonson também. — Por algum motivo eu queria que Laura e Jim se sentissem mal.

— Mas sua mãe não é muito próxima dos Rohr — disse Jim. — Eles só vieram morar em Ellerton há um ano.

— Um pouco antes de tudo ter começado — suspirou Laura, empurrando o jornal para o outro lado da mesa, em minha direção. — Você sabia que eles finalmente deram um veredicto ao inquérito sobre o acidente de Jonas?

Peguei o jornal e li a manchete.

“Primeira das mortes adolescentes: motorista suicida dirigia a 140 Km/h.”

O barulho das asas começou de novo e foi ficando cada vez mais alto. Vi Jonas do mesmo jeito que estavam ontem, abaixando-se para atravessar a cerca, levando uma das partes do arame farpado.

— A família Bishop estava no enterro de Phoenix? — perguntou Jim.

Dei de ombros. *Asas, por favor, parem. Fantasmas parem de brincar com minha cabeça.*

— Acho que não — respondeu Laura. — No sábado eles foram busca Zoey, que tinha recebido alta no hospital. Eles devem ter ficado em casa cuidando dela.

Zoey amenina que estava na garupa da moto e minha ex melhor amiga, havia passado por quatro cirurgias desde o acidente. Dessa vez, os médicos acreditavam que ela conseguiria andar novamente.

— Imagine o que eles devem ter pensado sobre o veredicto de direção irresponsável. — Jim precisava afirma o obvio como era de costume. — Se Jonas não estivesse indo tão rápido, isso nunca teria acontecido com a filha deles.

— Conheço o Bishop há muito tempo — disse Laura. — Eles são pessoas muito boas.

Percebi a diferença de tom imediatamente no modo como falavam dos Bishop e fiquei muito irritada.

— Querem dizer que os Rohr não eram boas pessoas? Estão querendo dizer que eles te um filho com ficha criminal e que ninguém queria que eles mudassem para cá, especialmente quando souberam quando Brandon já tinha sido preso?

— Não foi o que ela disse — observou Jim, que pegou o jornal e guardou-o na porta-revista.

— Nem precisa dizer — acusei. — Ela nunca foi sincera o suficiente para admitir que eu namorasse Phoenix, mas era totalmente obvio e talvez esteja ate feliz com a morte dele!

— Darina! — Laura levantou-se em protesto. — Isso não e verdade. Eu nunca desejaria isso a ninguém. E fico triste por você...

— Só estamos querendo dizer que você precisa se acalmar — interferiu Jim, cometendo um grande erro. Se ele tivesse deixado eu e Laura provavelmente teria ficado tudo bem.

— Vocês estão querendo dizer que eu estou exagerando, fazendo escândalo? — gritei. — “Lembre-se de que você só namorou Phoenix por alguns meses. Supere isso, acabe logo com isso?” É isso que vocês querem dizer?

— Não é isso Darina. — Laura tentou se aproximar de mim.

— Você esta colocando palavras na boca da sua mãe — queixou-se Jim.

Saí resmungando. Para que tudo isso?

— Para mim chega — disse.

O sol já estava alto, fazendo as pedras de granito cor de rosa, que ladeavam a estrada estreita, ferverem enquanto eu ia de carro ate o riacho Deer. Uma pipa vermelha planava numa corrente de vento bem lá na frente.

De longe eu já escutava a música que com que pretendiam homenagear o amigo morto — dava para escuta a quase um quilômetro de distância, reverberando nas rochas que ao lado da água que corria cristalina. Um som alto e metálico com uma batida pesada — bem no estilo de Brandon não de Phoenix. Tão despropositado que quase foi embora.

Mas havia outros carros logo atrás do meu. O pessoal se pendurava na janela, roncava o motor e gritava para ir logo de uma vez.

— Vamos para a festa! Vai logo, Darina!

— Phoenix ia gostar muito disso. — Algumas meninas do último ano estavam sentadas ao lado do riacho enquanto eu saia do carro. Os cabelos e a roupas delas pingavam como se elas tivessem nadado de roupa.

— Ele não ia gostar de todo mundo de preto e todo aquele sofrimento — alguém concordou. — Ele ia querer que a gente se divertisse.

Como você sabe? Você chegou a conversar com ele alguma vez? Passei direto por ela e fui cumprimentar Brandon.

— Você veio. — resmungou ele, levantando uma das sobrancelhas. Já tinha tirado o paletó que tinha comprada na loja de Laura e havia afrouxado a gravata. Seus olhos estavam pesados como se não tivesse dormido uma semana inteira.

— Vim. Isso é surreal. — eu disse olhando para a galera dançada ao ar livre. Eles estavam agindo como sempre — os caras relaxados e as garotas rindo, disponíveis e cintilantes. Se parecia a coisa certa a fazer? Eu não sabia, estava confusa demais para saber.

— É assim que vamos nos despedir — disse Brandon enfiando a mão em um grande isopor, pegou uma lata e entregou para mim. — Divirta-se — ele disse saindo para conversar com uns caras que estavam chegando de carro.

As batidas da música quase explodiam a minha cabeça. Fui sentar em uma pedra com vista para o riacho. Fiquei lá olhando para a água transparente, talvez por um dez minutos. Até Brandon chegar e empoleirar do meu lado.

— E então, Darina?

— E então o quê?

— Como você está?

— Eu não estou bem — confessei. — Como esta a sua mãe?

— Nada bem, também. Vai levar um tempo — ele disse olhando para a correnteza. — Ela mandou para e-mail para o meu pai e ele não respondeu.

— Onde mora o seu pai? — Phoenix tinha me contando que os Rohr haviam se separado logo que Zack nasceu.

— Em algum lugar da Europa, Alemanha talvez. Acho que ele tenha se mudado. De qualquer maneira minha mãe não achou que ele não conseguiria vir ao enterro,

— Que pena. — disse baixinho.

—Então o que me conta? — perguntou Brandon mudando de assunto enquanto levantava para jogar a latinha fora. — Você nem foi dançar...

— Não fui.

— Nem entrou na água — Brandon certamente não queria que eu ficasse com aquela cara de tragédia, como se uma espécie de nuvem negra pairasse sobre a festa.

— Nadar talvez seja uma boa ideia — cedi. A ideia de pular no riacho e ficar totalmente submersa na água fria e profunda me seduziu repentinamente, então levantei, tateei até a ponta da pedra e dei um grande salto.

Fui atingida pelo choque com a água, indo até o fundo. Senti a correnteza rodopiando a minha volta, abri os olhos para o universo aquático de plantas e pedras escorregadias. Por alguns segundos foi como se eu não tivesse peso; fiquei à deriva, indo com a corrente. Depois peguei um impulso no leito do riacho, voltei à superfície e tomei fôlego, respirando profundamente.

Percebi que a água me carregava rápido demais rio abaixo, e que ainda não tinha pensado numa estratégia ainda.

— Você precisa nadar Darina! — gritou Jordan da encosta. — Pelo amor de Deus, comece a nadar!

Ela estava com Logan e Hannah em um lugar difícil de chegar, debaixo das árvores. Eu ia sendo rapidamente levada em direção das pedras.

Nadei com força contra a correnteza, só o suficiente para ficar na mesa altura que estavam Jordan e Hannah, enquanto Logan tirava os sapatos depressa. Antes que eu pudesse fazer qualquer coisa vi Brandon pular de pedra em pedra na encosta e mergulhar. Ele estava numa parte do riacho ainda mais abaixo do que eu, que já começava a perder forças e ia escorregando na direção de Brandon, engolindo água enquanto era arrastada para uma pedra imensa no meio do riacho. Submergi nas profundezas sombrias da água.

Enquanto eu cedia à força contrária da corrente, Brandon me agarrou pela cintura e me arrastou para a superfície, nadando na direção da enorme pedra esquisita. Ele me ergueu para a parte plana da pedra e subiu logo depois de mim.

E lá ficamos nós: eu, recém-resgatada de um quase afogamento, os dois encaçados no meio do riacho, agachados na parte côncava da pedra, como dois pigmeus descansando na palma da mão de um gigante.

Só fui fazer terapia para Laura parar de falar.

Isso foi depois de dois dias depois do enterro de Phoenix, eu não havia dormido ainda. Eu também não estava comendo e ela se convence que o acidente do riacho tinha sido um pedido de ajuda disfarçado.

— Por que você foi perguntar para ela? — perguntei a Logan que havia aparecido em casa no dia seguinte. Eu não quis falar com ele, que então sentou a mesa com Laura e Jim, responsáveis por arrancar toda a história dele: meu salto na água, o modo com a correnteza me levou e como Brandon havia feito o papel de herói pulando para me salvar. E como resto de pessoal pegou uma corda em uma caminhonete e arremessou para a pedra onde estávamos.

— Eu não gosto do cara, na me levem a mal — disse Logan a eles — Mas Brandon salvou a vida de Darina, sem dúvida nenhuma e foi ele quem teve a ideia da corda que o pessoal jogou.

— Meu Deus, ela esta querendo se suicidar! — Laura lamentou para Jim aquela noite, quando foram para o quarto onde eu conseguia ouvir tudo através da parede, fina como papel.

— É pior que eu pensava — concordou ele.

Na manhã seguinte eles marcaram uma sessão com a psicóloga da região.

O nome dela é Kim Reiss. Entrei às duas e meia rangendo os dentes já sabendo que eu não gostaria dela.

— Olá, Darina, sente-se — começou ela. A sala era iluminada e comum. Ela sorria calmamente, tinha maçãs do rosto proeminentes e um corte de cabelo até bonitinho. Uma cicatriz de três centímetros me fez perguntar como ela teria conseguido aquilo. — Vou contar sobre o método que uso e veremos se você sente confortável com ele.

Sentei-me e olhei para a janela, dando a entender que eu não estava interessada em nada disso. *Eu nem queria estar aqui* — era o que meu corpo dizia.

— Nós usaremos uma coisa que se chama terapia cognitiva — explicou Kim — Não é psicanálise profunda; nosso enfoque será no que perturba você agora, neste momento, e trabalharemos estratégias praticas para lidar com isso. Muito simples, prometo.

Olhei para ela.

— Meu namorado foi assassinado. — disse numa voz pouco expressiva. Então olhei para a fora rapidamente para a janela de novo, antes que ela conseguisse me olhar nos olhos.

Quero ver se você aguenta essa — meu corpo dava o recado.

Ela não reagiu. Esperou.

— Ele foi assassinado, mais eu ainda o vejo.

— Qual era o nome dele?

— Phoenix Rohr. Foi uma briga. Eu estava esperando por ele na saída no riacho e ele não apareceu. — Por que eu estava contando isso tudo? Eu só

havia ido até aqui por que Laura já tinha pagado a sessão. — Tinha sangue no chão... ele não me ligou.

Kim ainda me observava esperando.

— Não diga que sente muito — avisei. — Eu sinto muito, *você* sente muito, todo mundo sente muito.

— Mas você o vê? — essa foi à segunda pergunta bem no alvo.

— Você imagina que seja nos meus sonhos, não é? As pessoas sonham com aqueles que perderam. Eu sei disso.

— Não é nos seus sonhos? — perguntou Kim no ato.

— Quando eu estou acordada — eu insisti. — Tão acordada como estou agora. Vejo todos eles: Jonas, Arizona, Summer e Phoenix. Eles estão vivos mesmo, e bonitos ainda. Não são cadáveres.

— Fantasmas? — perguntou.

— Não, mais sólidos, mais reais, sorriem e falam. Um tal de Hunter assustador toma conta deles. Eles são os Beautiful Dead.

O olhar de Kim não hesitava. Ela não parecia pensar que eu estava louca.

— Você amava Phoenix? — perguntou delicadamente.

— Demais, nem sei como explicar.

Ele sabia exatamente o que eu sentia e vice-versa. Nós baixamos a guarda, desde o primeiro beijo. Éramos completamente abertos.

— Você se sente perdida sem ele?

Enquanto eu concordava lágrimas corriam pelo meu rosto.

— Palavras não dão conta do luto — concordou Kim. — Não temos vocabulário para expressar o que sentimos em sua totalidade. É muito

comum passarmos por isso que você está passando agora, ver Phoenix nos lugares onde sempre você o viu, achar que ele está lá.

— E em lugares que nunca fomos? — Eu já pensava no celeiro antigo em Foxton, mas não estava pronta para pôr as cartas na mesa sobre esse assunto.

— Nesses lugares também — ela disse. — Phoenix está ocupando todo o seu pensamento agora. Ele pode aparecer em qualquer lugar onde você esteja.

— Também é comum que tudo pareça verdade? — busquei confirmação. Talvez fosse isso mesmo — Talvez eu estivesse tendo alucinações como uma doida por esta sofrendo tanto com o luto. Não estava exatamente louca, apenas vivendo as consequências da tristeza.

— Traumas são coisas complicadas — explicou minha nova psicóloga. Eu estava até gostando dela, no fim das contas. Eu não iria precisar falar sobre meu relacionamento conturbado com a Laura, nem ela não iria se intrometer onde não era chamada. — Eu poderia dizer que é até saudável você se lembrar de Phoenix tão vividamente, por que faz muito pouco tempo que ele morreu.

— Obrigada — fiquei em silêncio. O que ela me diria a respeito de Jonas, Arizona e Summer? Eu queria perguntar.

E o som das asas em minha cabeça, as caveiras, e Hunter me olhando de um jeito como se pudesse me matar?

— Eu sugiro que você não se estresse muito com esse assunto, e, enquanto isso, conversaremos com mais detalhes sobre o que você pode fazer para se cuidar melhor.

Até agora, minha conselheira estava muito calma, sem fazer qualquer pressão, e eu me sentia agradecida. Conversamos por um longo tempo sobre a reconstrução de um padrão saudável de hábitos alimentares e de sono, concordando que eu voltaria em uma semana.

— Não se cobre tanto, Darina — aconselhou Kim enquanto eu me levantava para ir embora. — Lembre-se de que é humana.

— O que isso quer dizer?

— Esteja disposta a contar com as pessoas. Esteja pronta para colapsos nervosos e também para pedir ajuda. Há muita gente para apoiar você por aí.

Pisquei e concordei.

— Ótimo. Vejo você na próxima quinta. Chegue aqui às quatro e meia.

Lá fora na sala de espera eu quase passei direito por Zoey na cadeira de rodas.

— Por que está aqui? — meu tom foi um pouco desafiador quando a vi, mas não pretendia parecer tão pouco amigável.

— Também pergunto a você — respondeu ela. — Está ficando louca como todo mundo?

Eu não via Zoey há quase um ano. Ela parecia completamente diferente, bem mais magra, e seu cabelo loiro havia crescido e retomado o castanho natural. E, claro, estava na cadeira de rodas, além do ar assustado de seus olhos escuros.

— Não, estou bem — menti. — Como você está?

Zoey deu de ombros.

— Eles colocaram placas de aço em minhas pernas e pinos em dois lugares na minha coluna para que eu possa ficar em pé. Estou bem.

Era tão terrível que sorrimos.

— Zoey, eu sinto mui...

— Não fale isso.

— Tá bom. — Houve um longo intervalo até que alguma de nós resolvesse falar. — Vim conversar — disse a ela.

— Fiquei sabendo sobre Phoenix — disse ela.

— Muitas vezes — ignorei-a e continuei —, depois do acidente, eu fui ao hospital. Todas as semanas em que você esteve em coma eu estive lá e fiquei sentada ao seu lado.

Zoey fez uma cara séria.

— Ninguém me contou.

— E, depois que você acordou, seu pai não me deixou ir mais e disse que você estava muito debilitada para receber visitas.

— Olhe, eu não me lembro de nada. Sério mesmo, nada!

Fiquei chocada.

— Mas você me reconhece? — quis confirmar.

— Claro Darina. Eu me lembro da época antes e de muitas coisas desde o acidente, mas o momento em que o acidente aconteceu é um buraco negro. Por isso estou aqui: TEPT.

Transtorno de Estresse Pós-Traumático. A coisa que os soldados em zonas de guerra têm. É um rótulo bonitinho para coisas loucas e violentas acontecendo na cabeça.

— Você vai voltar a me visitar? — perguntou Zoey, com um olhar que me pedia para dizer que sim.

— Se seus pais deixarem.

— Não ligue para o que eles dizem. Venha e pronto. — disse ela, apertando um botão e virando a cadeira em direção à porta de Kim que se abria. — Fale comigo sobre o que aconteceu, Darina. Você precisa me ajudar a lembrar.

Naquela noite, tive o mesmo sonho/pesadelo/visão — chamem do que quiserem. Eu estava em sono profundo, lutando para permanecer nele, mas os rostos da morte me acordavam, caveiras com seus olhos negros

esburacados. Eles rodopiavam para perto, e eu acordava num sobressalto. Sentei-me no escuro, ouvindo uma tempestade de asas batendo.

Cedinho na manhã seguinte, fui de carro até Foxton, como se estivesse possuída.

Agarrei a direção e me debrucei sobre ela na esperança de que meu velho carro fosse mais rápido colinas acima, fazendo curvas fechadas, cantando os pneus e espalhando terra para todos os lados à medida que a estrada pavimentada ficava para trás.

Larguei o carro de qualquer jeito perto dos muitos choupos, e corri pelo mato alto até a encosta. Lá estava a caixa d'água suspensa e o barranco que ia em direção a casa e ao celeiro. O caminhão enferrujado ainda estava estacionado ao lado da casa e, então, a porta do celeiro fechou-se com um estrondo.

Afaste-se! Diziam as asas em minha cabeça, como um imenso bando de pássaros levantando voo no céu. Ultrapassando os limites da loucura, ignorei-os e corri colina abaixo, passando a cerca recém-concertada e indo em direção ao celeiro.

Esperava ver Hunter a qualquer momento. Ele poderia surgir de dentro da casa, andando a passos largos em minha direção e me encarando, enviando caveiras que corressem atrás de mim para me matar de medo. Ou ele estaria no celeiro com os outros — aquelas mulheres com seus filhos, o menino mais novo e meus amigos, alunos da Ellerton High.

Mas não — ninguém me interrompia à medida que eu passava cada vez mais devagar ao lado da casa que parecia vazia, com suas janelas sujas, a pintura descascando da moldura. A porta verde-clara estava firmemente fechada.

Abaixei-me em direção à porta e virei à maçaneta. Estava trancada. *Afaste-se! Não se aproxime!*

Espiei através da janela mais próxima e vi um velho fogão a lenha e uma mesa vazia. Uma fileira de pratos verdes e brancos estava alinhada em um armário. Uma chaleira de ferro empoeirada estava em uma das bocas do fogão e também havia uma grelha que deve ter sido acesa pela última vez há

muitas gerações. Atravessar a porta trancada seria como viajar para cem anos atrás; a poeira densa como se tivesse um século de idade.

Voltando da casa, atravessei o jardim e, dando a volta, fui até a parte traseira do celeiro. Na parte de baixo, ao lado, notei um antigo poste de amarrar cavalos com plantinhas amarelas crescendo à sua volta e, no fundo, um emaranhado de espinheiros e agaves diante de uma pequena campina de mato comprido e prateado.

Parei novamente para entender por que eu tinha vindo e se deveria continuar. Para começar, isso não era o que Kim queria dizer com tomar conta de mim mesma. Eu não havia dito a ninguém aonde eu ia e estava lá sozinha, vivendo um pesadelo, e não o dividia com ninguém. Sem confiar em absolutamente ninguém — nem em mim mesma.

Em segundo lugar, eu poderia estar confusa mesmo. Algumas coisas poderiam ser mesmo reais e outras, não. Por exemplo, ver Phoenix em todos os lugares — na escola e em seu próprio enterro — poderia ser parte de um estresse pós-traumático sem sombra de dúvida. E Hunter poderia ser uma pessoa de verdade. Talvez ele fosse um ermitão que detestava intrusos, dono desse lugar destruído. Nesse caso, ele bem poderia estar em seu direito de me expulsar de sua propriedade.

Mas não era só Phoenix. Eu também tinha visto Summer, Arizona e Jonas, na primeira vez no celeiro, antes que Hunter tivesse me visto e eu tivesse fugido como louca dali. E depois havia visto Jonas de novo. Era a segunda vez!

Claro, essas pessoas eram importantes para mim — principalmente Summer. Mas por que eles iam aparecer para mim agora? Minha cabeça já não estava cheia de tristeza pela morte de Phoenix?

Por que não antes, quando morreram?

Eu os havia ouvido falar e tinha visto o olhar atordoado de Phoenix quando deram as boas-vindas a ele no centro do círculo, retornando do túmulo para o mundo dos Beautiful Dead.

Hunter havia ajeitado as coisas para que ele voltasse, de acordo com a explicação de Summer. Hunter era o chefe.

Aquilo tudo aconteceu, tenho certeza! — disse a mim mesma. Eu havia visto Phoenix nesse celeiro, rodeado de pessoas que estavam de fato mortas.

Continuei andando em frente, atravessando os arbustos até encontrar uma porta estreita em direção ao celeiro — provavelmente usada para levar os cavalos para fora —; suas dobradiças estavam bambas e rangeram assim que abri a parte de cima para escalar até conseguir entrar.

O celeiro estava escuro e tinha cheiro de mofo, como antes. Vários fardos de feno haviam se soltado em todo o chão de terra, e havia um antigo ninho de andorinha abandonado na calha. A porta grande da frente bateu.

Não há ninguém aqui, sussurrei para mim mesma, sentindo-me um pouco frustrada. A fina trama das teias de aranha estava intocada, e o silêncio parecia completar a cena. *Inventei tudo aquilo*, pensei.

E por um segundo me senti aliviada — quase livre.

E então a porta se abriu e vi o reflexo de um pequeno objeto de metal no chão próximo à entrada. De início pensei que fosse alguma parte caída do arreio de cavalo feito de latão que estava pendurado em ganchos ali perto. Mas parecia novo e reluzente demais. Fui até lá para pegá-lo, virei-o entre minhas mãos e reconheci o símbolo da Harley estampado na fivela de aço.

Examinei a caveira no logotipo da Harley Davidson e a sua frase “Mantenha-se sempre fiel à essência” — o ícone dos motociclistas. A fivela em minhas mãos fez meu coração acelerar.

— Jonas! — sussurrei. Eu apostaria minha própria vida que isso não era coincidência e que essa era a fivela dele.

E, então, enquanto estava parada no escuro do celeiro com a fivela do cinto de Jonas nas mãos, o som das asas batendo começou de novo e senti que havia alguém lá fora.

Segurei a fivela com força e corri em direção à porta do estábulo, forçando o ferrolho para chegar ao outro lado, mas estava tão enferrujado que tive de escalar de novo para sair e alguém estava entrando no celeiro neste momento — talvez o próprio Hunter em busca de intrusos. Entrei em

pânico de novo e, toda atrapalhada, perdi o equilíbrio e caí para trás por cima dos restos de feno.

Passos se aproximaram e outra mão agarrou a minha para me ajudar a levantar, segurando-me com força.

Olhei para o rosto que tanto amava.

— Sente-se aqui — disse Phoenix delicadamente.

Sentamos de pernas cruzadas no chão de terra, cercados de feno. Segurei suas mãos e olhei para os lindos olhos azuis acinzentados. Tão lindo — todo ele, a pele clara e macia, a testa alta, o cabelo escuro e grosso, a leveza dos olhos, a boca sorridente. E o corpo — eu sabia a largura exata dos ombros e conhecia a curva forte do peito como se fosse parte de mim.

— Fiquei esperando você na beira do riacho Deer — disse a primeira coisa inútil que me veio à cabeça.

Ele acariciou minha bochecha com o polegar, um gesto que eu amava.

— Ah, Darina, desculpe-me... — disse suspirando.

— Sinto tanto a sua falta, dói tanto. É mais que um incômodo, é uma dor aguda, como se tivesse levedo uma facada no peito.

— Eu daria qualquer coisa para que isso jamais tivesse acontecido — ele me jurou em um suspiro, chegando mais perto para me beijar na boca. — Não aguento ver você sofrendo tanto.

Beijei seus lábios frios e inspirei seu ar para dentro de mim.

— Aonde você foi? O que está acontecendo? — perguntei em desespero.

Phoenix continuou a me pedir desculpas e a beijar meu rosto, minha boca, meu pescoço. Passei a mão por seus cabelos macios e apoiei os dedos em sua nuca.

— Diga-me — pedi. Senti que estava à beira de um precipício, que estava caindo, apesar de o chão estar bem firme.

— Não consigo explicar — ele me disse. — É contra as regras. Na verdade, eu nem deveria estar aqui falando com você agora.

— Quais regras? Regra de quem? — Eu estava desesperada para que tudo fizesse algum sentido, para que eu pudesse continuar a tocá-lo e a falar com ele.

— Hunter — respondeu, franzindo o rosto e olhando por trás de seu próprio ombro. — Ele cuida de nós. Não podemos agir como queremos, e é ele quem nos diz o que fazer.

Olhei para ele um longo tempo sem falar. Depois eu agradeci por quebrar essa regra de não falar.

Seu rosto relaxou em um risinho malicioso.

— É disso que gosto na nossa relação, Darina. Nós dois nunca nos prendemos muito às regras, não é?

— Não mesmo — eu concordei.

— Foi isso que eu sempre amei em você; isso e seus olhos. Eu já lhe disse que contemplar seus olhos como mergulhar no chocolate? Eu poderia me afogar neles e morrer feliz.

— Não tem graça nenhum! — protestei. Confuso demais. Eu estava falando com Phoenix. Ele estava vivo ou morto? — O que aconteceu com você? Pode me dizer?

Ele negou.

— Só sei que teve uma briga feia. Não faço ideia da razão da briga, só sei que Brandon estava lá no meio e eu precisava ajudar. Não sei como fui esfaqueado.

Agarrei suas mãos e fiz com que olhasse em meus olhos.

— É para isso que voltou, para descobrir exatamente o que aconteceu?

— Sim, fui escolhido.

Senti a dor por trás de suas palavras calmas, um medo hesitante em seus olhos. E eu ainda estava lutando com minha própria confusão de sentimentos.

— Mas você morreu mesmo? — perguntei.

Segure as mãos dele. Não o deixe ir.

À medida que me dizia que sim, uma mecha de cabelo caiu sobre sua testa suave.

— Você já ouviu falar do limbo? É o lugar aonde as almas mortas chegam, acho que é uma espécie de sala de espera. Fiquei lá por um tempo e depois fui trazido de volta, assim como Jonas, e as duas meninas. Se tem uma coisa que posso dizer é que dói demais.

— Isso é tão estranho! — interrompi. — Estou ouvindo você, tocando em você e ainda me diz que você não está mais vivo. Mas também não está morto...

— Entre uma coisa e outra — insistiu. — Jonas, Arizona, Summer e eu; todos nós temos assuntos mal resolvidos. Precisamos acertar tudo o que ficou pendente. É por isso que estamos aqui com Hunter.

— Então não são fantasmas? — ele era real demais, totalmente em carne e osso, apesar de mais pálido do que antes. Seus olhos pareciam mais nítidos, como se pudessem enxergar quilômetros à frente.

— Mais sólidos que fantasmas — concordou Phoenix. Levantando-se rapidamente, ele ao mesmo tempo me puxou e me abraçou.

Minha cabeça rodava. Eu não queria mais sair dali.

— Darina, estou aqui de verdade — disse, como se fizesse uma promessa. Depois, tão repentinamente quanto tinha levantado, soltou-me e começou a tirar a camiseta preta cobrindo sua cabeça.

— O que está fazendo? — gritei. A visão de seu peito sem camisa tirou meu fôlego. Era tão incrivelmente bonito quanto esses caras que aparecem em comerciais da televisão, mas estava bem perto de mim, em carne e osso.

Phoenix virou de costas.

— Olhe no meio das minhas costas. O que você vê?

Inspirei com força e toquei na pele clara de suas costas. Havia uma pequena tatuagem negra à esquerda de sua espinha, do tamanho de um botão, no formato de duas asas de anjo.

— Você não tinha isso antes.

— Foi nesse lugar que a lâmina da faca entrou — contou-me. — Todos nós temos essa marca da morte, Arizona, Summer, Jonas e os outros, até Hunter.

— O que isso quer dizer? — perguntei. O desenho era delicado — perfeito, por assim dizer. Deslizei meus dedos por a pele dele, no lugar da tatuagem.

— Simboliza quem nos tornamos — explicou Phoenix em seu tom de voz grave que eu amava. Um raio de luz inundou o celeiro ao mesmo tempo que a porta se abria.

— Sou um dos mortos-vivos, Darina. Um espectro, um zumbi. Estou aqui para resolver essa situação com um pouco de justiça e para confortar você.



CAPÍTULO 3

No fim das contas, não estava louca, tinha apenas seguido minha intuição e encontrado meu amor. Abracei e beijei Phoenix, e isso era o mais importante de tudo.

— Sabe o quanto isso é perigoso para você? — perguntou Phoenix baixinho, olhando para mim como se fosse ele quem não pudesse acreditar no que via, segurando minha cintura com um dos braços e se afastando um pouco para enxergar melhor. — Juramos guardar segredo, eu, Jonas e os outros.

— Não precisa nem me dizer. Hunter obrigada vocês a jurar. — Eu sabia.

Phoenix confirmou.

— Você pertence ao outro lado, Darina, ao mundo dos vivos. Precisamos nos afastar de vocês.

— É para isso que servem as caveiras e as asas batendo? — contei a ele como ficava assustada cada vez que voltava para aquele lugar onde estávamos agora. — Mas, Phoenix, meu amor é tão grande que arriscaria qualquer coisa para encontra-lo.

— E encontrou — disse ele, me abraçando mais forte. Senti a maciez de seus lábios em meu rosto. — Você foi a única que quis de verdade e foi corajosa o suficiente para conseguir. Mas o que você acha dessa coisa de zumbi? Não fica com vontade de sair correndo daqui?

Peguei uma mecha do cabelo dele e dei uma puxada.

— Vamos parar de falar em ir embora? Estou aqui e não vou sair tão cedo. — não trocava aquela sensação por nada nesse mundo.

Ele sorriu e por um momento voltou a ser aquele cara brincalhão e tranquilo que eu conhecia.

— Veja, nem tudo o que fazemos aqui é procurar vingança e justiça. Pelo que Jonas tem me dito, e ele está aqui há mais tempo que eu, a gente também se diverte.

— Como?

— Em primeiro lugar, eu consigo hipnotizar você. — ele se afastou, apontou o dedo na minha direção como se eu fosse um alvo. — *Pronto!*

— Por que você ia querer fazer isso? — pulei para cima dele e segurei sua mão. — Você nem precisa pedir, já faço tudo o que você quiser!

— Tá, esqueça isso. — Phoenix deu uma volta em meu braço com sua mão e prendeu meus dedos. Dava para ver nos olhos dele como se divertia com essas provocações. — E o que acha disso? Posso desaparecer quando quiser.

Segurei-o com força de novo, dessa vez agarrando-o pelo peito com os dois braços.

— Nem pense!

— Também dá para fazer outras coisas. Jogos mentais. Viagem no tempo, se eu quiser.

— Uau, super-homem... — como não conseguia entender nada daquilo direito, agi como se nada me impressionasse. Eu já estava feliz e surpresa demais, enfeitiçada pela presença dele.

— Ei, você não está com medo? — Phoenix fez uma cara de quem estranhou a situação. Ele ainda estava brincando comigo e me fazendo carinho com o polegar. — Sou um morto-vivo!

Phoenix então se soltou, esticou os dois braços à frente e começou a andar como se tivesse dificuldade, com as pernas duras, sem dobrar o joelho, dando voltas no celeiro para que eu pudesse dar uma boa olhada em sua cintura delineada, na curva da parte de baixo das costas, a pequena tatuagem de asas de anjo e os músculos contraídos dos ombros largos.

— Tá bom, sei, já vi esse filme — suspirei. — E onde estão os túmulos, os cadáveres em decomposição e os temíveis comedores de carne humana? Phoenix parou de andar daquele jeito e parou de brincar, também.

— Isso foi um problema da nossa péssima assessoria de imprensa, que queria chocar. Quase nada do que se vê nos filmes é verdade, mas eles acertaram em uma parte: a gente anda em bando, sim e Hunter é quem dita as regras. Não temos livre-arbítrio, ele é quem manda.

— Tá, essa parte eu já entendi. E sei que vai ficar bravo quando descobrir sobre mim.

— Ele já deve estar sabendo, pode acreditar. Os sentidos dele, especialmente a audição, são ultra-aguçados. Ele consegue escutar uma folha cair dos choupos ali perto da caixa d'água.

— Credo... — disse expirando. Dessa vez fiquei com medo mesmo.

Phoenix concordou que era assustador.

— Não tem como ele não ter ouvido você chegar.

— E por que não me impediu?

— Ele deve ter os motivos dele. Talvez esteja querendo me testar, ver se eu obedeço às ordens. — Meu lindo namorado fez um gesto de desdém.

— Que você, por sinal, não obedeceu — lembrei-o repentinamente, preocupada por causa dele. — Existe algum tipo de punição, caso você desrespeite a regra de não falar com quem não for do grupinho?

Novamente deu de ombros, como se não se importasse muito, mas dessa vez não estava tão tranquilo.

—É como se estivessem nos fazendo um grande favor. Muitas almas mortas querem poder voltar do além, mas apenas algumas são escolhidas, geralmente aquelas com uma aura de mistério à sua volta. Acho que deve ter um monte de gente por lá, cada um com sua excelente razão para estar em meu lugar. Hunter poderia me tirar a qualquer momento e trazer um desses outros do limbo, sem problemas.

Fiquei parada por um instante de olhos fechados e fui atingida por uma sensação de pavor, tão súbita quanto pesada.

— Phoenix, você não devia estar aqui falando comigo — percebi. — Se você for agora e nunca mais me vir, talvez ele decida não castigar você. Estou falando sério. Você precisa ir embora!

À medida que o empurrava em direção à grande porta do celeiro, Phoenix virou-se e segurou meus punhos.

— É isso o que pensa de mim? — questionou em protesto, os olhos cintilando de raiva. — Que vou desistir de você? Olhe para mim, Darina. Você não me conhece mais? Sempre fui totalmente honesto com você ou não? Olhe para mim e enxergue o que estou sentindo.

Não vi nada além do amor imenso que ele sentia e que estava à nossa volta, nos engolindo, e me senti indefesa.

— Certo, vamos encarar isso juntos — respirei fundo, enquanto as lágrimas brotavam e corriam pelo meu rosto. — Se Hunter quiser punir alguém, terá de punir nós dois.

— Nossa, que coisa mais comovente. — Hunter estava obviamente ouvindo tudo o que conversávamos e entrou no celeiro com Jonas e Arizona. — Até o *meu* coração estaria derretido. Se eu tivesse um, claro.

Ao ouvir a voz de Hunter, Phoenix rangeu os dentes, pôs um braço em volta de meu ombro e virou-se para encará-lo.

— Você não vai encostar nela — disse com firmeza. — Ela não fez nada de errado.

Hunter avançou para as sombras profundas no fundo do celeiro. Seus braços estavam cruzados sobre o peito largo. Seu cabelo grosso e grisalho estava amarrado para trás.

— Darina não ouviu suas advertências — observou. — Azar dela.

— Você não me assusta — menti, e Hunter me desmascarou, rindo de um jeito frio e cruel. — Não vou desistir de Phoenix.

— Você não tem outra escolha. — Hunter se aproximou o suficiente para que eu visse a reveladora tatuagem de asas de anjo em sua têmpora. Estava mais apagada do que aquela que Phoenix tinha nas costas, como se estivesse lá há mais tempo.

— Você não manda em *mim* — disse a ele, sentindo o braço protetor de Phoenix ainda ali, à medida que desafiava Hunter. — Não pertencço a seu grupinho.

Hunter claramente não gostou da escolha de meu vocabulário, porque franziu as sobrancelhas profundamente e me encarou de modo ainda mais raivoso que antes.

— Certo mocinha, eu acho que você tem a boca grande demais e que já ouvi o suficiente. Você não prestou atenção quando Phoenix a alertou de que podemos entrar em sua cabeça, hipnotizá-la? Entenda bem, Darina, eu posso apagar sua memória agora mesmo, como um professor apagaria as palavras da lousa.

Perdi o fôlego e perguntei a Phoenix:

— Ele consegue fazer isso?

Phoenix confirmou.

— Pode. Só assim para estarmos por aqui esse tempo todo sem que ninguém saiba.

Jonas deu um passo à frente para continuar as explicações, ficando entre mim e Phoenix com uma expressão grave e séria.

— Darina, os Beautiful Dead precisam ser um segredo absoluto. Estamos aqui há quase um ano, mantendo o segredo através de jogos mentais, apagando a memória das pessoas com hipnose.

— Como, exatamente? — insisti, olhando ora para Jonas, ora para Arizona. Senti-me sozinha e muito mais assustada que em qualquer outro momento, agora que Phoenix havia se afastado.

— Fácil — interrompeu Arizona. Lembrei-me do gesto rápido e desprezível que ela sempre fazia quando estava viva, como se enxotasse uma mosca. — Não é muita gente do mundo dos vivos que vem para esse lado; é longe demais da estrada e eles só vão até às montanhas se estiverem caçando, e às vezes algumas crianças vêm aqui para brincar, passar a noite acampando. Não importa. Um ou dois podem ter visto a caixa d'água e ter vindo aqui olhar.

— E depois? — Encarei Arizona, procurando por sua marca mortal. Analisei seu rosto com cuidado, seu longo nariz reto e grandes olhos escuros, as sobrancelhas finas arqueadas que lhe davam uma constante aparência de mulher bem cuidada. Nada sugeria que ela fosse uma morta-viva.

— Eles podem até nos ver trabalhando na horta ou no curral — continuou. — É nessa hora que um de nós os surpreende pelas costas e os pegamos já sem defesa. Fazemos isso com apenas um olhar.

— Para hipnotiza-los e deixar sua memória completamente em branco — complementou Jonas. Suas sobrancelhas estavam um pouco franzidas, olhando com ansiedade para mim e para Phoenix e, depois, para Hunter. — Entramos nas cabeças das pessoas e fazemos com que elas fujam e voltem para as montanhas em direção aos choupos. Depois as acordamos e elas não têm a menos noção do que acabou de acontecer.

— Saem correndo em disparada — disse Arizona com um leve sorriso. — Acordam com dor de cabeça e uma sensação estranha e desconfortável de que algo está errado. A maioria nem consegue andar com calma até o carro, eles vão correndo mesmo.

— Já sei: ouvem asas batendo, aproximando-se deles, sufocando-os. Não sabem de onde está vindo, e o som é alto o suficiente para deixá-los loucos.

Eu quase sorria, já conhecendo muito bem alguns dos métodos usados para assustar as pessoas do mundo dos vivos.

— É isso que você vai fazer comigo agora? — perguntei a Hunter, que estava quieto demais e ainda me encarava. — Apagar minha memória?

— Talvez — resmungou ele. — De qualquer forma, você me agradecerá, no final. A vida fica muito mais fácil quando não se sabe da nossa existência.

Respirei profundamente e agarrei Phoenix.

— Diga para ele não fazer isso — implorei. — Agora que encontrei você de novo, não quero esquecer o que aconteceu.

— Nem eu — disse ele, olhando seriamente para mim. — Quero me lembrar de tudo sobre você. Sobre nós.

— Darina, você sabe que está colocando Phoenix entre a cruz e a espada. — O tom seco da voz de Arizona quebrou o longo silêncio. — Você está se esquecendo de que ele não tem escolha. Sendo um Beautiful Dead, precisa obedecer ao Hunter, senão vai ser enviado de volta sem ter resolvido nada dessa confusão. Mas, por outro lado, se for um bom menino e fizer o que Hunter disser, ele perde você para sempre.

— Uma sinuca de bico — concordou Jonas.

— Mas não acredito que você consiga apagar tudo isso! — Fiz um gesto abarcando tudo em volta do celeiro e segurei a cabeça de Phoenix entre minhas mãos para que ele olhasse para meu rosto. Achava que ninguém mais conseguiria me ouvir, mas menosprezei a capacidade de ouvir a folha do choupo caindo que havia acabado de descobrir. — Como poderia esquecer que o encontrei aqui e nos abraçamos e nos beijamos?

— Diga a ela, Phoenix — interrompeu Arizona.

— Pode acreditar neles — falou ele baixinho, a voz falhada. — Suas lembranças vão desaparecer. Você jamais me veria de novo.

Fiquei desesperada quando ouvi isso.

— Mas não vou contar nada a ninguém! — chorei e fui correndo até Hunter, para implorar como uma menininha. — Juro que não vou falar para ninguém!

A expressão de Hunter não mudou. Era o tipo de rosto que parecia esculpido em pedra — dava quase pra ver as arestas marcadas, feitas a cinzel.

— Você *acha* que não vai. Você pode jurar por sua própria vida, mas sempre haverá a possibilidade de cometer esse erro, deixar o segredo vazar, e então não poderemos mais ficar aqui.

— Literalmente — disse Arizona. — Se os vivos souberem de nós, teremos de ir embora para sempre.

— Sem cumprir nossa tarefa — Jonas retomou a história. — Escute, Darina, estou aqui há quase um ano, tentando entender com alguma clareza o que aconteceu naquele dia: a moto, a estrada, a batida, mas é difícil. Não me lembro como aconteceu, e isso me enlouquece. Também não consigo me aproximar de Zoey, porque ela quase nunca sai de casa. Meu tempo está acabando, falta muito pouco agora.

— Zoey está bem — contei-lhe. — Ela teve de passar por algumas cirurgias para voltar a andar. Os pais dela estão sendo superprotetores.

Jonas tampou os olhos com as mãos e esfregou a testa com o polegar e o indicador.

— Tinha tanto medo que ela morresse — confessou ele.

— Não se preocupe, eu a vi pela primeira vez ontem. Agora está bem mais magra e ainda na cadeira de rodas. Mas tenho certeza de que vai ficar bem.

Jonas tirou a mão dos olhos, e suas lágrimas ficaram visíveis.

— Fui tão idiota... Eu me achava o máximo andando de moto, pensava que era o dono do mundo! Saímos naquela tarde para chegar à Avenida Centennial pela estrada, e Zoey estava rindo. Ela havia dito aos pais que se encontraria com uma amiga e eles acreditaram na história.

— Eles não gostavam que ela andasse de moto com Jonas — interrompeu Arizona. — Na verdade, não gostavam de Jonas e ponto final.

— Ela ria e se segurava com força em mim... seus braços em volta da minha cintura. — lembrou-se Jonas. — Chegamos à cruz de neon na serra de Turkey Shoot. A estrada faz uma curva não muito fechada. — Ele falou num tom um pouco mais alto que o de um suspiro. — Entrei na curva e não sei mais nada. Escuridão. Só isso.

— Jonas acha que o acidente aconteceu por culpa dele. — Arizona atestava os fatos de modo grosseiro. — Ele não se lembra dos detalhes, mas a necropsia provou que quebrou o pescoço e morreu na hora, além de estar convencido de ter quase matado a menina que ama.

— Assim como toda a cidade de Ellerton — lamentou Jonas. — Chegaram a um veredicto que me incrimina, você viu a manchete no jornal.

Quando vejo alguém chorar, sinto minha garganta fechar e fico a meio caminho de chorar também.

— Zoey não acha que a culpa foi sua — confortei-o. — Não parece magoada nem nada.

— Darina, você precisa pedir desculpas a ela em meu lugar — disse, chorando. — Diga a ela que nunca quis machucá-la.

Arizona, a voz da razão, começou de novo.

— Como Darina pode dizer a Zoey qualquer coisa depois que Hunter tiver apagado a memória dela? Ele vai apertar o botão para zerar tudo, esqueceu?

— Não! — gritou Phoenix. — Darina vai guardar nosso segredo — disse ele, confrontando o inflexível Hunter. — Ela é totalmente confiável.

Hunter sorriu com seus lábios finos.

— Você arriscaria sua vida em nome dessa certeza, não? Se por acaso ainda tivesse uma vida para colocar em risco.

— Não venha com brincadeiras, porque isso é sério. — Enquanto Phoenix dirigia-se a Hunter e continuava encarando-o com firmeza, Jonas, Summer e Arizona começavam a ficar nervosos.

— Estou falando sério — insistiu. — Eu me importo mais com Darina que comigo mesmo. Não quero que brinque com os pensamentos dela.

— Como havia dito antes, tudo isso é muito bonito e comovente — ridicularizou Hunter. — Mas, menino, você não está conseguindo chegar nem perto de mudar minha opinião, que é a seguinte: Darina acabará falando se estiver sob pressão e, quando isso vazar, todos saberão sobre os Beautiful Dead e nenhum de nós vai conseguir fazer o que precisa.

A calma argumentação de Hunter finalmente atingiu Phoenix em cheio.

— Como pode fazer isso? — perguntou, dominado pela emoção que saía como fogo em sua voz, já mais alta que o normal, quase um grito. — Primeiro você quase a mata de medo, mas ainda assim a deixa cruzar os limites de sua imposição. Você deixou que nós nos encontrássemos de novo. Depois, bateu a porta em nossa cara — Phoenix virou-se para olhar para Jonas. — Diga a ele que não pode fazer isso, que não pode apagar a memória de Darina!

Jonas fez como se não ligasse.

— Nada que eu diga vai fazer a menor diferença. Só cabe a Hunter decidir.

Hunter virou-se de costas para Phoenix e me encarou.

— Não quer voltar a Ellerton? — perguntou-me. — Voltar para sua família, para a escola e fazer faculdade como todos os outros alunos que estão no último ano?

— Não sou como os outros — protestei com raiva. — Não quero fazer as coisas só porque todo mundo faz. Conte para ele que não sou assim, Phoenix.

Mas as últimas tentativas de convencer Hunter pareciam ter esvaziado Phoenix por completo e tudo o que conseguia fazer agora era ficar perto de mim e segurar minha mão.

— Certo, vou fazer o seguinte: tenho assuntos importantes para resolver e por isso não vou tomar nenhuma decisão até ter pensado com mais calma sobre o problema, talvez mais tarde chegue a uma conclusão. Arizona, leve Darina para a casa e sente-se com ela. Jonas e Phoenix, preciso que venham comigo.

Eu não queria sair do celeiro, horrorizada com a possibilidade de Phoenix sair de meu campo de visão e jamais vê-lo de novo. Mas Arizona me olhou de um jeito esquisito. Ela, com algum truque de morto-vivo, rompeu minha resistência e fez com que eu a seguisse sem nem mesmo olhar para trás. Meu corpo se movia sem que eu fizesse o menor esforço.

— Considere-se com sorte — ela me disse, enquanto o vento batia em seus longos cabelos jogando-os em seu rosto, e, enquanto atravessávamos o jardim, pegou uma chave do bolso para abrir a porta da casa.

— Por quê?

— Você tem até o fim do dia, mais algumas horas, para estar com Phoenix, para saber o que está acontecendo aqui. É muito mais do que a maioria das pessoas consegue.

Dentro da casa-museu, Arizona fez com que eu me sentasse em uma cadeira de balanço empoeirada próxima ao fogão a lenha, sentou em cima da mesa e olhou para mim.

— Parece que você o ama mesmo.

— Muito. Não quero viver sem ele. Não ligo para o que Hunter possa fazer comigo. Nada importa muito a não ser Phoenix.

— Sorte sua, mais uma vez — suspirou Arizona. — Nunca senti nada parecido por ninguém quando estava no mundo dos vivos, e agora acha que não terei mais essa chance.

— Então me deixe sair daqui. — vi o que pensei ser uma fenda em sua armadura. — Ninguém vai saber que você deixou a porta aberta e me deixou escapar e, mais uma vez, juro que não direi nada a ninguém.

Ela negou, balançando o pé e suas longas pernas casualmente.

— Nossa, Darina, eu considerava você inteligente por sempre ter sido uma ótima aluna. Um pouco esquisita, é verdade, mas com notas altas.

Irritada, pulei da cadeira.

— E eu sempre achei que você era apaixonada por você mesma! — disse, sentando-me de novo. — E estava certa!

Outro olhar daqueles tirou a força de minhas pernas e caí de volta na cadeira.

— Você está se esquecendo que Hunter escuta todas as palavras que dizemos — lembrou-me. — Ele está lá fora Phoenix e Jonas procurando por caçadores de fim de semana. Um monte deles chegou ao acampamento Government Bridge, perto da parte mais baixa do rio. Hunter quer ter certeza de que eles não virão nessa direção. Mas isso não quer dizer que não esteja ouvindo a gente.

Estava tão decepcionada que minhas lágrimas quentes ardiam nas pálpebras.

— Vocês são prisioneiros, todos vocês. Como podem viver assim?

Arizona deu um sorriso apagado.

— Isso não é “vida”, não do modo como você a compreende. Comece a entender isso, Darina. Phoenix não está mais vivo. Nenhum de nós está.

— Não me importo como esteja Phoenix, apenas quero estar com ele. — disse. — E é isso que *você* precisa começar a entender.

Para ser sincera, nunca tinha sido amiga de Arizona. Estávamos na mesma classe desde o começo do ensino médio, mas nunca fomos próximas. Ela fazia o tipo solitária — ainda mais que eu —, nunca se abria nem deixava ninguém se aproximar. E talvez eu tivesse inveja. Beleza, estilo, inteligência — Arizona tinha tudo isso.

— Certo, não vou discutir — disse ela. — Mas também não vou deixar você sair. E enquanto estamos aqui posso aproveitar para esclarecer algumas coisinhas.

— Vá em frente — disse, apoiando a cabeça na madeira dura do encosto de cabeça tentando evitar a enxurrada de lágrimas que queria sair de meus olhos.

— Primeiro, você odeia Hunter por razões óbvias. Mas é a função dele manter a segurança de nosso grupo. Ele é nosso mestre e sem ele não estaríamos aqui, não haveria nem sinal da gente. É a ele que você precisa agradecer por ter encontrado Phoenix.

— Que tipo de mestre? — O poder de Hunter me parecia cada vez mais assustador a cada segundo que passava. — Por que ele fica no comando?

— Escute, esse não é o primeiro retorno de Hunter para o mundo dos vivos. Ele está morto há muito tempo, quase cem anos. Se estivesse vivo, seria vinte anos mais velho que esta casa, que construiu com suas próprias mãos.

Endireitei-me na cadeira e olhei para Arizona.

— Ele morreu nesta casa?

— Sim, alguém atirou nele, bem aqui — disse, tocando a testa. — A bala atravessou seu cérebro. Ele nunca teve certeza de quem foi e agora é tarde demais. O assassino está, sem sombra de dúvida, morto e enterrado a essa altura. Mas Hunter ficou no limbo e tornou-se um mestre, pronto para trazer almas de volta e guiar-nos em nossa missão. Somos o sexto grupo guiado por ele. Nós somos oito; nove, incluindo ele mesmo. Existem muitas almas atormentadas de quem ele precisa tomar conta, então não é de espantar que seja tão rígido.

— Em algum momento ele fica mais... — Parei para tentar encontrar a palavra certa.

— Mais humano? — Arizona riu. Ela obviamente havia ouvido os barulhos no fundo da casa e foi abrir a porta, para que Summer pudesse entrar trazendo um prato fundo com sopa e algumas bolachas de água e sal que colocou na mesa com cuidado. — Darina quer saber se Hunter fica mais ameno de vez em quando — contou Arizona.

— Ei, Darina — disse Summer, ignorando a pergunta e evitando olhar para mim. — Hunter e os meninos podem demorar por lá e você precisa comer alguma coisa.

Recusei.

— Você acha que consigo comer alguma coisa? Summer, preciso convencer Hunter a voltar atrás. Ele quer apagar minha memória de tudo o que está acontecendo aqui. O que posso fazer para evitar?

— Não há nada a ser feito — disse ela suavemente.

Assim como a dos outros, a aparência de Summer estava exatamente igual à que tinha quando estava no mundo dos vivos, como eles chamavam. As ondas largas, delicadas e claras de seus cabelos ainda emolduravam seu rosto em forma de coração. Vestia uma blusa azul-clara bem solta, que havia escorregado mostrando seu ombro, a estrutura de seu corpo tão delicado como o de um passarinho.

— Ei, sou eu, Darina. Não se esqueça de que é comigo que está falando — protestei. — Nós fazíamos tudo juntas. Éramos praticamente irmãs siamesas quando...

— Quando eu estava viva? — interrompeu ela, olhando-me bem nos olhos. — Eu sei, Darina, fico muito magoada por não poder ajudá-la e você sabe por que não posso.

— Mas posso achar um jeito de ajudar *você*! — Eu já estava em pé, o que exigia atenção redobrada de Summer e Arizona. — Vocês tem uma missão aqui, não têm? Todos voltaram do limbo para que houvesse justiça, não foi?

As duas franziram as sobrancelhas. Summer ouvia com atenção. Arizona continuava daquele jeito alheio, bem característico dela, como se duvidasse de tudo.

— Pois é, posso ajudar. Posso voltar a Ellerton e virar detetive para vocês. Vocês me dizem as perguntas que preciso fazer e encontrarei as respostas! — Abri as mãos com as palmas para cima. De repente, virei um gênio!

Arizona riu.

— Você e qual equipe de detetives criminais?

— O que está querendo dizer? Que não dou conta? — Arizona Taylor não conseguia deixar de ser a pessoa mais irritante da escola. — Certo, você talvez não queira minha ajuda, mas vejo que Summer pode querer. Escute, vi seu pai um dia desses, posso ligar para ele quando quiser, enviar qualquer mensagem que você queira a seus pais.

Summer respirou muito profundamente.

— Sinto tanto a falta deles... Fico tão triste...

— Nós todos — interrompeu Arizona. — Toda a cidade está traumatizada. Todas essas coisas, tiros, facadas, acontecem em grandes metrópoles, não aqui em Ellerton. É como se um terremoto tivesse atingido a cidade; o chão se abriu e todos foram engolidos.

Fiquei chocada com a força de suas palavras e com o fato de representarem bem a situação. Quatro adolescentes da escola local haviam morrido repentinamente, e os pais, em especial, passavam os dias imaginando quem seria o próximo.

— E qual chance você tem de ajudar todas essas pessoas? — Arizona havia baixado o tom desdenhoso, e agora parecia querer seriamente saber. — Ou de descobrir coisas para mim, Summer, Jonas e Phoenix?

Não me daria por vencida justo agora, não iria desistir antes de começar.

— Mais chance que você — disse a ela. — Pelo menos eu não preciso me esconder.

A tarde passou se arrastando. Sentei-me na cadeira de balanço, sentindo a poeira de um século se assentando sobre mim.

— Onde eles estão? — perguntei a Arizona, que ainda estava em posição de guarda. — Por que Hunter está demorando tanto?

Ela estava sentada ao lado da janela, olhando para fora.

— Deve ter acontecido alguma coisa no acampamento Government Bridge. Eve, uma das outras meninas, foi chamada para ajudar. Não é a primeira vez que isso acontece.

— Não entendo o que você está querendo dizer. — Ela parecia evasiva, querendo mais informações.

— A confusão está aumentando. É o começo da temporada de caça e o pessoal está chegando, com seus músculos e armas, como se fossem heróis de alguma coisa.

— Pois é, vi um cervo lá perto, na serra — lembrei-me.

— Os caçadores vêm muito para cá — explicou Arizona. — A visão de cima das montanhas é boa, dá para enxergar todo o vale. Isso aqui vai ficar cheio de caçadores em pouquíssimo tempo.

— Tantos assim que vocês não saibam o que fazer?

Ela concordou.

— Alguns desses caçadores estão começando a prestar atenção demais por aqui, virando vigilantes. Eles suspeitam que algo estranho esteja acontecendo e não estão gostando.

— Esse lugar os assusta e eles não sabem por quê. — Entendi rapidinho: asas batendo ensurdecidamente em seus ouvidos, caveiras assombrosas indo e vindo em sua direção, apagando a memória dos tão corajosos caçadores.

— Hunter acha que eles têm conversado sobre isso nos bares, postos de gasolina e lojas de armas da cidade. Alguns deles estão planejando um encontro e talvez esses vigilantes estejam no acampamento agora.

Levantei-me e fui pisando pelas tábuas que rangiam.

— Não se preocupe, não há como Phoenix morrer novamente — disse Arizona com seu sorriso malicioso. — E ainda podemos ficar invisíveis

quando quisermos. Veja, acho que os vigilantes se dividiram em pares e alguns deles estão bisbilhotando por aí, pelo menos até que Hunter finalmente os encontre. Quando forem encontrados, vão sair daqui rapidinho.

Com mais medo que o aceitável por sua condição de machões. Pensei em toda a prepotência e na atitude de contar vantagem que estariam colocando em prática nos bares da cidade hoje à noite.

— Querem saber uma coisa engraçada? — perguntou Arizona. — O pai de Jonas faz parte do grupo de vigilantes.

— Não acredito!

— Pode acreditar, é sério.

— Isso não é muito engraçado... Coitado de Jonas, tendo de ir lá para assustar seu próprio pai.

Conversávamos; Arizona sorria, eu me sentia mal e com raiva, e enquanto isso um vulto apareceu na serra e começou a correr montanha abaixo. Reconheci Phoenix no segundo em que o vi pela janela, então me virei e abri a porta da cozinha.

— Pare com isso agora! — avisou Arizona, enquanto eu tentava sair pelo quintal, e depois correu atrás de mim, segurando meu pulso com tanta força que parecia uma alga de aço. Então, chamei-o enquanto o via atravessar o campo com seus passos longos. Novamente imaginei como alguém que parecia tão vivo e forte poderia estar morto.

Phoenix saltou sobre a cerca de madeira e correu pelo quintal.

— Tudo certo, o acampamento está limpo. Os vigilantes finalmente correram para seus jipes e voltaram para a cidade.

— Quantos? — perguntou Summer. Ela havia saído do celeiro quando ouviu os passos de Phoenix.

— Dez, no total.

— Incluindo Bob Jonson? — Arizona queria saber.

— Sim, foi horrível para Jonas. — Phoenix notou que ela apertava meu punho com força e franziu o rosto para ela, que logo me soltou. — Por isso, Hunter ficou tomando conta de Jonas para que não se encontrasse com Bob, mas ele viu o pai de longe, andando de moto pela estrada de Foxton. Bob comprou uma Harley igual àquela com que o filho sofreu o acidente.

Por alguns momentos, ninguém disse nada. Depois Phoenix me levou delicadamente pela mão.

— Vem comigo — disse ele, conduzindo-me para o celeiro, onde poderíamos conversar e ficar tranquilos juntos.

Enquanto estávamos sentados de mãos dadas em uns degraus de madeira que levavam ao palheiro, onde um fecho da luz quente do sol caía sobre nós, uma sensação de calma me tomou de surpresa.

— Darina — começou Phoenix.

Coloquei meus dedos sobre os lábios dele.

— Phoenix, o que quer que seja, não diga.

Em vez disso, ele me olhou nos olhos, enquanto os dele estavam daquela fascinante tonalidade azul-acinzentada, profundos como o oceano, emoldurados por suas sobrancelhas retas e por seu rosto luminoso.

— Quero que esse momento dure para sempre. — A luz da tarde no celeiro, a poeira dançando, uma pomba branca pousada na estrutura do telhado. — Você poderia fazer o tempo parar? — perguntei baixinho.

— Não aprendi a fazer isso ainda — sorriu, pegando minha mão. — Nem Hunter é assim tão poderoso. Darina, há quanto tempo estamos namorando?

A mudança de assunto me surpreendeu, mas ainda assim consegui dar uma resposta rápida como um raio.

— Dois meses, dois dias e sete horas. Uma eternidade.

— Passou rápido — disse ele, enquanto observava a palma da minha mão com cuidado e passava o dedo sobre minha linha da vida até a base de meu polegar. — Eu jamais conseguiria tirar você da cabeça, nem por um momento. Sempre pensei em você.

— Mesmo antes de nos beijarmos?

Phoenix disse que sim, olhou para baixo, para o chão, e depois para cima de novo, olhando para mim sob as pálpebras baixas.

— Desde o dia em que entrei na escola e vi você, pronto: meu coração explodiu. E quando ficamos juntos, não parecia que estávamos nos beijando pela primeira vez, parecia que tinha passado a vida toda beijando você.

Inclinei-me na direção dele, nossos rostos se tocaram.

— Tudo parecia tão familiar e agora não suporto mais ficar sozinha.

— É sobre isso que queria falar com você — disse, tirando meu cabelo do rosto e fazendo com que eu olhasse diretamente para ele. — Quero que me prometa que você encontrará uma maneira de levar sua vida adiante sem mim.

— Não... — implorei. — Estou aqui agora e não saio de jeito nenhum!

— Por favor, escute. Hunter vai chegar a qualquer momento. Preciso que você me prometa, antes de ele chegar, que não vai fazer nenhuma besteira.

— Que tipo de besteira? Esquecer de continuar vivendo? — Minha frágil tentativa de quebrar o gelo terminou com minha voz desafinando e lágrimas escorrendo pelo meu rosto.

— Darina. — Phoenix segurava minha nuca. — Você tem toda uma vida pela frente. Você precisa vivê-la. Faça isso por mim, por favor!

— Ou eu poderia morrer e me unir a você — concluí. — Eu encontraria você no limbo. Ficaríamos juntos novamente.

Phoenix não concordou.

— Não é assim que funciona. Pare, você está me deixando em pânico.

— Tem certeza de que não é o contrário? — questionei, afinal de contas eu é que estava indo à psicóloga.

— Não temos muito tempo — insistiu Phoenix. — Você precisa entender. O amor não acaba porque não estou por perto. Ele continua. Eu amo você e você também me ama. Isso continuará para sempre.

— Onde o amor continua? Como? — Estava desesperada. Phoenix não poderia ter nem ideia do vazio que tinha deixado em meu coração quando morreu, ou não estaria me dizendo nada disso.

— Continua e ponto. Toda vez que pensar em mim de novo. Isso é amor. Cada pôr do sol, cada gota de água limpinha do riacho. Tudo isso é amor.

— Mas isso não é suficiente. Eu preciso de você aqui, do meu lado! — Ter de me separar dele agora seria como abrir meu coração ao meio.

Ele nem piscou.

— Mas estou aqui, meu coração está aqui. Confie em mim.

Fechei os olhos e abri-os de novo.

— Você consegue prever o futuro? — perguntei. Queria saber se algum dia seria feliz.

— Não, só enxergo o passado. Posso levar você de volta ao nosso primeiro encontro, à primeira vez que segurei sua mão e você me disse como era estranho, e que eu não era como você pensava que eu fosse.

— E você disse “Como pensou que eu seria?” — lembrava-me de tudo, palavra por palavra. — E respondi correndo, esquentada como sempre, que achava que era como seu irmão Brandon, e você riu e disse “Ah... obrigado!”. E me expliquei: “Sem ofensa, não quero dizer que não seja másculo nem nada, mas, na verdade, achei você fofo”.

Phoenix olhou para mim com um sorriso largo.

— Você vê — disse ele, colocando a mão em meu coração e mantendo-a lá. — É aqui que o amor está, e ele não vai embora nunca.

Nesse momento, Hunter e Jonas entraram no celeiro.



CAPÍTULO 4

— O plano é o seguinte — disse Hunter.

Olhei para Jonas e vi que estava quase sem forças devido à situação pela qual havia passado — encontrar seu pai entre os caçadores em missão e saber que a memória dele havia sido apagada pelos Beautiful Dead. Ele estava com a cabeça baixa e os ombros curvados.

— Darina — continuou Hunter. — Vá para casa agora, enquanto sua cabeça ainda funciona.

Phoenix e eu ficamos em pé num pulo, ao mesmo tempo, de frente para Hunter, esperando pelo veredicto.

— Com duas condições — continuou ele. — Em primeiro lugar, mantenha sua boquinha bem fechada — disse com a voz áspera e a expressão rígida.

— Tranquilo. Prometo não dizer uma palavra — suspirei.

— Eu sei disso. — Hunter se levantou e veio em minha direção, parando entre mim e Phoenix. Lançou-me um olhar de certeza absoluta e, depois, casualmente despejou o ingrediente mortal que faltava. — Sim, porque caso você não cumpra sua promessa, o menino será enviado de volta, para lá de onde saiu. E dessa vez ele pode não voltar nunca mais.

Procurei pela mão de Phoenix, mas quem agarrou meu braço foi Hunter.

— Em segundo lugar, quando voltar a Ellerton, você trabalhará para nós.

Concordei.

— Farei o que você quiser. Arizona, Summer e eu já discutimos isso.

— Já sei disso, também. — sorriu. — Pelo que me lembro, Darina, Arizona duvidou de sua capacidade de descobrir a verdade. Ela não tem você em alta consideração e ponto final.

— Ela não me conhece — retruquei. — De qualquer forma, eu diria que a recíproca é verdadeira.

— Bom, o que posso dizer é: mantenha quaisquer sentimentos fora disso — insistiu Hunter. — Seu trabalho é dar assistência a Phoenix, Arizona e Summer por enquanto, e colocar todo o seu foco em Jonas.

Isso me deixou frustrada, mas estava disposta a aceitar o jogo de Hunter, se esse era o único jeito de passar mais tempo com Phoenix.

— O que você quer que eu descubra? — perguntei, engasgando com as palavras por estar tão ansiosa. Não tive tempo suficiente para avaliar nem entender como Hunter arranhou tudo isso desde o primeiro dia, facilitando meu encontro com Phoenix, fazendo com que eu descobrisse a antiga casa e o celeiro, e me testando com o som de asas batendo e as caveiras, para ver se eu era corajosa o suficiente. Tudo o que sabia naquele momento era que estava pronta até para morrer, e meu objetivo era ajudar Phoenix e os outros.

— Quero que fale com Zoey — exigiu Hunter. — Jonas tentou se aproximar e compreender exatamente o que se passou no dia do acidente, mas nossos poderes se enfraquecem quanto mais longe ficamos de nossa base, além de ter sempre alguma coisa atrapalhando. Isso será responsabilidade sua, agora.

— Posso fazer isso — disse. — E posso ler o processo judicial, pela internet. Tenho certeza de que vou encontrar muitas coisas sobre o que aconteceu no dia do acidente.

— Talvez. — Hunter inclinou a cabeça para afastar uma lasca de palha que havia ficado presa à parte de baixo de seu queixo. — Mas não encontrará depoimentos de nenhuma testemunha ocular, apenas as medidas das marcas de derrapagem tiradas pela polícia, fotografias dos peritos e afins.

— Não houve testemunhas, não tinha ninguém ali perto. — Jonas participava pela primeira vez. — O que disseram que fiz, com a moto em alta velocidade saindo da Centennial, não faz nenhum sentido. Já havia andado ali milhares de vezes.

— E o que aconteceu com a moto? — perguntei. — Depois da batida, o que aconteceu com ela?

— Foi apreendida pela polícia — disse Hunter. — Eles recolheram as provas, calcularam a velocidade antes do acidente, verificaram os pneus, freios, tudo. E tudo isso foi apresentado como prova no tribunal.

— Eu não estava na velocidade que disseram de jeito nenhum — insistiu Jonas. — Nunca fazia essas loucuras quando Zoey estava na garupa.

— Então precisamos fazer com que ela se lembre — percebi. — Se Zoey é a única que pode confirmar o que você diz, é isso que precisa acontecer.

— Corretíssimo — disse Hunter, num tom inexpressivo e gélido. — Como é sua amizade com Zoey, Darina? Melhor do que a que tem com Arizona?

— Zoey e eu nos conhecemos há muito tempo — disse, sem entrar em detalhes. Se Hunter fosse mesmo o todo-poderoso mestre, ele leria meus pensamentos e saberia sobre o caso Matt Fortune, de qualquer forma. — Então, depois de falar com ela e conseguir fazê-la se lembrar dos pormenores do acidente, como faço para enviar o recado de volta a vocês? Hunter me encarou sem piscar.

— Jonas estará aqui quando você precisar dele — prometeu.

— Mas e Phoenix? — perguntei logo. Já que estava vendendo minha alma e prometendo silêncio a Hunter, queria pelo menos conseguir um tempinho a sós com Phoenix.

Ele me olhou de um jeito tão agressivo que acabei baixando os olhos.

— Phoenix, leve Darina até a caixa d'água — disse Hunter por fim. — Despeça-se dela e leve-a até o carro.

Respirei fundo.

— Obrigada.

Mas ele jogou minha gratidão de volta em minha cara.

— Phoenix tem um interesse manifesto em mantê-la a salvo — explicou. — Ele sabe que se você conseguir as informações de que Jonas precisa, também conseguirá resolver as questões de Arizona e Summer até chegar às dele.

— Isso não é verdade. Phoenix não toma conta de mim por motivos egoístas. Ele me ama — quase gritei com Hunter, que passou correndo por mim e subiu as escadas em direção ao palheiro.

O mestre então olhou para trás, para o lugar cheio de poeira em movimento.

— Já disse para esquecer suas emoções e seus sentimentos.

— É impossível! Ele me ama! — Eu sabia disso e queria que Hunter também admitisse. Phoenix segurou minha mão, tentando me puxar de volta. Jonas ficou pálido e triste, sozinho na sombra.

— Phoenix *amava* você, provavelmente, o que quer que isso signifique. — Hunter reconheceu, as duas mãos no corrimão, pronto para subir os degraus. — Mas agora é diferente. O amor precisa de um coração, de sangue correndo pelas veias.

— E daí? — gritei com medo, virando-me para Phoenix.

— Se não há sangue, não há coração — Hunter falou com crueldade, já saindo de meu campo de visão. — Se não acredita em mim, tente escutar debaixo do peito dele: não há coração batendo. Tente!

Eu tremia enquanto Phoenix me levava para cima da colina. Era verdade, e por esse motivo os Beautiful Dead eram tão pálidos, por isso a pele de Phoenix era tão fria quando o tocava. Pela primeira vez compreendi totalmente o que ele queria dizer com ter retornado do além.

— Em quem devo acreditar? — perguntei a Phoenix, sob as sombras dos choupos esvoaçantes e da caixa d'água. — Em você ou em Hunter?

Ele respirou profundamente, a cabeça um pouco virada para minha direção.

— Hunter gosta de ficar no comando — ele me lembrou de um jeito amargo. — É assim que ele se diverte, sendo o mestre. O cara está morto há muito tempo, não se esqueça disso.

— É, mas se ele queria me chocar, fez um ótimo trabalho — admiti. Phoenix me deixou encostar a orelha em seu peito e escutar, como um condenado esperando pela cadeira elétrica ser acionada. Depois, silenciosamente pegou minha mão e me levou até o topo da colina. Ficamos um pouco separados um do outro, olhando para o contorno das montanhas no horizonte.

— Eu sempre venho aqui — ele me disse. — Tá vendo aquela pedra? Chamam de Pedra do Anjo por que...

— ...Se parece com um anjo quando a olhamos de lado — disse. Consequia ver a forma da cabeça e das asas e a bata inteira, como nesses enfeites de anjo de árvore de Natal.

— E aquela pedra cinza lisa com ranhuras verticais? Aquela é a Pedra do Meio-Dia.

— Phoenix — suspirei, colocando minhas mãos por entre as dele. — Você está falando sem parar.

Ele fez uma cara séria e olhou para longe.

— Não se preocupe, eu não ligo para o que Hunter acabou de dizer — eu disse.

Ficamos lá por um longo tempo de mãos dadas. Enquanto estivesse ali, eu conseguiria sobreviver.

— Sério mesmo, não tem problema. — Minha voz foi levada pelo vento, para onde estavam as folhas prateadas e brilhantes. As pontas de seus

dedos estavam frias. Olhei para ele, e seus olhos continham a vastidão das montanhas e rios à nossa frente. — Você me ama. Eu sei que sim.

Essa história de “saudade boa” não me convence. Dizer adeus é péssimo — fim de papo.

Deixei Phoenix na encosta e fui até o carro de uma vez. Ele ficou parado ali, completamente imóvel, me olhando partir. A ideia de levantar o braço e acenar passou por minha cabeça, mas não levei adiante.

Meus pensamentos estavam nebulosos, confusos. O carro estava quente. Entrei, dei a partida. Baixei os vidros de todas as janelas e fui embora sem olhar para trás.

Agora minha prioridade era ligar para Zoey. Olhei para o relógio — já eram 18h30, mas se eu dirigisse bem rápido conseguiria chegar à casa dela em menos de uma hora. Seria muito tarde para uma visita inesperada? Acelerei, e o carro foi pulando na estrada de terra feito doido, chacoalhando nas curvas, e eu só freava quando aparecia um carro na outra direção.

De repente, a parte de trás do carro se soltou, fazendo um barulho de metal arrastando no chão, e acabei indo parar na guia.

Quando me dei conta, Logan estava quase entrando pela janela e me segurando pelo ombro.

— Darina, você tá bem? — dava para ver em seu rosto que estava chocado.

— Tô bem — disse, empurrando a porta e obrigando-o a ir para trás. Saí do carro e vi as duas rodas da frente enfiadas no bueiro. O carro estava inclinado a quarenta e cinco graus. — O que aconteceu? O que você está fazendo aqui, Logan?

— Voltei agora de Foxtan com alguns caras de carro, Chris, Lucas, Matt.

— Onde eles estão? — Esperava ver um comboio de carros vindo pela estrada deserta.

— Naquela antiga loja. O pai de Christian comprou o imóvel para consertá-lo e disse que vai passar o fim de semana por lá, pescando.

— Que bom! — disse; já me preparando para o contra-ataque de Logan.

— Mas a questão é, Darina, o que *você* está fazendo aqui?

— Estava dando uma volta — entreguei-me ficando vermelha e com a voz trêmula na hora em que pretendia parecer mais convincente.

— Por que para esses lados? — Logan coçou a cabeça e observou meu carro com atenção. — Sabia que seu para-choque da frente está despedaçado?

— Esse carro já está uma droga mesmo, velho demais.

— Você está fechando a estrada. Vou pedir para Christian rebocar com o jipe dele.

Para evitar maiores dramas, perguntei se ele mesmo não poderia fazer isso.

— Sabe qual o tamanho do meu motor? Não dá. E você não respondeu à minha pergunta. O que você estava fazendo aqui, a meio caminho do topo da montanha com esse carro detonado? Seu carro nem tem tração nas quatro rodas.

— Estava precisando de um tempo sozinha e consigo pensar melhor quando estou dirigindo.

O senhor da razão então fez um sinal negativo com a cabeça me reprovando.

— Laura sabe disso?

— Claro — balbuciei. — Como se eu tivesse cinco anos de idade e precisasse pedir permissão à minha mãe até pra respirar!

— Você está ficando louca, sabia? — O rosto de Logan ficou sombrio diante da minha ironia. — E se alguma coisa horrível acontecesse?

— Isso já não é horrível o suficiente para você? — Nessa hora notei que havia batido meu antebraço quando a direção escapou da minha mão. Levantei a manga da blusa e mostrei para Logan.

— Você precisa ir ao médico — determinou ele. — Esqueça seu carro, entre no meu e levo você a Ellerton.

— Médico, não — disse logo. — Não quebrei nada, estou conseguindo mexer todos os dedos, pode olhar!

— Esqueça esse carro, você provavelmente está em estado de choque. Vou levá-la até a loja.

Obedeci suas ordens, ainda que relutante.

— Sério, Logan — suspirei, enquanto sentava do lado dele. — Por que você tinha de estar no lugar errado na hora errada? Se não o conhecesse bem, diria que você anda me seguindo.

Ele virou a cabeça e me deu uma olhada longa.

— Se eu estivesse, seria só para garantir que você não estava fazendo nenhuma besteira.

— Por exemplo?

— Tudo isso que aconteceu com Phoenix está deixando você assim. Nessa última semana, você vem agindo como uma doida e tudo bem, não culpo você. Mas alguém precisa tomar conta de você, Darina. Acredite em mim.

— E quem seria essa pessoa? Você? — perguntei calmamente.

Passamos pelas cabanas dos pescadores que dão vista para o riacho e paramos perto do cruzamento em Foxton. Percebi que a porta da frente da loja estava aberta, e que dois caras estavam sentados na varanda.

— Sim, gostaria de ser essa pessoa — disse Logan, quase tão baixo quanto a própria respiração. Depois mudou de humor e disse com um risinho: — Você está mais perdida que cachorro em dia de mudança — riu. — Meu pai sempre falava isso.

Enquanto Logan estacionava perto da loja, uma terceira pessoa se juntou aos dois caras que estavam na varanda. Eu rapidamente identifiquei o baixinho atarracado que tinha acabado de aparecer: Christian Oldman. O cara de cabelo enrolado sentado em uma cadeira bamba de madeira, com o encosto virado para a frente, era Lucas Hart, e o de jaqueta de couro, sem dúvida nenhuma, era Matt Fortune.

— Ei, pessoal, vejam quem encontrei! — Logan anunciou, saindo de seu Honda e abrindo a porta do passageiro para que eu também pudesse sair.

A música alta e barulhenta de um aparelho de som dentro da casa quase abafou a voz de Logan até Christian abaixar o volume.

— Ei, Darina — Lucas ficou onde estava, balançando a cadeira para a frente e para trás e batendo com o pé no chão.

Matt não deu nem sinal de ter me reconhecido, mas eu também jamais esperaria que o fosse.

— Darina destruiu o carro na estrada de terra — Logan informou-os.

— Não destruí nada — protestei, desafiando o grupo de Neandertais na varanda a dizer uma única palavra sobre mulheres no volante. — Só dei uma desarrumada no para-choque da frente, foi isso.

— Você quer sentar? — Lucas se levantou e me ofereceu a cadeira. — Parece que você ficou meio alterada com essa história.

— Não, estou bem, obrigada. — e pronta para sair daqui assim que alguém puder colocar meu carro de volta na estrada. Tinha hormônio masculino demais zanzando por ali para o meu gosto, visível nos braços descobertos e bíceps inchados. Sentados de pernas abertas, lançavam olhares esgueirados um para o outro. E, claro, ainda havia Matt Fortune.

— Christian, precisamos do seu jipe para rebocar o carro de Darina do buraco — disse Logan.

— Tô dentro. — O campeão de boxe da escola não hesitou, e Matt o seguiu até o jipe empoeirado sem dizer uma palavra. Dentro de dez segundos eles estavam subindo em direção à estrada de terra.

— Quem quer Gatorade? — perguntou Lucas, levantando-se e indo para dentro sem esperar pela resposta de ninguém. Esbarrou em duas varas de pescar que estavam apoiadas na parede, e elas foram escorregando até irem parar no chão da varanda. Falando um monte de palavrões, ainda tropeçou nelas e voltou devagar com seu andar pesado.

— Lucas é igual ao James Bond, só que sem as mulheres e sem o estilo — disse Logan com um risinho. — Um homem de atitude, mas está mais para o Incrível Huck.

— Eu gosto dele — retruquei. Esperei ouvir copos quebrando e mais palavrões a qualquer momento. Enquanto isso, Logan ainda estava me pressionando e tentando me fazer voltar ao assunto que eu mais queria evitar.

— Darina, não gosto quando você sai de carro sozinha por aí — ele me disse. — É perigoso.

— É sim, e você parece meu pai falando. — meu Deus! Fiquei vermelha de novo. Logan havia estado presente quando meu pai de verdade foi embora para sempre. Ele e eu só tínhamos doze anos, mas foi um amigo melhor do que eu merecia. Darina, irritável e temperamental, podia sempre contar com Logan, confiável e equilibrado. Passamos o verão inteiro evitando nossos pais, indo de bicicleta até o riacho Deer e nadando no lago Hartmann. — Desculpe-me — disse baixinho. — Não me expressei bem. Ele fez um gesto de desdém.

— A propósito, você ouviu as histórias que andam circulando na cidade?

— Que histórias?

— Sobre a serra depois de Foxton. Alguns caras juram que coisas muito estranhas estão acontecendo por ali. Já escutaram vozes, viram figuras se mexendo nas sombras.

— Ah, já sei, aquele pessoal com a cara cheia de álcool... — retruquei, sentindo arrepios na nuca. — Bebem umas latas de cerveja e já começam a ver coisas.

— E se não for só isso? — continuou Logan. — Estão falando sobre uma casa mal-assombrada escondida atrás da serra, um lugar que ninguém consegue ver, bem longe da trilha.

— Bom, então era isso que você estava procurando por ali? — Tentando mudar o foco da conversa, arrisquei usar a tática de pressionar Logan. — Então quer dizer que de repente você virou um tipo de caça-fantasmas?

— Talvez — disse ele com calma. — Algumas pessoas acreditam em fantasmas. Lucas, por exemplo.

— Minhas orelhas estão queimando. Quem está falando mal de mim pelas costas? — Lucas apareceu com três latinhas.

— Você acredita nessas histórias sobre fantasmas na montanha, não acredita? — perguntou Logan.

— Acredito sim. Na verdade, eu já vi um fantasma uma vez, quando era pequeno. Acordei no meio da noite e tinha um no meu quarto.

— Não pode ser — reagi. — Tenho certeza de que era sua irmã mais velha vestindo um lençol branco e fazendo “buuu... buuuuuu”!

Por favor, não acreditem em boatos! Fiz o que pude para que um cara tão grande quanto Lucas se sentisse pequeno.

— De qualquer forma, e se fosse mesmo uma caça aos fantasmas, como você acabou de chamar? — Logan exigia resposta. — O que você tem a ver com isso?

— Nada. — Essa conversa não estava se desenrolando do jeito que eu pretendia. — Estou chocada por vocês acreditarem nesses boatos, só isso.

— Não somos os únicos — observou Lucas. — Agora não se fala em outra coisa na cidade. Os caras mais velhos estão planejando um encontro para irem juntos ver o que se passa lá.

Eles já foram. As palavras estavam na ponta da minha língua, mas consegui evitar que saíssem.

— E Bob Jonson é um deles — completou Logan.

Como eu tinha quase acabado de entregar tudo, estava nervosa. E se eu acabasse falando sem querer e Logan descobrisse que eu sabia mais do que estava dizendo? Então minha promessa de segredo iria por água abaixo, e eu não podia fazer isso!

Fiquei assustada e até pensei ter ouvido as asas zumbi batendo em torno da minha cabeça como um aviso.

— Darina, está tudo bem? — Logan quis confirmar. — Quer entrar um pouco, deitar?

— Não, só quero ir pra casa. — Eu sabia que estava tremendo e tentei disfarçar. — Obrigada, Logan, mas vou esperar aqui na varanda.

Lucas e Logan devem ter trocado outro olhar de relance, porque de repente Lucas se levantou e disse que iria até a trilha ver se Christian e Matt estavam lá.

O que significava que Logan teria uma conversa a sós comigo, que tinha tudo para ser intensa. E eu ainda ouvia o som das asas batendo.

— Eu só quero ajudar — começou ele.

— Você já ajudou. Sério mesmo, Logan, sei que você sempre me apoia.

— Então por que está tão relutante? — ele se aproximou do canto onde eu estava. Isso me deixou sem saída e bem desconfortável. — Darina, por favor, fale comigo.

— Não tenho nada a dizer, a não ser que estou sofrendo muito. Você compreende?

As asas pararam de bater. Eu estava me saindo bem.

— Compreendo e quero muito ajudar. Tá bom, sei que estou sendo repetitivo, mas estou só tentando entender o que se passa aí dentro.

Ele estava me pressionando contra as grades da varanda e eu mal conseguia respirar. Tive de encontrar um jeito de fazê-lo recuar, antes que ele viesse em minha direção e me beijasse na boca.

— Entendo, Logan — falei, colocando minha mão em seu ombro e percebendo que estava tremendo tanto quanto eu. — E estou verdadeiramente agradecida. — dei um beijinho em sua bochecha e me esquivei por debaixo de seu braço, saindo da quina perigosa.

Ele suspirou e foi para trás, apoiando-se na parede com os olhos fechados, até que ouviu o barulho de um carro chacoalhando na trilha.

— Aí vem Christian — disse, descendo da varanda.

Os três caras apareceram rebocando meu carro destruído. O para-choque da frente vinha batendo e sendo arrastado pelo chão.

— Você precisa consertar isso — Lucas me disse, segurando a direção. Concordei.

— Consigo chegar à cidade do jeito que está?

— Espere. — Christian saiu de seu jipe e forçou o para-choque. — Precisamos tirar isso aqui — decidi, apoiando todo o seu peso nele e torcendo com força, até se separar da carroceria do carro. — Jogue isso no porta-malas — disse ele a Lucas.

Enquanto isso, Matt pulou para fora do jipe e andou silenciosamente até a loja.

— Tudo bem, você já pode ir — disse Christian. — Pelo que estou vendo, com o eixo na frente não há problema algum.

— Obrigada, senhor mecânico — dei um risinho, tentando amenizar o ambiente pesado e rapidamente tomando o lugar de Lucas no banco do motorista. Esperei até ouvir a tampa do porta-malas bater com força. — E obrigada a você também, Lucas.

— Tem certeza de que está bem para dirigir? — perguntaram. Logan ficou mais para trás, parecendo ter considerado meu beijo na bochecha como uma espécie de traição de Judas. Ele obviamente queria mais que isso.

— Obrigada, Logan — falei com carinho. Ele estava magoado e eu odiava vê-lo daquele jeito. Mas o que poderia fazer?

Saí de Foxton pela estrada pavimentada, passei pela gigantesca cruz de neon que iluminava a montanha à noite, e também pelo trecho de floresta queimada com seus pinheiros chamuscados e deformados através das redondezas da Centennial, em direção à cidade.

Naquela noite, de algum modo, consegui acalmar os ânimos hostis de Laura.

— Ah, meu Deus, olhe só seu carro! — gritou ela. O sol estava se pondo e ela estava sozinha na varanda quando estacionei. — Darina, o que aconteceu? Você está bem?

— Sim, veja! — Subi os degraus da entrada correndo e dei uma voltinha. — Sã e salva!

Ela fez com que eu me sentasse.

— E o que aconteceu, então?

— Eu estava dando uma volta com Logan e alguns meninos, nada de mais, e o tonto encostou no meu para-choque. Sorte que estávamos indo a pouco mais de quinze quilômetros por hora. *Vá com calma ao contar essa história, Darina. Você não precisa falar nada que dê margem para dúvidas e sustos.*

— Dói alguma coisa? — perguntou ela ansiosa. — Pescoço? As costas?

— Nem um arranhão. — Escondi meu braço roxo debaixo da manga.
— Sério mesmo, mãe, não foi nada de mais.

Quando era mais jovem, antes de me tornar quem sou hoje, todos diziam que me parecia com Laura. O mesmo cabelo comprido e escuro, sorriso largo, o queixo pequeno e pontudo e o nariz bonitinho. “Vocês devem ser irmãs!”, alguns caras falavam — os que tinham algum interesse nela depois que meu pai foi embora. Há pouco tempo, cortei meu cabelo mais curto e o pintei de uma cor ainda mais escura. Isso e mais a sombra escura e esfumada que uso nos olhos fazem com que a gente fique completamente diferente.

— E o carro? Quem vai pagar pelo conserto? O pai do Logan não tem nem um centavo sobrando, e disso tenho certeza.

Sim, Laura. Como sempre, estava pensando em dinheiro, dinheiro e dinheiro. De qualquer forma, era mais fácil lidar com isso do que com ela reclamando sobre minha saúde e segurança.

— Vou falar com Christian, ele entende de carro e talvez até consiga consertar de graça.

Ela concordou e pegou um cigarro.

— Você precisa parar — falei baixo, indo em direção à porta da frente.
— Onde está Jim?

— Saiu — respondeu ela, e a pequena brasa vermelha de seu cigarro ia ficando cada vez mais brilhante à medida que escurecia.

Existe uma diferença do tamanho do oceano entre o que as pessoas veem e como você está por dentro. E é possível sentir essa diferença especialmente deitada na cama sem dormir, olhando para o teto.

Eu, na verdade, saí daquela montanha parecendo a Darina de antes — tranquila, bem resolvida, uma menina de atitude.

Mas por dentro estava destruída e assustada até não poder mais. Havia passado a tarde com mortos-vivos, meu Deus, e estava apaixonada por um deles. Desesperadamente. Incurrigivelmente apaixonada.

O teto escuro e as paredes pareciam estar prestes a me esmagar. Havia perdido e encontra Phoenix, estava caindo num buraco sem fundo e ele havia me segurado e me ajudado a subir, confortando-me em seus braços novamente.

Mas esse novo universo de que participava era cheio das coisas mais esquisitas. O todo-poderoso Hunter com seu cabelo grisalho e olhos metálicos, Arizona ainda difícil de gostar, a delicada e adorável Summer, e Jonas, triste e sofrido. E os Beautiful Dead haviam ido até o limbo e voltado. Eles não tinham coração.

Fiquei lá no escuro, lembrando-me do rosto tão lindo de Phoenix. — Queria que você estivesse aqui — suspirei. Sabia que ele podia fazer isso — aparecer e desaparecer quando quisesse. — Esteja aqui quando eu precisar de você.

Mas ouvi apenas as asas batendo à distância, como um suspiro levado pelo vento. Um aviso.

— Olá, sr. Bishop, é Darina — anunciei pelo interfone da casa de Zoey, já na manhã seguinte.

— Darina?

— Sim. Estava andando por aqui e pensei em visitar Zoey. — Quem eu estava tentando enganar? Tinha quase me matado de dúvida, sem saber se ligava antes ou chegava sem avisar. Ou mandava uma mensagem de texto? Tentei ligar para o celular de Zoey, mas seu número havia mudado. Dei cinco voltas no quarteirão com o carro, antes de parar e ter coragem de tocar a campainha.

— Espere um minuto — pediu o Sr. Bishop.

Fiquei parada no começo da longa estrada para carros feita de pedras cor-de-rosa, olhando para aquele casarão impressionante. A casa de alvenaria tinha dois grandes pilares na entrada em estilo colonial. As varandas eram cercadas por grades de ferro e havia um estábulo em um dos lados do jardim onde ficavam os cavalos de Zoey.

O pai dela veio dirigindo um carrinho de golfe para cruzar o jardim até o portão. Quando desceu, parecia Tiger Woods.

— Darina! — disse ele, como se tivesse acabado de ligar o nome à pessoa. Ou ele estava passando por um breve momento de senilidade ou essa era uma tentativa deliberada de me distanciar. — Não víamos você há muito tempo.

— É, eu me encontrei com Zoey outro dia e ela me disse para ligar.

O Sr. Bishop fez uma cara séria, obviamente observando a equação “carro velho menos para-choque”, e me reprovando por completo — cabelo, maquiagem, tudo.

— Mas onde isso aconteceu? Seu encontro com Zoey, quero dizer.

..

— Na sala de espera de Kim Reiss. — eu quase senti a aflição dele me ouvindo dizer isso, como se o nome Kim Reiss fosse um palavrão.

— Entendo. É que Zoey não tem saído muito. Apenas para ver os médicos.

E a psicóloga, pensei, mas não disse.

— Prometi que a visitaria... — insisti.

Ele permaneceu irredutível atrás do portão fechado.

— Outra vez, quem sabe.

— ...O mais rápido possível.

— Ela não pode receber visitas agora.

— Pensei que sábado seria um bom dia.

Falávamos rápida e contraditoriamente até a mãe de Zoey aparecer na entrada principal e vir quase correndo pela entrada do carro.

— Oi, Darina. — Seu jeito de me cumprimentar também foi seco, mas meio grau mais caloroso do que o de seu marido. — Zoey está na janela, ela ouviu seu carro.

— Então ela sabe que eu estou aqui. Legal.

A Sra. Bishop esboçou um rápido sorriso. — Sinto muito pelo que aconteceu com Phoenix — disse ela. — Sei que vocês namoravam.

Confirmei.

— Ainda não posso acreditar. Quatro vidas de pessoas tão jovens desperdiçadas.

— Cinco — contradisse o sr. Bishop de modo amargo. — Cinco, contando com Zoey.

Sua esposa tomou a dianteira e abriu o portão.

— Melhor você entrar.

Zoey e eu não recomeçamos como se nada tivesse acontecido há um ano, não foi nem perto disso. Muita coisa havia ficado para trás e sido esquecida. Conversar com ela era o mesmo que assistir a pedaços desconexos de uma antiga gravação em vídeo, fora de ordem e com grandes lacunas. Enormes.

Ela estava na cadeira de rodas, parecendo pequena naquela sala de visitas do tamanho de uma quadra de tênis. O decorador teve carta branca para comprar antiguidades, em especial tapetes turcos, lustres e um antigo relógio de pêndulo.

— Uau. Nunca tinha vindo nesta sala antes. — Eu não disse “uau” como se isso fosse legal, “uau” queria dizer “como assim?”.

— Mudamos algumas coisas de lugar — Zoey explicou se defendendo, porque sabia que a casa em que eu vivia com Laura e Jim era um pouco maior que um trailer, mas só um pouco. — Meu quarto é agora ali, junto com o banheiro, tudo no mesmo andar. E uma rampa que sai da porta de vidro e vai até o jardim.

— Quer ir lá fora? — Para longe do barulho do relógio e da escolha de papel de parede feita pelo decorador: listras vermelhas e douradas.

Zoey concordou.

Sua cadeira de rodas foi zunindo até a porta. Zoey levantou o trinco para abri-la.

— Ainda tenho os cavalos, Pepper e Merlin. Venha ver.

Até gosto de cavalos, então fui junto ao estábulo e disse umas coisas legais sobre os dois cavalos árabes parados lá em suas baias.

Zoey pegou duas balinhas de menta e deu para eles. — Sei que devo estar mimando-os demais. Meu pai queria vendê-los, mas eu não quis de jeito nenhum.

— E como está o progresso para voltar a andar?

— Devagar. Ontem treinei um pouco na fisioterapia e dei dois passos. Viva!

— Isso é muito bom. — Nós duas estávamos pisando em ovos sobre o assunto principal: Jonas e o acidente.

— Só dois passos e mesmo assim doeu demais — confessou Zoey.

— Imagino.

— Tenho outra sessão com Kim: quinta-feira, três e meia.

— Eu também, quatro e meia.

— Gosto dela.

— Ela é legal, sim.

— Por que está indo lá? Conte para mim de novo.

— Laura acha que fiquei louca por ter perdido Phoenix — disse, e dei uma risada despropositada. — Bom, de qualquer forma, imagino que você esteja indo lá para ver se recupera sua memória, é isso?

Zoey fez cara de quem não estava nem aí. — Foi ideia da minha mãe, não estou nem ligando. Nada trará Jonas de volta.

Um arrepio percorreu minha espinha quando pensei nele lá em Foxton, e me lembrei de que tinha a fivela da Harley bem guardada no bolso da minha calça.

— Não é possível voltar — continuou ela com uma voz cansada. — Todo mundo diz que não importa, que devemos olhar para frente e não para trás, a não ser Kim. Ela disse que é importante que eu me lembre.

— Para preencher as lacunas. — concordei entusiasmada. — E você disse que precisava de minha ajuda.

— Você imagina como é isso, esse negócio de TEPT? É como tentar continuar a fazer tricô depois de ter derrubado a agulha e tudo ter se desmanchado. Você acaba com um buraco irritante que vai ficando cada vez maior.

— Assustador...

— Inacreditável. O buraco já está tão grande que é possível que eu caia lá dentro e desapareça, juro!

Ah, a sensação de queda. Você continua caindo, caindo e as paredes do buraco negro são flácidas e não há no que se segurar e também não há fundo. Foi assim que me senti quando Phoenix morreu.

— Tente se lembrar de antes do acidente — disse a Zoey. — Você se lembra de como você e Jonas estavam juntos?

— Eu o amava — disse ela baixinho, enquanto os dois cavalos esticavam o pescoço para fora da baia pedindo mais balas. — Como alguém poderia não amá-lo?

— Um menino tão, tão doce... — concordei, evitando o dilema *ele era* ou *ele é*.

Zoey parou por um momento, parecendo ter escorregado para dentro de um desses buracos em sua memória.

Esperei que ela conseguisse subir de volta.

— Acho que tenho que agradecê-la — disse suspirando, depois de um longo silêncio.

— Por quê?

— Por ter agarrado Matt, afastando-o de mim, e assim deixar que Jonas recolhesse os cacos.

— Espere um pouco. — E lá vinha o horroroso assunto Matt Fortune colocando suas asinhas de fora. — Eu nunca o “agarrei”. Pelo que me lembro, Matt correu em minha direção e quebrou o recorde olímpico para conseguir chegar até mim.

Tchauzinho, Zoey. Darina, cheguei!

— Sim, acredito em você. — Zoey não acreditava antes e continuava sem acreditar. Convenceu-se de que seu término com Matt aconteceu por minha culpa e que havia sido minha ideia. — Quanto tempo faz agora?

— Quase um ano e meio. Não lidei bem com isso, mas não roubei Matt, juro. Ele nem faz meu tipo.

— Tanto faz. — ela obviamente detestava falar sobre o assunto. — Vamos entrar.

Mas segurei a parte de trás de sua cadeira e a virei em minha direção. — Zoey, eu jamais faria isso. Não fico brincando com os caras nem os roubando das minhas amigas, e não sei o que foi que Matt Fortune disse a você. Na verdade, quando ele tentou ficar comigo pela primeira vez na festa de Hannah, cortei na hora.

— Não foi isso que Hannah me contou. — Zoey me olhou com os olhos marejados. — Ela disse que você agarrou Matt com as duas mãos.

— Tá certo, mas com amigas iguais a Hannah... — minha voz foi minguando. — Depois disso, só fui namorar outro cara mais de um ano depois... Pra você ver como sou rápida no gatilho!

— Phoenix?

— Sim... você se lembra dele?

Ela confirmou.

— Jonas gostou dele desde que o viu pela primeira vez. Pessoalmente, eu o achava muito distante e tinha um pouco de medo dele.

Balancei a cabeça, sugerindo que não havia razão.

— Phoenix jamais machucaria alguém.

— Mas não foi exatamente amor à primeira vista para vocês dois — Zoey me lembrou. — Logo que ele chegou a Ellerton, ouvi você dizendo a Logan que achava que Phoenix era arrogante demais. Você deixou isso bem claro para todo mundo.

— Na verdade, ele era tímido. Parecia ter um ar de superioridade e, pessoalmente, isso já está resolvido para mim. Mas, Zoey, você disse uma coisa importante. Você se lembra de quando os Rohr chegaram aqui?

— Sim. Brandon Rohr não conseguia arranjar emprego e ficava na loja da Harley com Charlie Fortune. Conheci Brandon quando Jonas entrou para consertar a moto.

— Isso foi poucas semanas antes do acidente — completei, ficando mais animada. — Você se lembra de mais alguma coisa daquela época ou um pouco depois?

— Charlie consertou os freios da moto e Jonas me levou até o lago no dia seguinte.

— Mas isso não foi no dia do acidente, foi? — procurei confirmar.

— Não foi não. Foi antes.

— E não havia nada de errado com a moto? — imaginei se Charlie Fortune poderia ter feito algo errado e, com isso, causado o acidente.

Zoey disse que não.

— Cruzamos em sentido a Hartmann sem nenhum problema. Foi um dia perfeito.

Fiquei parada em silêncio, dando tempo a Zoey para que se lembrasse do que, para ela, agora devia ser o paraíso.

— Jonas disse que me amava — confessou. — E aquela foi a primeira e a última vez. Estávamos sentados no cais com os pés na água fresquinha. O sol estava bem forte.

Peça por peça, seu quebra-cabeça começava a ser montado.

— Nunca contei para ninguém — contou-me baixinho. — Para o caso de não ser verdade...

— Mas era — disse. — Ele amava você, sim.

Ela se arrastou de volta para o presente, olhando para mim, querendo saber mais, mas eu já havia ido longe demais e já tinha começado a ouvir as asas, e Hunter grudaria em mim se eu não começasse a ser mais cuidadosa.

— Dava para saber pelo modo como ele olhava para você — disparei. Esse e outros clichês de fotonovelas.

— Não importa — suspirou ela novamente, desistindo de mim e virando sua cadeira em direção à casa e vendo sua mãe esperando perto da porta de vidro. — Estou cansada, Darina. Preciso ir.

— Certo. Eu ligo para você.

Não saia! Nós ainda nem chegamos ao assunto principal!

Zoey não olhou para trás enquanto atravessava o jardim.

— Obrigada pela visita. Cuide-se!

Droga! O que faço agora? Corro atrás dela e digo que preciso muito que ela se lembre do acidente, por que quero ajudar a limpar a barra de Jonas? Parecia correto na teoria, mas apenas um olhar para o rosto pálido e derrotado dela foi suficiente para saber que não deveria. De qualquer forma, a Sra. Bishop estava saindo para encontrá-la e me chamando com um gesto firme, mas educado.

Fui então contornando a casa pelo lado, atravessei o gramado fofo e fui até o portão.

— Por favor, eu abro o portão para você. — o Sr. Bishop havia saído correndo para apertar os botões no painel de controle da segurança. — Espero que sua visita não tenha deixado Zoey cansada — disse ele.

— A gente só conversou, foi tranquilo — eu disse a ele.

— Ela contou que deu os primeiros passos?

Fiz que sim com a cabeça.

— Um milagre. Se você a tivesse visto no hospital há três meses, jamais acreditaria que ela estaria recomeçando a andar.

— Essa é mesmo uma ótima notícia, Sr. Bishop — o cara não gostava de mim, o que fez com que eu ficasse ultraeducada. Eu também não gostava dele, com aquela malha amarela de jogador de golfe e a calça xadrez.

— Temos de seguir com nossa vida — insistiu ele, abrindo o portão e esperando que eu passasse. — Estamos só pensando no futuro, Darina, não no passado.

Fiquei chocada ao ver Jonas parado sob um plátano a cerca de cem metros da estrada e me esperando sair.

O passado não vai embora só porque se quer: ele volta como um bumerangue, quer queira, quer não.



CAPÍTULO 5

Qualquer pessoa que visse Jonas parado debaixo daquela árvore pensaria em uma das duas seguintes opções: esse menino está com sérios problemas e precisa de ajuda, ou é alguém perigoso que se deve evitar. Problemático ou perigoso, dependendo do ângulo que se vê, porque ninguém normal ficaria ali daquele jeito, tão pálido e confuso.

— E aí? — perguntou ele enquanto eu passava de carro perto da árvore.

— Acabei de me encontrar com Zoey — falei rápido. — Nós conversamos.

— E como ela está? — Seus olhos azuis, agora tão fundos, clamavam por boas notícias.

— Ela está indo muito bem e cercada de cuidados.

Jonas só estava começando a perguntar.

— Vai dar tudo certo? Ela vai conseguir voltar para a escola? Fazer faculdade, essas coisas?

— Você quer saber se sofre danos cerebrais durante o acidente? — É verdade, Zoey havia ficado um mês e meio em coma e sabe lá Deus com que sequelas.

— Quero — Jonas virou a cabeça para o outro lado enquanto esperava por minha resposta. Pela primeira vez vi a pequena tatuagem de asas de anjo no lado esquerdo de seu pescoço, logo abaixo da orelha e meio escondida em seu cabelo loiro. Meu coração ficou descompassado e tive vontade de chorar. Em vez disso, tentei confortá-lo.

— Não sou nenhuma especialista no assunto, Jonas, mas ela me pareceu a antiga Zoey que conhecíamos, a não ser pela imensa lacuna em sua memória.

Ele concordava.

— A antiga Zoey em que sentido?

Esforcei-me para exemplificar com exatidão.

— Ela ainda ama aqueles cavalos como se fossem os filhos dela, e continua respeitando os pais excessivamente. Sem novidades.

— Sim, Zoey era quase sempre obediente — Jonas concordou com um sorriso amarelo, passou a mão no cabelo e apoiando-a na parte do pescoço em que ficava sua marca mortal. — Ela disse alguma coisa sobre mim?

Fiquei muito feliz ao contar essa parte de nossa conversa.

— Ela disse que amava você.

Jonas fechou os olhos, respirou profundamente e um peso pareceu ter sido retirado de seus ombros.

— Ela não me odeia?

— De jeito nenhum. Ela contou sobre o dia em que vocês dois foram até o lago e você declarou que a amava, disse que esse dia foi perfeito.

— Ela não me odeia — repetiu para si mesmo.

Nesse momento um carro passou e quebrou todo o clima. Olhei para trás e percebi que meu próprio carro estava no meio da estrada atrapalhando e que precisava tirá-lo.

— Quanto tempo você pode ficar? — perguntei a Jonas. — Você me espera estacionar o carro?

— Não posso ficar muito. Hunter quer que todos nós estejamos no sítio ao meio-dia. Ele está achando que a coisa vai complicar.

— Certo, entre — disse a Jonas, decidida a levá-lo a algum lugar mais tranquilo.

Sáímos da cidade e paramos em um lugar onde ninguém conseguiria nos ver, de frente para Hartmann, de onde enxergávamos o lago brilhando à distância. Jonas parecia feliz por poder se sentar um pouco sem dizer nada e, enquanto isso, aproveitei a chance para observá-lo de perto.

Até o dia do acidente, eu achava que Jonas Jonson era uma pessoa de sorte — demais até. Em primeiro lugar, ele parecia um astro de cinema. Aqueles olhos azuis, cabelo claro, nariz reto, testa alta, tudo isso ainda com jeito de ser inteligente e não só bonitinho. Lábios que qualquer menina adoraria beijar. Mais que isso, ele era uma pessoa genuinamente boa.

— Darina, fiquei sabendo sobre seu pai. — Ele veio falar comigo quando as coisas estavam desmoronando na minha casa — a briga por causa da outra mulher, meu pai indo embora, o colapso nervoso de Laura. A maioria do pessoal não tinha encontrado uma maneira de se manifestar e me apoiar quando tudo aconteceu, mas a reação de Jonas havia sido simples e delicada. — Que droga, hein? Sinto muito...

Depois disso, com o passar dos anos, nós conversávamos sobre quase tudo. Não tanto quanto Logan e eu, porque Jonas morava do outro lado da cidade. Mas fazíamos coisas juntos — Jonas gostava de tocar violão e eu também, apesar de sabermos que jamais seríamos estrelas do rock. Adorávamos atuar em peças na escola e também compartilhávamos o ódio por Il Duce, como chamávamos o Dr. Valenti.

Depois, quando fez dezesseis anos, lá estava Jonas e sua Harley Dyna — essa espécie de acessório monstruoso fazia com que todos o achassem o máximo. Ele não usava capacete, ia com os cabelos ao vento, rosto e braços descobertos mostrando seu bronzeado. Subia de moto pela montanha, sempre roncando o motor.

— Veja o que encontrei — disse, tentando ignorar a tatuagem com asas de anjo que agora eu já havia visto e não conseguia mais parar de olhar, como se meus olhos fossem atraídos para ela o tempo todo. Tirei a fivela da Harley de meu bolso e segurei-a na palma da mão. — Estava no chão do celeiro. Acho que é sua.

Jonas pegou a fivela, virou-a, passando o dedo pela caveira prateada e pelas letras.

— Fique com ela — disse ele, devolvendo-a. — Uma coisa para você se lembrar de mim.

— Por que está tão triste? — perguntei a ele. — Já estamos perto de conseguir respostas para as dúvidas sobre o acidente. Zoey me disse que Charlie Fortune consertou o freio de sua moto.

— É verdade, ele consertou.

— Acho que devíamos tentar confirmar isso.

— Talvez. Mas não esqueça que a polícia deve ter prestado atenção nesses detalhes e o freio deve ter sido a primeira coisa que verificaram.

Concordei.

— É possível que o freio estivesse funcionando bem logo depois de Charlie ter feito o conserto, e só depois ter parado de funcionar? E depois voltou a funcionar quando a polícia fez a perícia?

— Uma falha momentânea?

— Exatamente, uma falha momentânea.

— Você pode descobrir isso com Charlie — recomendou Jonas, saindo do carro para alongar as pernas. Acompanhei-o. Olhamos para o lago e para a cadeia de montanhas atrás dele. — Essa é a primeira chance que tenho de lhe agradecer, Darina.

— Não se preocupe.

— Sei que está se arriscando muito.

— Lembre-se de que também tenho muito a ganhar.

Jonas virou-se para mim.

— Doze meses com Phoenix, hein?

Esquisito — pulei sua referência ao período de tempo e voltei direto para a situação de Jonas.

— Então, depois que você se dissolver, desaparecer ou sei lá como é que se chama isso que faz, vou de carro até a oficina de Charlie Fortune para fazer algumas perguntas e descobrir se ele tem algo a esconder.

— Tome cuidado, Darina. — a recomendação de Jonas não saía da minha cabeça, assim como a história dos doze meses.

— Depois vou ligar para Zoey e marcar outra visita. Cada vez que nos falarmos, ela vai se lembrar de mais coisas, você vai ver. Daqui a pouco ela vai se lembrar do dia inteiro, sem lacunas, e de como o acidente aconteceu.

— Na terça-feira que vem vai fazer exatamente um ano. — ele estava perdendo o foco, enquanto eu mantinha o meu. — Isso é daqui a dez dias.

— Jonas, escute um pouco. Tenho certeza de que Zoey é a chave para descobrirmos tudo, quando ela conseguir se lembrar.

— Só tenho dez dias — ele me disse.

Desisti de falar sobre o que tinha em mente e prestei atenção ao que dizia.

— Depois desses dez dias o que vai acontecer?

De repente Jonas percebeu que eu não sabia de uma coisa importante. Ficou pensativo, hesitante e tentou fingir que não havia dito nada.

— Vamos entrar no carro e ir embora.

— Não! O que quer dizer com essa história de só ter dez dias?

— Por esse motivo é que Hunter colocou você na história para ajudar — explicou calmamente. — Meu tempo aqui está acabando. É a mesma coisa para todo mundo. Os Beautiful Dead têm exatamente um ano para descobrir

a verdade sobre como morreram e para conseguir justiça. É impossível estender esse tempo, não temos nenhuma outra chance.

— E o que acontece? — fiz a pergunta apesar de estar com medo da resposta, já sentindo o sangue desaparecendo de meu rosto e minhas mãos tremendo.

— Nós caímos fora e damos a chance para outra pessoa.

— *Todos* vocês? — perguntei, incapaz de aceitar.

— Todos — insistiu Jonas. — Arizona, Summer, Phoenix e eu. Não temos livre-arbítrio nem escolha. Os mortos-vivos existem durante exatamente um ano e depois vão embora. Vamos embora do mundo dos vivos e voltamos para o além, fim de papo.

Com as emoções a mil, atravessei a cidade de carro até a oficina de Charlie Fortune. Quando entro nessas crises, preciso encontrar alguma coisa para fazer e fico melhor quando dirijo, não me pergunte por quê.

Não foi fácil encontrar a oficina e precisei pedir informações. A mulher da lavanderia indicou um galpão com um toldo.

— Vire à esquerda ali e você vai achar a oficina de Charlie.

Segui as instruções e parei ao lado de uma vitrine com uma moto Softail novinha em exposição — um gigante metálico, com rodas e escapamentos prateados, assentos de couro macio e guidão alto. Do lado de fora, havia seis ou sete outras motos e dois caras de jaqueta de couro encostados contra uma parede. Eles olharam com atenção para mim e meu carro velho.

Reuni minhas forças e passei por eles, chegando ao segundo andar repleto de pneus e peças sobressalentes. Em um dos cantos da oficina havia um pequeno escritório decorado com aqueles típicos calendários de oficinas mecânicas e um quadro de avisos em que listas e notas fiscais estavam penduradas por tachinhas. Sentado à mesa da recepção estava o irmão de Matt Fortune, Charlie, conversando com um cara de quem eu só enxergava o perfil — uma versão mais velha de Jonas que reconheci imediatamente: Bob Jonson.

Sabia que Charlie havia me visto e optado por me ignorar.

— Como a Dyna ficou tão destruída? — perguntou ele a Bob. — Por onde você andou com ela?

— Você não ia nem querer saber por onde... — respondeu o pai de Jonas, parecendo envergonhado.

— Mas você comprou a moto há quanto tempo mesmo, três meses?

— Três meses e meio. Tive de economizar muito.

— Você não a está tratando direito. Essas preciosidades exigem total respeito. — Charlie se levantou e saiu da oficina para analisar os arranhões e amassados no sistema de escapamento da moto de Bob.

— Bati em uma parte acidentada da estrada de terra. — explicou Bob, que quase não me havia notado enquanto se explicava a Charlie. — Estávamos em Foxton, perto de Government Bridge. Fiz besteira.

— De novo? — Charlie se abaixou para olhar mais perto. — Mas me fale uma coisa, o que vocês estavam fazendo lá?

— Nada, fomos lá para caçar e só. — Bob ficou quieto, esperando, nervoso, enquanto Charlie puxava o suporte e testava as correias.

— Não foi isso que ouvi por aí. — Charlie levantou-se. — Ouvi que vocês foram lá para averiguar algumas histórias que estão circulando na cidade. Sobre invasores ou coisa do gênero na serra de Foxton.

— Talvez — disse Bob já sem paciência. — E daí?

— Então vocês arrumam confusão, mas ninguém quer contar exatamente o quê. E depois voltam com a cara de quem viu alguma coisa bem desagradável por lá. Sabe o que eu acho?

Bob cruzou os braços.

— Não, Charlie, não sei, quer me contar?

— Que isso não tem nada a ver com invasores, mas sim com a molecada toda, inclusive seu filho Jonas, e que isso deixou todo mundo apavorado de verdade. Vou falar com Matt para saber se é sério mesmo.

Nessa hora eu entrei. Gostem ou não, eles tiveram de aceitar minha participação na conversa.

— Vi Matt em Foxtón ontem à noite — logo me intrometi. — Ele estava lá, pescando com Christian Oldman e mais alguns outros.

— Meu Deus, eu já falei para ele ficar longe daquele lugar! — Charlie tentou alcançar o telefone, mas, antes de ligar para o Matt, ele se virou outra vez para Bob. — Foxtón é perigoso, não é?

— É, alguma coisa está acontecendo lá, sim — confessou Bob. — Não é certo um monte de homens, caras normais, com vidas normais como eu, indo até lá para olhar, sem fazer nada de mais, e todos sentirem as mesmas coisas.

— Que coisas?

— Coisas esquisitas. Sentimos um vento, como se estivesse vindo uma tempestade, mas sem nuvens no céu. Para mim parecia um grande bando de pássaros reunidos, como se quisessem fazer com que eu fosse embora, não me deixando continuar.

— Asas? — perguntou Charlie.

Fiquei paralisada, impossibilitada de mudar o rumo da conversa e já me preparando para ver uma daquelas caveiras mortais se materializarem bem na minha frente.

— Eu sei, parece loucura que um monte de pássaros invisíveis consiga afastar alguém de um lugar, mas estou falando sério, Charlie, juro que vi coisas também. Estava andando de moto pela trilha, naquela parte acidentada, e vi uma mulher com um bebê, lá no meio do nada.

— Sozinha?

Bob confirmou.

—E depois, o mais esquisito: sombras começaram a se mexer e a se aproximar, as asas faziam o vento bater forte, de novo. Senti que alguns rostos estavam se amontoando à minha frente e então saí de lá correndo.

Engoli em seco, querendo interromper o fluxo de confissões de Bob, mas não sabia como fazê-lo. Por sorte, Charlie fez isso por mim.

— Cara, você precisa falar com alguém a respeito disso. Falar com um psicólogo sobre a perda de seu filho. Bob, espero que não se importe por eu dizer isso a você, mas é minha opinião.

Bob fez um sinal negativo com a cabeça.

— Mas não fui o único! Quando retornamos à cidade, todos os caras contaram a mesma história: sombras, rostos, a coisa toda. Nós definitivamente precisamos de uma explicação e não vamos parar até encontrá-la. Agora nós quatro estamos planejando voltar lá hoje, mais tarde. Quis dizer que era contra, mas Charlie sugeriu que não se importava com a situação e ligou para o número de seu irmão.

— Me faça um favor — disse baixinho para Bob enquanto esperava a resposta de Matt. — Da próxima vez que visitar Foxton, poupe sua Harley e vá com a Kawasaki antiga.

— Ei, Darina, você tem ido nadar ultimamente?

Era só isso que me faltava — Brandon Rohr havia se unido aos dois caras parados do lado de fora da oficina de Charlie Fortune. Foi sua voz que me chamou enquanto ia até meu carro. E ele, debochado, contou a seus amigos sobre minha experiência de quase afogamento com todos os detalhes possíveis.

— O que aconteceu com seu carro? — perguntou ele depois que eles terminaram de rir, subiram em suas motos, roncando o motor, e foram embora, rua abaixo.

— O para-choque caiu — respondi. — Não dá para ver?

—Charlie não conserta carros — Brandon me disse tranquilo. — Só motos.

— Sim, acabei de descobrir.

Vá embora. Brandon, e me deixe sozinha. Precisava avisar Phoenix sobre o que havia acabado de ouvir de Bob Jonson.

— E como aconteceu? — perguntou de um jeito mais sério. — Você bateu em quem?

— Logan Lavelle, na verdade. — consegui me manter calma com Brandon, mas no fundo estava desesperada para ir embora. — É um menino da minha classe, está tudo bem.

Brandon andou devagar em volta do meu carro e fuçou com o pé o lugar onde deveria estar o para-choque.

— Essa droga de carro está caindo aos pedaços.

— Pois é, tô sabendo. — entrei e dei a partida.

Ele ficou na minha frente.

— Phoenix não gostava que você dirigisse essa velharia. Ele disse que você precisava de um carro novo.

Fiquei apreensiva e surpresa por saber que Phoenix tinha conversado sobre mim com o irmão, e mais surpresa ainda por Brandon se lembrar da conversa.

— Ele estava certo — resmungou Brandon.

— Sim, quando eu ganhar na loteria. — Avancei com o carro para a frente. — Até lá não tenho muita escolha, é isso aqui ou então ficar a pé. — No topo da minha lista de prioridades, bem antes de qualquer conversa sobre troca de carro, estava encontrar Phoenix antes que Bob Jonson e seus amigos aparecessem por lá. — Brandon, saia do caminho, tenho um compromisso.

— Por que a pressa? — perguntou ele, apoiando-se na janela do passageiro. — Experimente dirigir na metade da velocidade, o que acha? Desse jeito não vai bater em nada.

— Obrigada pelos conselhos de direção defensiva. Mas agora preciso ir, mesmo!

Com um sorrisinho formando uma covinha mais acentuada de um dos lados, expressão que fazia com que me lembrasse de Phoenix, ele disse: — Por que você não me deixa perguntar para algumas pessoas se não têm um carro para você?

Batendo com os pulsos na direção, imediatamente dei a ele três razões.

— Por que não tenho dinheiro, nem um centavo. Porque não tenho trabalho para poder fazer um financiamento. Porque meus pais não têm dinheiro para me dar um carro.

— Mas quem disse que você teria de gastar? — ele falou bem devagar, ainda se apoiando na janela. — Conheço um monte de gente com carros demais na garagem, que só ficam ocupando espaço.

— Não precisa perder tempo se preocupando em fazer coisas para mim — protestei. Motivos subentendidos e pensamentos repulsivos rodeavam minha cabeça.

— Mas por que não?

— Porque não!

— Nem mesmo se Phoenix tivesse me pedido? — ele esperava para ver a manifestação do choque em meu rosto, e permanecia lá parado, batendo a palma da mão no teto. — Tome cuidado na direção, Darina — disse ele me dando tchau.

Só quando parei no semáforo na Centennial é que me lembrei de que havia mais de uma estrada até Foxton e decidi não pegar a via expressa.

Era importante chegar à serra sem que Logan e seus companheiros de pesca me vissem e sem me encontrar com Bob Jonson e o resto. Se pegasse a estrada local, evitaria me encontrar com eles e talvez até chegasse mais rápido.

Então virei à esquerda no semáforo e segui uma estrada estreita, passando próximo à cruz de neon gigante e olhando para baixo, para a serra de Turkey Shoot, para a entrada onde havia acontecido o acidente de Jonas e Zoey. Havia uma curva na estrada que desviava entre pedras bem escuras. Continuei indo com o carro por entre as montanhas em direção ao cor-de-rosa do sol poente.

Na parte mais alta da estrada, avistei um jipe estacionado debaixo de algumas sequoias e dois caras de camisa xadrez bebendo cerveja. Seus rifles estavam apoiados na parte de trás do carro.

— Ei! — o cara de barba fez sinal para que eu parasse. — Viu algum rastro de alce?

Respondi que não enquanto olhava para a placa do carro, aliviada por ver que era de outro estado. Era mais provável que eles não soubessem nada sobre os incômodos da serra de Foxton.

— Tem visto cervos? — perguntou o segundo.

Dei uma risada e tratei de conduzi-los para onde eu tinha acabado de sair.

— Sim, vários, perto de Turkey Shoot.

— Quantos?

— Dez, talvez onze. Em uma clareira atrás da serra. — Era mentira. Não tinha visto nada disso, mas gostava mais dos cervos graciosos, com seus grandes olhos, do que de caçadores ignorantes com suas enormes barrigas de cerveja.

Eles me agradeceram, continuei subindo a montanha sem ver mais ninguém até chegar ao fim da estrada.

E agora? Nunca tinha vindo até essa parte da estrada local antes e precisava sair do carro e descobrir se a cadeia de montanhas de Foxton estava perto ou não. Olhando para a estrada debaixo do ponto alto onde eu estava conseguia ver o riacho passando pelo vale e as antigas cabanas dos pescadores na margem. Depois disso ainda consegui ver o pequeno

aglomerado de casas, o cruzamento da estrada e bem no alto da serra a formação rochosa chamada Pedra do Anjo que Phoenix havia me mostrado.

Perto, mas não o suficiente. Para chegar até a casa de Hunter eu precisava andar ao largo de outra serra e me aproximar do sítio vindo da direção oposta à que eu geralmente vinha — um caminho que provavelmente levaria meia hora. Depois, de novo, havia conseguido ficar bem escondida e sabia que não seria vista por Bob Jonson e pelos caras da cidade até chegar a Phoenix. Ainda por cima, conseguiria chegar lá antes de escurecer e, se desse sorte, conseguiria avisá-los a tempo.

Saí então em disparada pelo mato em direção oeste por entre espinheiros e pés de sálvia, meus pés esmagavam o chão de cascalho enquanto eu mantinha os olhos fixos em um ponto de referência: a Pedra do Anjo. Logo o suor começou a escorrer pelo meu rosto por causa do calor, tirei o casaco e amarrei na cintura, feliz com a brisa que vinha de longe e soprava no pico Amos.

Quinze minutos se passaram. A Pedra do Anjo apareceu negra contra o sol poente e vermelho. Parei para enxugar o rosto com o dorso da mão, esperando logo conseguir ver Phoenix e já ensaiando as palavras que ia dizer. “Prepare-se para a confusão... Os caras da cidade estão vindo para cá, com certeza”.

Os *Beautiful Dead* ficariam felizes em me ver. Seria a prova de que poderiam confiar em mim.

Mas à medida que eu continuava o vento aumentava, e eu era obrigada a ir mais devagar porque sacudia minha camisa com força e quase arrancava o casaco amarrado à cintura, além da poeira que entrava no meu olho. Apesar disso, continuei.

Enquanto me aproximava da Pedra do Anjo, o vento começou a virar outra coisa, mais agressivo e barulhento, trazendo o alvoroço das asas como se estivessem batendo em mim e me obrigando a abaixar diante da sombra profunda da pedra.

— Parem! — gritei. — Parem de tentar me mandar embora, estou aqui para ajudar! Elevando-se cada vez mais numa onda de som, as asas abafaram minha voz e me derrubaram no chão.

Caí de bruços, com o rosto para o lado, vendo o sol desaparecer e a escuridão cair como uma manta sobre a encosta. Nesse momento fiquei assustada de verdade, mais ainda assim não saí correndo.

Seja forte, pensei. Isso já me aconteceu antes — as asas, o campo de força me empurrando para trás. Dessa vez você sabe com que está lidando.

Levantei-me do chão e fui me arrastando pelo vale já sem esperança de encontrar outro ponto de referência ou qualquer coisa que me direcionasse, não naquela escuridão completa das sombras da montanha. Bati o tornozelo em um tronco de árvore caído, mas respirei fundo e continuei.

Meu coração batia muito rápido e alto. Era como se o vento provocado pelas asas estivesse me rasgando. Estava sem fôlego, apavorada, quase derrotada. “Por que você está fazendo isso comigo?”, pensei, agachada embaixo de uma pedra alta.

Senti um movimento acima da minha cabeça, olhei para cima e vi uma daquelas caveiras, o crânio convexo com buracos negros no lugar dos olhos, um riso mortal, precipitando-se bem na minha direção, uma vez após a outra, e depois outra, até precisar cobrir minha cabeça com as mãos e gritar como da outra vez.

Mãos fortes me levantaram. Reagi chutando, tentando me libertar na escuridão, enquanto ouvia passos me seguindo, cada vez mais perto. Finalmente as mãos me domaram com força.

— Pare! — ao me virar gritei, impressionada com a descoberta de que era a mãe do bebê quem me segurava, um dos mortos-vivos de Hunter. — Não faça isso. Você me conhece! — gritei.

Segurando-me pelo braço, a mulher me arrastou de volta para as montanhas. Seu cabelo estava preso para trás e sua expressão, indefinível pela escuridão. As asas estavam mais altas que nunca e as caveiras da morte continuavam pairando no ar.

Eu chorava e tentava me soltar com muito medo de não conseguir chegar a Phoenix e ainda sofrer a punição: voltar com todas as lembranças apagadas de minha memória.

— Não! — implorei. — Preciso falar com Phoenix. Ele pode lhe explicar.

Ao ouvir o nome dele, a mulher de repente soltou meu braço e deu um passo para trás.

Caí no chão violentamente e, quando olhei para cima de novo, lá estava Phoenix, surgido da escuridão, olhando para mim.

— Darina. — com delicadeza, suas mãos me ajudaram a levantar. — Estou aqui agora — disse ele, tentando me acalmar. — Venha comigo. Fique tranquila.

Ele fez com que as asas parassem e mandou a mulher zumbi e as caveiras embora. Contou tudo enquanto descíamos a colina — meu coração pulava de alegria por vê-lo novamente.

— Hunter nos colocou em alerta máximo assim que o sol começou a se pôr. Eve foi enviada para cá para proteger a fronteira leste.

— Os caras da cidade estão voltando! — minha explicação saiu quase sem fôlego, entre soluços baixos que ficaram presos em minha garganta. Fiquei feliz quando vi o brilho suave de uma luz amarela, o que significava que estávamos próximos da casa.

— Não fale nada agora. Vamos esperar até entrarmos. — Phoenix me guiou no escuro pela antiga entrada de madeira que levava até a casa. — Quem está vindo? — perguntou ele assim que fechou a porta.

— O pai de Jonas e alguns outros. Eles não vão sossegar enquanto não descobrirem o que está acontecendo aqui.

Phoenix concordou.

— Hunter disse que eles voltariam. É por isso que ele nos deixou em estado de alerta. Quantos, você sabe?

— Não exatamente. — recuperando o fôlego, dobrei a barra da minha calça e vi o arranhão sangrando na minha canela, de quando caí por cima do

tronco. — Quatro ou cinco, talvez. De qualquer forma, não serão tantos quanto da outra vez. Por que Eve usou as asas contra mim?

Phoenix fez com que eu me sentasse na antiga cadeira de balanço e foi até a pia para pegar uma vasilha de água fria e uma toalha de rosto limpa.

— Nos organizamos para que ninguém conseguisse passar. Eve ouviu de longe o barulho do carro e automaticamente colocou uma barreira. Fiquei triste por você ter se machucado.

— Não foi nada. — eu recuava à medida que Phoenix enxugava o sangue. No momento em que ele limpava minha perna, pequenas bolinhas vermelhas apareciam, se uniam, e depois, lentamente, escorriam por meu tornozelo. Eu me contorcia de dor e olhava para a casa vazia.

— Cadê todo mundo?

— Lá perto dos limites da propriedade, vigiando. Segure essa toalha e aperte com força para estancar o sangramento.

— Por quê? Aonde você vai?

— Lugar nenhum. Preciso falar com Jonas. Só um minuto.

Vi Phoenix ficar parado próximo à janela, com as pálpebras semicerradas, um olhar de concentração intensa em seu rosto.

— Ei, Jonas, sou eu, Phoenix. Como você está, cara?

— Bem — a resposta foi tão clara como se Jonas estivesse na sala ao nosso lado. Eu olhava para todos os cantos sem parar, tentando imaginar o que estava acontecendo.

— Onde você está?

— Aqui em cima, perto da caixa d'água. E você?

— Dentro da casa.

— Quem está com você? Dá para ouvir que tem mais alguém na sala.

— É Darina. Por isso eu queria falar com você. Ela disse que seu pai está voltando para cá com mais alguns caras. Você está ouvindo alguma coisa fora do normal aí de cima?

— Negativo. — mesmo assim, Jonas parecia preocupado. — Como Darina está? Bem?

— Sim, nada de mais. Eve não a reconheceu no escuro e deu um susto nela. Escute, Jonas, você precisa contar a Hunter o que vai acontecer, sobre seu pai e os outros. Eles virão de Foxtton, então os deixe avisados e de prontidão.

— Certo, deixe comigo.

— E se você se encontrar com seu pai, não se envolva. Deixe que os outros façam o trabalho.

— Tá certo. — A voz de Jonas começou a ficar cada vez mais baixa à medida que Phoenix relaxava e saía de perto da janela. — Obrigado, Phoenix. Até mais.

— Até mais, cara — respondeu ele baixinho.

— Como você fez isso? — exige uma explicação, em parte por ter ficado assustada, mas principalmente por estar impressionada.

— O quê?

— Falar com um cara que está a meio quilômetro de distância e ouvi-lo como se estivesse bem aqui no meio da sala?

Phoenix sorriu.

— Lembre-se de que nós ouvimos tudo.

— Sim, mas como você fez com que eu também ouvisse?

— Aumentei o volume para você, como se estivesse com um fone de ouvido. Seria falta de educação excluir você da conversa.

— Fácil assim? — relaxei e sorri. — Você sabe que tudo isso é muito esquisito para mim, não sabe?

O sorriso de Phoenix foi se alargando e ele me puxou da cadeira para o chão, nos sentamos de pernas cruzadas, um de frente para o outro, perto o suficiente para conseguirmos trocar beijos suaves e delicados.

— Quem disse a você que Bob e sua turma viriam aqui de novo?

— Ele me disse. Eu estava na oficina de Charlie Fortune, tentando descobrir mais sobre o acidente. O pai de Jonas estava lá contando o plano a Charlie, o que me tirou do caminho, por isso não tive a chance de interrogar Charlie a respeito do concerto que ele fez na Dyna de Jonas. Em vez disso, acabei vindo para cá, mas só depois de conseguir me livrar do seu irmão mais velho. Ele fez tudo o que podia para me atrasar, como sempre.

Phoenix inclinou a cabeça para o lado e apertou os olhos.

— Você falou com Brandon?

— Tá tudo bem, ele tem sido muito legal, como foi no dia do enterro. — e então contei a Phoenix sobre a inconsequência do meu pulo e como precisei ser resgatada por Brandon. — Agora ele quer achar um carro para mim.

Phoenix fazia vagarosamente um sinal afirmativo com a cabeça.

— O que você acha disso? — perguntei. — Acho que foi o jeito que Brandon encontrou para me ajudar, já que você havia pedido.

— Ele disse isso a você? — Phoenix parecia surpreso, um pouco aflito.

— Sim, ele disse que vocês conversaram antes que você ficasse inconsciente e que você pediu para que ele tomasse conta de mim.

— Eu não me lembro. — Ele franziu as sobrancelhas e segurou minhas mãos. — Mas tudo bem. Você precisa mesmo, e como Brandon não engole sapo de ninguém, vamos deixar que ele encontre um carro para você...

— Não estou preocupada com isso. — delicadamente acariciei a parte de dentro do antebraço de Phoenix e subi para o braço, acima das curvas de seu bíceps até apoiar meus braços em seus ombros. — Não seria legal morar aqui nessa casa, só nós dois?

— Sim, com o fogão aceso e uma lamparina brilhando na janela. Meio brega, né? — Phoenix fechou os olhos e sorriu, inclinando-se para frente até seu rosto tocar no meu, suavemente acariciando minha pele com a sua.

— A gente poderia buscar água no riacho, você buscaria lenha e eu ficaria fazendo pão, igual àquele dia que conversamos com Hunter. — Completamente brega, mas uma menina do século vinte e um também tem o direito de sonhar com a ideia inexplorada de uma vida caseira.

— Ei, Hunter era casado antes... antes de levar o tiro? — recostei-me um pouco, esperando pela resposta.

Phoenix confirmou.

— Foi por isso que ele levou o tiro. Ele morava aqui com a mulher, Marie. Passaram seis anos nesta casa, construindo tudo o que existe aqui, cuidando da criação de animais. Mas um vizinho de Foxton arrumou confusão, um cara chamado Peter Mentone. Ele veio chamar Marie um dia quando Hunter não estava, e tinha uma intenção bem clara do que gostaria de fazer.

— Nem precisa me contar. — imagens de Laura encontrando meu pai com Karli Hamilton pipocavam em minha cabeça — a briga, a raiva incontrolável, segredos sexuais horrorosos e o sofrimento.

— De acordo com Hunter, Marie não estava interessada em Mentone e tentava resistir quando Hunter inesperadamente chegou em casa e, claro, ficou doido e estraçalhou o cara com suas próprias mãos. Mas Mentone estava armado.

Balancei a cabeça e fiquei arrepiada.

— Então quer dizer que agora terei de ficar com pena de Hunter — suspirei. — Quem poderia imaginar...

— Venha aqui. — Phoenix me puxou para perto, e as cócegas se transformaram num arrepio de desejo. — Isso seria mesmo um sonho: você e eu morando juntos, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, para sempre. O que você acha?

— Seria o paraíso — suspirei. Parecia que a expressão “para sempre” ecoava pela sala.

Ele me beijou e me derreti. Adorei toda aquela proximidade, as pontas de meus dedos puderam encostar em seu rosto frio, enquanto ele me abraçava.

— Mas me diga uma coisa. — não me mexia, inspirando o ar das palavras que saíam de sua boca. — É verdade o que Jonas me disse, que os Beautiful Dead não podem ficar aqui para sempre?

Phoenix ficou parado. Parado demais.

— Não me faça falar sobre isso, Darina.

— Jonas disse que vocês têm um ano. — Phoenix estava tão próximo que seus olhos estavam fora de foco, os cílios escuros curvados para baixo quando suas pálpebras se fechavam. Uma voz masoquista dentro de minha cabeça dizia que era melhor saber logo, caso fosse verdade. — É verdade?

— Doze meses — ele disse baixinho, abrindo os olhos. — Estarei com você por muito, muito tempo.

As lágrimas escorriam pelo meu rosto.

— Mas não é tempo suficiente — suspirei. — Não é para sempre.



CAPÍTULO 6

Hunter devia estar esperando que os motoqueiros fossem chegar pelo caminho normal, pois a maior parte de seus vigias estava posicionada próxima às montanhas da caixa d'água. Somente Eve e Phoenix ficaram no descampado a leste.

Phoenix estava comigo na casa, por isso Eve estava sozinha lá em cima, perto da Pedra do Anjo, quando Bob Jonson e os outros a surpreenderam. Phoenix ouviu o motor e, logo em seguida, chamou Summer e Hunter para que descessem das montanhas Foxton e rumassem para a Pedra do Anjo.

— Os caras vieram por uma trilha pela mata — explicou. — Eve está segurando alguns deles, mas não todos.

Eu até conseguia ouvir as motos e ver os fochos de luz brilhantes dos faróis cruzando e riscando as encostas das colinas.

— Você vai ficar aqui comigo? — perguntei a Phoenix.

Ele respondeu que sim.

— Não podemos correr o risco de que alguém encontre você. Apague as luzes da cozinha e venha para cima.

Nós então subimos até o quarto em que Hunter costumava dormir com sua mulher, Marie. Fechamos as cortinas, demos as mãos e ficamos apoiados nas paredes para não sermos vistos.

Lá fora, a encosta ia sendo completamente atravessada por fochos de luz. Imaginei os *Beautiful Dead* devolvendo a abordagem agressiva dos motoqueiros, enlouquecendo-os com o som das asas e com a visão das caveiras, enviando-os de volta para o lugar de onde tinham saído.

— Estamos indo bem — relatou Phoenix, depois de ouvir os recados que eu não conseguia escutar. — Hunter e Summer estão lá em cima com Eve. Dois dos caras já foram embora.

Fiz um sinal de aprovação com a cabeça. Era muito estranha a minha capacidade de ficar calma quando Phoenix estava por perto, como se ele fosse meu escudo mágico impenetrável.

— Mas tem um cara que está dando trabalho para eles. Eles não sabem quem é. Está escuro e ele está usando capacete. Está numa moto que ninguém nunca viu antes.

Ouvi o barulho de um motor acelerando ao longo da encosta. O motociclista então fez a curva da caixa d'água e virou a moto em direção à parte mais baixa do vale, enquanto o farol de sua moto sacudia cada vez mais por causa do terreno acidentado, à medida que se aproximava.

— Ele passou por Eve — alertou Phoenix, soltando minha mão e espiando entre as cortinas.

A moto estava próxima à casa, desviando violentamente das pedras, perto o suficiente para que conseguíssemos ver o piloto no escuro e o reflexo do visor de seu capacete.

—Abaixe-se e não se mexa! — ordenou Phoenix.

Eu o observava correndo pelo quarto e o ouvi descendo as escadas, pulando os degraus de dois em dois. Fui até a janela, olhei para baixo, e Phoenix saiu em disparada pela porta enquanto motoqueiro freava, deixando a moto cair no chão. Consegui ver o homem tirando o capacete sob a luz da lua e o identifiquei como o pai de Jonas.

Phoenix ficou bem na sombra da casa, assistindo a tudo com atenção e esperando próximo movimento de Bob, que jogou o capacete para o lado. Ele parecia saber que havia alguém na sombra da varanda, mas não conseguia ver quem era, e parou com as pernas abertas como se fosse um atirador, pronto e cauteloso.

— Saia daí — ordenou decidido. — Ou vou entrar. Você é quem sabe.

Prendi a respiração tentando imaginar o que Phoenix faria em seguida e que tipo de desespero havia levado Bob Jonson a ignorar o aviso das asas sobrenaturais próximas à Pedra do Anjo, e fazer o que nenhum de seus amigos motoqueiros tinha tido coragem de fazer.

— Então tá bom, vou atrás de você — avisou, dando um passo decidido em direção à sombra.

Quando Phoenix saiu da sombra, eu sabia que era porque ele queria me proteger, pois de modo algum deixaria Jonson me encontrar naquela casa. Os dois ficaram cara a cara, iluminados pela lua.

Por alguns segundos, nada aconteceu. O cérebro de Bob Jonson deve ter demorado um tempo para processar o que viu: um jovem de cabelo escuro, o rosto pálido sob o luar, cuja expressão facial era nula. E então o rosto desconfiado e nervoso de Jonson mudou: as sobrancelhas franziram-se mais enquanto respirava profundamente, sua boca trêmula pronunciava suavemente uma palavra: — Phoenix.

Phoenix piscou. Ele fez com que as asas batessem mais alto e mais forte, causando um redemoinho com a poeira do quintal que obrigava o intruso a proteger os olhos com as mãos.

Vá embora, Bob. Saia já daqui! Era o que eu gostaria de poder avisar.

— Estão dizendo que você morreu — disse Jonson com a voz baixa, rasgada. — Inclusive fizeram seu enterro e tudo...

Phoenix não dizia nada, só usava suas forças para afastar Jonson, assim como Eve havia feito antes dele, mas eu sabia que Bob Jonson não se importava com viver ou morrer, já não era possível assustá-lo.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou em voz baixa, como se tivesse pulado o abismo que existia entre ele e Phoenix. — Se você está vivo, talvez meu filho, Jonas, também esteja.

Fale com ele, Phoenix, não deixe que ele se aproxime mais, pensei, puxando a cortina para poder ver melhor.

Jonson percebeu o movimento no canto de seu olho, olhou para cima, viu meu rosto e me reconheceu imediatamente.

— Darina, desça já aqui! — gritou.

Meu estômago embrulhou enquanto me esquivava para onde não pudesse ser vista, enquanto Jonson me chamou de novo e brigou com Phoenix.

— Afaste-se de mim, estou armado — avisou ele. Depois disso, o silêncio.

Fiquei imóvel e ouvi os passos na varanda de madeira e as batidas do que parecia ser Jonson arrastando Phoenix para o lado.

Foi o suficiente; saí de meu esconderijo e desci correndo a tempo de encontrar Phoenix tentando se defender e Jonson apontando um pequeno revólver para o rosto dele.

—Juro que vou atirar — disse, ameaçando-nos.

— Volte, Darina! — Phoenix jogou-se contra Bob e tentou arrancar a arma da mão dele. A cadeira de balanço se espatifou contra o fogão a lenha quando os dois caíram ao mesmo tempo no chão.

Jonson atirou uma vez e o que ouvi foi um barulhinho, e não o estouro que eu tinha imaginado. E o que a louca da Darina fez? Correu até o cara armado para salvar seu namorado que já estava morto. Ótima ideia.

Houve um segundo tiro antes de Phoenix finalmente conseguir arrancar a arma e entregá-la para mim, assim poderia segurar Jonson com mais firmeza. Minhas mãos tremeram ao toque frio do aço, mas mesmo assim consegui apontar o cano da arma bem para a cabeça de Jonson.

Ele olhou para mim, totalmente calmo, esperando que eu atirasse.

— Levante-se, mas não se mexa — disse Phoenix a ele, puxando-o pela gola da jaqueta de pele de carneiro para que ficasse em pé.

Mantive-o na mira, embora tremesse muito. O que eu estava fazendo? Nunca havia segurado uma arma antes em toda a minha vida.

— Não olhe para Darina, olhe para mim — disse Phoenix a ele com calma. — Disse para ignorar Darina!

Os olhos de Jonson haviam se virado rapidamente em minha direção, buscando adivinhar se eu puxaria ou não o gatilho.

— É isso que vai acontecer — continuou Phoenix, mantendo Jonson sob controle e puxando-o para trás em direção à porta da cozinha.

Lá fora, a poeira continuava girando, e milhões de asas batiam, transformando-se numa tempestade de vento.

— Você vai pegar sua moto e dar a partida, depois vai para longe daqui.

— Não vou, não — respondeu Jonson. — Preciso de respostas. Você vai me dizer o que aconteceu. Onde está meu filho?

— Você vai sair daqui de moto sem nem olhar para trás — repetiu Phoenix vagarosamente. — Vou fazer uma coisa que não vai ser nada agradável, Bob. Vai parecer que alguém deu uma pancada forte na sua cabeça.

— Tire suas mãos de mim! — Jonson tentava se defender, mesmo estando sob a mira do revólver.

— Vai ser agora — disse Phoenix a Jonson. — Vou apagar tudo o que aconteceu de sua memória; você vai se esquecer de tudo completamente. Como havia dito, sua cabeça vai ficar doendo, mas você não se lembrará de nada.

Jonson ficou enlouquecido, mexendo-se sem parar, tentando se soltar.

— Você está ficando louco. Tudo isso que está dizendo é uma loucura! Phoenix era muito mais forte. Ele forçou Jonson até a saída, passando pela terra, pelo mato, bem perto do caminhão enferrujado.

Jonson estava quase de pé, com as pernas preparadas para se jogar na direção de Phoenix, quando Phoenix se concentrou e usou seu truque de zumbi. O ataque hipnótico na memória de Jonson impeliu-o de volta para o chão, espalhando terra em volta dele. Jonson contorcia-se de dor e rolava para longe de seu agressor, que não havia levantado nem um dedo. Novamente — *zap!* E as asas bateram cada vez mais forte, envolvendo a moto, o caminhão e todos nós na poeira branca e grossa.

Depois de Bob Jonson ter colocado o capacete e ido embora, Phoenix delicadamente soltou meus dedos da arma, guardou-a em seu bolso e então me puxou e me abraçou. Ficamos lá parados sob o luar, esperando que tudo voltasse ao normal.

— Hunter vai chegar a qualquer momento — falou. — O pai de Jonas foi o último a sair, os outros já tinham ido embora.

— Meu Deus, Phoenix, o que está acontecendo comigo? — eu não conseguia acreditar que tinha mesmo apontado uma arma para alguém e chegado a pensar em puxar o gatilho.

— Você entrou em pânico quando viu que ele estava armado — respondeu ele.

— Fui uma idiota em ter deixado que ele me visse — argumentei. — Acabei piorando as coisas. — Ainda por cima passou por minha cabeça a ideia de atirar em uma pessoa.

— Pare de se martirizar. — Phoenix me olhou de um jeito sério, fazendo o possível para me convencer de que estava tudo bem. — Deu tudo certo. Jonson vai voltar para a cidade e não vai se lembrar do que se passou desde o momento em que saiu das montanhas até voltar para a estrada de Ellerton.

— Tem certeza? — eu ainda tremia, mesmo enquanto ele me abraçava.

— Absoluta. — deu um passo para trás e olhou profundamente em meus olhos. — Hunter chegou — ele avisou sem se virar.

Fiquei na ponta dos pés para olhar por cima de seu ombro. Sem sombra de dúvida, Hunter, Jonas, Summer, Arizona e Eve estavam passando pela campina atrás do celeiro, com o mato prateado batendo em suas pernas enquanto vinham devagar em nossa direção. Pareciam exaustos.

— Estamos seguros? — perguntou Phoenix, soltando-se de mim e ficando ao meu lado.

Hunter fez um movimento afirmativo com a cabeça.

— Deixei Donna cuidando do bebê perto do palheiro. Icedan saiu da Pedra do Meio-Dia e está vindo para cá. — enquanto terminava de falar, apoiou-se no caminhão com dificuldade.

— Apagamos a memória de quantos? — perguntou Arizona, sentado no degrau da varanda.

— Só de um, do pai de Jonas. — Hunter suspirou, com a cabeça para trás e os olhos fechados. — Graças a Darina e ao fato de ela não conseguir obedecer às ordens.

— Eu avisei que ela era assim — Arizona lembrou-o. — Ei, Phoenix, você disse à sua namorada que, todas as vezes que a memória de alguém é apagada, o grupo fica enfraquecido? Acho que não disse.

— O que ela quer dizer? — perguntei a Phoenix.

— Ficamos mais fracos. Demanda muita energia controlar a mente de alguém desse jeito, então ficamos menos fortes, nossa audição não fica tão boa, coisas assim.

— Não sabia — suspirei.

Summer tomou a frente e me presenteou com um de seus sorrisos calorosos.

— Não se preocupe, Darina. Nossos poderes retornam quando dormimos.

— Ei, Iceman, como foi lá na Pedra do Meio-Dia? — Eve perguntou ao recém-chegado que havia acabado de atravessar o riacho e se aproximava do grupo.

Ele era baixo, magro e forte, tinha cabelo claro cortado bem curto, e o reconheci como um dos que eu havia visto antes com Eve, Donna e o bebê.

— Não aconteceu nada — relatou. — Jonas, você está bem?

— Bem — Jonas confirmou.

— Peço desculpas pelo seu pai, cara. Espero que ele não volte para uma terceira rodada.

— Não deve, porque vai parecer que ele lutou doze *rounds* com Mike Tyson — falou Arizona devagar, já me observando e esperando por uma reação.

Não consegui encontrar um bom motivo para me defender, então abaixei a cabeça e fiquei quieta.

— Ei, por que pegar tão pesado com Darina? — Summer estava do meu lado e agora falava em minha defesa. — Foi ela quem nos avisou, esqueceu?

— E também foi ela quem não conseguiu tirar absolutamente nada de Zoey Bishop. — falou Hunter e, claro, ele estava contra mim. — Não precisamos que você venha até aqui de carro e fique se mostrando para nossos inimigos. Isso não ajuda em nada.

Nesse sentido ele estava certo. Pedi desculpas.

— Não peça desculpas, seja útil. Jonas, leve Darina até o carro dela. Ela estacionou do lado de fora, depois da Pedra do Anjo. Summer, Arizona e Eve, descansem um pouco; Phoenix, você também.

Franzi a sobrancelha e fez menção de pedir a Phoenix para vir comigo, sentindo meu coração bater forte e o estômago se apertar com a possibilidade de ele ir embora de novo.

— Vá com Jonas — ele me disse de um jeito tranquilo, e me beijou longa e intensamente, mesmo com Hunter nos encarando com aquele olhar gelado.

Então o beije de volta e fui embora sob a lua e as estrelas, andando pelo chão forrado de pedras com Jonas ao meu lado.

Não nos falamos por um longo tempo.

— Por favor, me desculpe — finalmente consegui dizer a Jonas. — Não fiz nada disso de propósito, deixar seu pai me ver, quero dizer. Ele estava armado e eu fiquei com medo.

— Tudo bem. — mais pálido que nunca sob a intensa claridade da lua, os olhos de Jonas pareciam mais fundos e pesados, as pupilas muito dilatadas dentro da íris azul-clara. — Teria acontecido de qualquer maneira. Acabo esperando que ele enfie a moto bem no meio de uma pedra e acabe logo com tudo isso.

— Para estar com você?

— Sim, foi por isso que ele comprou a Dyna: para ser igual a mim, para ficar perto de mim.

— Você acha isso, não tem certeza — argumentei.

— Já vi o jeito como ele anda e a cara que ele faz. É mortal.

Suspirei, parando para respirar enquanto chegávamos ao topo de uma pedra lisa e côncava.

— Seu pai não tem mais ninguém?

— Só minha mãe. Desde o acidente ela está sendo medicada. Neste momento ela está com a irmã em Chicago, dando um tempo, do meu pai e de tudo isso.

Nem precisei perguntar o que Jonas queria dizer com “tudo isso”. Sabendo que o resultado do inquérito havia acabado de sair, não foi difícil ver por que a mãe dele havia se mudado por uns tempos.

— Queria poder fazer alguma coisa — completei.

Seguimos caminho ao largo de uma encosta que nos levaria ao meu carro, cada um perdido em seus próprios pensamentos, até Jonas levar a conversa para outro lado.

— Hunter não dá moleza para você...

— Ele me assusta, sim — admiti.

— Summer tem uma teoria a respeito disso. — Jonas andava com as mãos nos bolsos e ia chutando pedrinhas contra as rochas. — Quer saber qual é?

— Vocês falam sobre mim? — estava surpresa.

— Claro que sim. Você é nosso único assunto interessante — respondeu.

— Tirando as coisas terríveis que aconteceram a vocês todos no último ano.

— É sempre o mesmo assunto, não muda. A não ser que *you* faça com que elas mudem para a gente, Darina. Dependemos de você.

— De mim? — repentinamente me dei conta de que minha responsabilidade era enorme — primeiro, ajudar Jonas, depois Arizona, e assim por diante, seguindo a fila. Não era de espantar que o grupo todo estivesse tão centrado em mim. — E qual a teoria de Summer? — perguntei, tentando me esquivar do papo sobre a responsabilidade imensa.

— Summer acredita que Hunter é tão rígido com você por uma razão específica — disse Jonas.

— Outra, além de minha idiotice que me obriga a fazer tudo errado?

— Você não é idiota. Escute. Summer uma vez viu uma antiga foto que Hunter sempre guarda no bolso. Caiu quando ele tirou a camisa para nadar no riacho, a fotografia de uma mulher.

— A mulher dele, Marie? — adivinhei.

— Sim, você sabe dessa história? Bom, Summer deu uma olhada na fotografia. Estava meio amarelada e apagada, mas ela conseguiu enxergar se Marie se parecia muito com você: o mesmo cabelo escuro, os mesmos olhos e até o sorriso.

— Uau — fiquei pensando por alguns minutos. — Sou parecida com ela. Então por que ele age assim comigo? Ah, entendi, é uma lembrança difícil e isso fez com que se voltasse contra mim...

— Mesmo que a culpa nem seja sua — Jonas concordou. — O que prova uma coisa a respeito de Hunter?

— O quê, exatamente? — Jonas e eu estávamos chegando ao fim de nossa caminhada. Dava para ver o para-brisa de meu carro brilhando meio quilômetro à frente.

— Que ele ainda tem sentimentos reprimidos, mesmo depois de todos esses anos. Que ele não é feito de gelo, mesmo que queira que todos acreditem que seja.

Hunter, o mestre insensível e vingador implacável dos *Beautiful Dead*? Ou Hunter, o homem que amava sua mulher mais que a própria vida e morreu para salvá-la?

A escolha é sua.

Aos domingos Jim geralmente está em casa. Nada de mais: quando ele está em casa, tento ignorá-lo.

Mas naquele domingo, depois de ter me despedido de Jonas e prometido a ele que tentaria visitar Zoey novamente assim que pudesse, eu não conseguia sair do campo de visão dele por mais de cinco minutos, e isso se repetiu algumas vezes.

A primeira coisa que me disse foi “Darina, leve o lixo para fora para sua mãe”, depois “Você já arrumou seu quarto?” e “Como você vai pagar pelo conserto do seu para-choque?”. Blá-blá-blá e blá-blá-blá sem parar sobre

coisas banais, chatas, como se ele quisesse realmente ficar no meu pé. Mas depois de quatro anos dessa história, aprendi a ficar imune.

— Darina, por que você não pode tentar ser gentil, pelo menos uma vez? — perguntou Laura quando Jim saiu para comprar leite e jornal.

— Por que *ele* não pode tentar ser gentil? — perguntei de volta.

Naquele domingo, Laura estava fazendo os serviços de casa com a televisão ligada na cozinha e a lavadora de louça fazendo barulho ao fundo. Não estava muito bonita, eu diria, usando um moletom cinza e branco e uma antiga calça de ginástica, com o cabelo amarrado para trás e o rosto inchado.

Essa é a minha pior parte querendo se mostrar, e talvez Laura tenha percebido o modo como eu a encarava, porque de repente ela pegou um pano e começou a esfregar com força manchas invisíveis de sujeira do lado da geladeira.

— Eu não aguento mais isso — disse ela por entre os dentes. — Você e Jim precisam começar a se dar bem ou então eu vou embora daqui!

Aquela limpeza obsessiva da geladeira queria dizer que ela estava falando sério.

— Estou falando sério. Já passei o suficiente com esse clima horrível entre vocês dois... Darina, preciso que você reconheça que Jim é o homem que amo e com quem escolhi viver. Também, que, mesmo que você esteja de luto por causa de Phoenix, isso não faz com que seja a pessoa mais importante do mundo.

— Não sou a pessoa mais importante nem desta sala! Estou bem no fim da lista — depois de Jim, em algum lugar entre a limpeza da casa e seu programa de televisão preferido.

Laura interrompeu a limpeza exagerada que estava fazendo e ficou de costas para mim.

— Você é tão jovem — suspirou, enquanto olhava pela janela.

De onde surgiu isso? Sua crítica fez com que eu recuasse.

Laura virou-se em minha direção com lágrimas nos olhos.

— Você ainda pensa que a vida é fácil, não pensa, Darina? Preto ou branco, certo ou errado.

Fiquei brava e dava para ver em meu rosto.

— Tenho minhas opiniões, e daí?

Laura enxugou as lágrimas e pegou o pano de novo.

— Acho que me lembro de ter sido desse jeito quando tinha sua idade.

— Mas não é mais assim?

— Não. Neste momento as coisas estão mais complicadas do que jamais imaginei que fosse possível. Na maioria dos dias é como se estivesse em uma corda bamba: faço isso ou aquilo, digo isso ou não, pulo nessa direção ou na outra? A cada segundo fico só tentando manter o equilíbrio.

— Por causa de Jim? — perguntei com cuidado. — Ou por causa de mim?

— Por causa de vocês dois. E você sabe o que eu faço, Darina? Limpo a casa e vou trabalhar na loja de roupas porque assim não preciso pensar.

Fiz um sinal de reprovação com a cabeça bem devagar, querendo dizer que isso não é jeito de viver. Mas nós havíamos chegado ao fim da conversa com o barulho da porta do carro de Jim batendo. Ele entrou em casa com a notícia de que todas as pessoas de Ellerton estavam comentando sobre rumores da serra de Foxtton e que Laura precisava me deixar de castigo por pelo menos uma semana por eu ter batido o carro, até que não se falasse mais sobre as histórias de fantasmas e a cidade tivesse voltado ao normal.

De jeito nenhum vou aceitar ficar de castigo! Esse mantra ficava se repetindo na minha cabeça, e então saí fugida de casa no domingo à tarde, no mesmo segundo em que Jim virou as costas.

Peguei o carro, fui colocar gasolina no posto em que Phoenix havia morrido e depois fui para a oficina de Charlie Fortune. Esperava que estivesse fechada no domingo e tive certeza ao ver a grade da janela fechada, com as Harleys brilhando por trás da vitrine.

Isso não me desanimou, queria ir atrás de Charlie porque sabia onde ele morava — em um condomínio de apartamentos de frente para o shopping. E também porque havia prometido a Jonas que ajudaria a resolver o assunto da batida antes que o tempo dele no mundo dos vivos acabasse — daqui a nove dias.

“Vou falar com Charlie amanhã”, prometi naquela noite, perto da fileira de árvores em que os pinhos davam lugar aos pés de sálvia e às rochas. “Ele pode deixar escapar alguma coisinha sobre o trabalho que fez consertando a moto”.

Jonas concentrara todas as esperanças no olhar intenso que me deu antes de se despedir. “Faça tudo o que puder, mas não exija muito de Zoey da próxima vez que se encontrar com ela”.

Concordei e beijei-o na bochecha. Meu coração estava apertado e partido por causa dele. Toquei na fivela do cinto que estava no meu bolso e fui embora com o carro.

Encarar as latas de lixo e o elevador sujo na entrada do prédio de Charlie não era nada de mais, nem o grafite horroroso ou o cara enorme sentado perto da porta que me olhava de alto a baixo enquanto eu passava pela varanda e batia à porta do apartamento de Charlie.

— E aí? — o cara negro na cadeira de armar queria saber.

— Vim ver Charlie. — foi essa a mais insultante e óbvia resposta que podia dar.

— Não tá em casa. Só Matt.

Então desejei não ter batido à porta. Nem fui embora rápido o suficiente para evitar me encontrar com Matt que, ao abrir a porta e ver quem era, quase a bateu de volta na minha cara, mas acabou mudando de ideia.

— Darina, bom ver você, parece ótima — disse ele, com a voz arrogante, contradizendo suas próprias palavras.

Não pisquei nem dei a ele a satisfação de uma resposta.

— Meio pálida e trágica. É sua cara, mesmo.

Isso me fez querer responder na mesma moeda.

— Pensei que você estivesse lá em Foxton com Christian. Ah... não, agora me lembrei, seu irmão mais velho mandou você ficar em casa.

Ele ficou enfurecido.

— Foi isso o que escutou?

— Sim. Vocês têm medo de fantasmas, pelo que parece.

— Mas você não, né? — Matt se aproximou demais a ponto de me encostar contra o corrimão da varanda. Havia quatro andares até o térreo. — Pelo que Logan me diz, você é esquisita, Darina. Parece que passa tempo demais por lá, não é, não?

— Não é da conta de Logan onde passou meu tempo — disse, tentando sair por debaixo do braço esticado de Matt.

— Mas Logan gostaria que fosse — Matt me ridicularizava enquanto me deixava presa de novo. — Já vi como ele tem olhado para você ultimamente, mas eu disse a ele, Darina, que você parece gostosa, mas por dentro é gelada. E disso eu sei bem.

Isso foi o suficiente para mim, eu me endireitei e fui bem direta com Matt Fortune.

— Pode ser difícil para você acreditar, mas nem todas as meninas estão dispostas a se jogar a seus pés. Pra falar a verdade, nem uma única menina que eu conheça se deixaria levar por esse sorriso forçado e essa jaqueta de couro, não depois do que você fez com Zoey.

As pálpebras de Matt tremeram. Ele se aproximou mais ainda.

— Por quê? O que eu fiz com Zoey?

Empurrei-o.

— Tá bom, Matt, eu disse exatamente o que queria dizer. Você dispensou a menina na frente de todo mundo, em uma festa, pelo amor de Deus. E deu em cima da melhor amiga dela, também em público. E mesmo assim não vê problema em nada disso.

— Ah, isso — ele deu um riso debochado. — Zoey é uma exagerada.

— E eu sou a mulher de gelo. — aí ele conseguiu me irritar mesmo. Empurrei-o com força e finalmente consegui me livrar dele. — Pense o que quiser, Matt. Só diga a Charlie que eu quero falar com ele, tá?

— Quer comprar uma Harley? — ele riu.

— Talvez — retruquei, passando pelo cara perto da porta.

— Charlie é velho demais para você, Darina! — gritou Matt para mim. — E nunca se interessaria por você!

— Talvez se interessasse — o vizinho piscou.

Desci as escadas correndo. Eu me sentia suja, nervosa, e como se tivesse apenas dez centímetros de altura.

Fui para casa naquela noite, mas era como se minha cabeça não estivesse lá, e sim na serra de Foxtton, ouvindo a porta do celeiro bater, tudo de novo e de novo na casa de Zoey. Eu me lembrei dos bons momentos com Summer e da pressão que Logan havia posto sobre mim ultimamente.

Mais que tudo eu pensava em Phoenix, ouvindo a voz dele, sentindo seus braços à minha volta e como isso me fazia tremer e arrepiar, sempre louca para vê-lo novamente.

Entrei no meu quarto quase me arrastando pelo tapete.

Phoenix com uma mecha de cabelo escuro caindo na testa, os olhos rodeados por um monte de cílios. Seus lábios grossos e a pele branca e

maravilhosa, as pequenas asas de anjo tatuadas em seu corpo perfeito, entre as espáduas. Inquieto, impossibilitado de ficar em paz, assim como eu.

— Amo você — sussurrei, olhando pela janela em direção às montanhas negras, avistando a cruz de neon lá longe na colina.

Laura bateu à porta e entrou.

— Acabei de receber um telefonema de Brandon Rohr.

— O que ele queria? — perguntei.

— Deixou um recado.

Ela havia se arrumado para a noite — maquiagem e cabelo, vestia uma calça branca com um babado na frente, calça preta.

— Falou para eu dizer que encontrou um carro para você.

— Meu Deus — suspirei.

— Como assim, Darina?

— Não me pergunte.

— Ele prometeu a Phoenix que cuidaria de você?

Concordei.

— Acho que é isso.

— Mas onde ele encontrou esse carro? Não é roubado, é?

Dei uma daquelas olhadas assustadoras que a deixou imóvel.

— Ah, sim, roubado, com certeza. Como se ele fosse dar um carro roubado para a namorada do irmão morto para ver se ela vai logo presa.

— Vou falar para Jim conversar com ele — decidiu Laura, fechando a porta do quarto enquanto meu telefone começou a tocar.

Era a Sra. Bishop.

— Darina, sei que está tarde, mas você poderia vir visitar Zoey?

— Agora? — perguntei.

— Assim que possível. Não queria pedir assim, mas é importante.

— Sra. Bishop, o que houve? — a voz dela falhava e não era por falta de sinal.

— Bob Jonson esteve aqui hoje, pressionando Zoey para que ela se lembrasse do acidente, ele alegava que a falta de memória dela era mentira. Ele estava muito estranho. Acho que um pouco alterado, louco. No fim das contas, Russell mandou-o embora.

— Isso é péssimo — eu disse. Imaginei o pai de Jonas descontrolado batendo à porta dos Bishop com a cabeça doendo e a memória apagada.

— Meu marido precisou colocá-lo para fora. Zoey estava começando a reviver alguns dos detalhes, mas tudo muito confuso, nada fazia sentido.

— Mas isso pode não ser tão ruim — falei ofegante. Não era só eu quem conseguia ajudar Zoey a começar a lembrar, qualquer coisa poderia ajudar.

A mãe dela não gostou da ideia.

— Não queremos que ela reviva esse trauma sem supervisão. Ligamos para Kim Reiss para ver se ela poderia vir, mas, como é domingo, ela não está na cidade. E Zoey pediu que você viesse.

— Ela quer que eu vá até aí? — nessa hora eu já tinha saído do meu quarto e estava praticamente fora de casa, tentando pegar a chave do carro pendurada no gancho da parede.

— Aonde você vai? — Jim estava pronto para começar uma briga.

— Mãe, Zoey precisa de mim — disse, tampando o bocal do telefone, praticamente de saída. — Estou indo, chego em dez minutos — disse à sra. Bishop.

— Venha logo. Estou assustada. Zoey está tendo um ataque de nervos aqui na nossa frente.



CAPÍTULO 7

— Estou vendo! — Zoey apertou minha mão e apontou para um canto.
— Jonas, está bem aqui, neste quarto!

Só eu sabia que isso não era tão impossível quanto parecia, mas, quando fui informar, o quarto estava vazio. Não havia ninguém lá.

— Eu entendo Zoey — disse a ela. — Não fique com medo.

Foi como se ela não tivesse me ouvido.

— Fale para eles irem embora — implorou.

— Quem? — só eu e ela estávamos lá. Os pais já haviam se retirado do quarto, depois de Zoey gritar para que eles saíssem.

— Minha mãe e meu pai. Eles estão me sufocando. — ela parecia lutar contra alguma coisa, os olhos não focalizavam em nada, e o suor frio escorria de sua testa.

— Tá bom, já disse para eles saírem e eles já foram embora — tentava acalmá-la.

— Não consigo respirar, não consigo me mexer. Jonas, o que aconteceu?

— Fique calma — suspirei. Dava para ver que ela tinha se transportado para outro lugar e respirava com dificuldade. — Respire fundo.

— Ele foi embora! — disse Zoey, chorosa, segurando-se em mim cada vez com mais força. — Ele estava bem aqui, tentando me dizer algo, ele falou alguma coisa, mas não consegui ouvir.

Eu me esforçava para ficar calma.

— Estou aqui, Zoey, fique tranquila e tente respirar.

Lentamente sua respiração foi ficando menos ofegante e ela começou a inspirar mais profundamente, enchendo os pulmões.

— Quero que Jonas volte — soluçava.

Senti a dor de Zoey como se fosse minha. Jonas e ela, Phoenix e eu éramos iguais, a não ser pelo fato de que ela não tinha nenhum contato com os *Beautiful Dead* nem conhecimento algum sobre eles.

— O que você quer dizer a ele? — perguntei.

— Que o amo, que o amarei para sempre. — seu rosto, desfigurado pela dor e encharcado de lágrimas, partiu meu coração.

Ajoelhei e abracei-a.

— O que mais?

— Quero que ele volte.

Meu coração quase parou. Bastava uma frase minha para que isso acontecesse de verdade.

Deixe-me levar você até Foxton para ver Jonas. Mas isso destruiria todos eles. Rapidamente mudei de ideia e deixei-a descansar a cabeça apoiada em meu ombro.

— Eu sei pelo que está passando — suspirei.

— Sabia que me entenderia. Mas, Darina, você fala sobre isso com alguém?

— Não?

— Nem com sua mãe?

— De jeito nenhum.

— Eu também não. E com Logan?

— Não, com ninguém.

— Eu vejo coisas — confessou Zoey. — Às vezes vejo Jonas andando de moto no sol escaldante. Tento chamar a sua atenção, mas ele está sempre indo embora por uma estrada estreita, cheia de curvas, e a parte metálica da moto fica refletindo e brilhando. Outras vezes estou na garupa, o vento bate em meu cabelo e estou me segurando na cintura dele. Tudo sempre acaba com um barulho terrível e na completa escuridão.

— Eu sei — disse baixinho. Não confiava em mim mesma o suficiente para dizer nada além disso.

— Também escuto a voz dele. Ele se inclina em minha direção, ouço-o bem longe me dizendo que sente muito, pedindo desculpas. Tudo fica se repetindo sem parar. Tento dizer que não é culpa dele, mas as palavras não saem, ficam se enrolando na minha língua, como se minha boca estivesse cheia de pedras, e ele vai embora antes que eu consiga dizer alguma coisa, e só o que eu escuto é um som parecido com vento batendo na escuridão, como se fossem asas batendo, centenas delas, talvez milhares, e depois acaba tudo. Jonas desaparece, continuo dizendo “A culpa não é sua”, a visão acaba, fico sozinha e não consigo suportar, nem mais um dia, nem mais uma hora, um minuto que seja.

— Você precisa suportar — disse a ela com a voz trêmula. — Pelo próprio bem de Jonas.

E por que eu precisava que ela recuperasse sua memória, não apenas *flashes* ou visões, como ela as chamava – mas algo concreto, de forma tranquila e ordenada. Precisava que ela fosse capaz de passar novamente pelos momentos anteriores ao acidente com alguma clareza mental.

— Eu me sinto tão sozinha — repetiu Zoey.

— Você não está sozinha. Jonas não está mais aqui, mas você tem a mim. — Abaixei-me em frente à cadeira de rodas para que ela pudesse me olhar nos olhos. — Você sabe que pode confiar em mim.

Alguma antiga dúvida em seus pensamentos confusos fizeram com que Zoey repentinamente hesitasse.

— Como posso ter certeza?

— Somos amigas há tanto tempo...

— E depois aconteceu tudo aquilo com o Matt — disse ela, e me empurrou. — Você me deixou completamente humilhada.

— De jeito nenhum — protestei. — Já disse a você. Foi culpa do Matt. Por que não acredita em mim?

— Pelo modo como ele contou, foi você quem ficou atrás dele, antes e depois da festa da Hannah.

— Ele está mentindo. — eu não queria escarafunchar essas lembranças dolorosas, mas Zoey ainda estava nervosa e não dava o braço a torcer. — Ele provavelmente queria voltar com você e por isso decidiu contar essa história.

Zoey concordou.

— Ele queria que voltássemos, é verdade, veio falar comigo na escola no dia seguinte.

— Matt não é uma boa pessoa. Ele se acha irresistível, mas é um completo imbecil.

Precisávamos acabar logo com o assunto “Matt Fortune”.

— Esqueça tudo isso e fale comigo sobre Jonas. O que você está tentando dizer a ele em seus *flashbacks*, na parte em que ele pede desculpas? Foi logo depois da batida, não foi?

Zoey fez um movimento afirmativo bem lento com a cabeça.

— É nessa hora que não consigo falar: estou deitada na estrada e mal consigo respirar, só vejo o rosto dele.

— Entendo, tudo aconteceu rápido demais. Era um dia de calor; num momento vocês estavam andando de moto sob o sol e no próximo não existia mais nada. Alguma coisa aconteceu e você está tentando entender.

Ela concordou novamente, olhando em volta de um jeito apavorado.

— Não foi culpa do Jonas, é isso que estou tentando dizer. Estou dizendo a ele que havia outra coisa...

— Um carro vindo do lado oposto da estrada? Um cervo pulando na direção de vocês? — sugeri qualquer coisa que me viesse à cabeça.

— Nada disso.

Zoey estava fazendo um esforço enorme para se concentrar — e para literalmente juntar todas as coisas do passado e organizá-las de modo que fizessem sentido. Eu segurava a respiração e agarrava a parte de trás de sua cadeira com força.

— Estou deitada na estrada, e Jonas está meio pairando por cima de mim. Parece que ele está flutuando.

— Volte para antes disso. O que aconteceu antes de caírem?

— Jonas bateu a moto — sussurrou ela. — Alguma coisa deu errado.

— O que aconteceu? — eu implorava. — Foi a moto? Um pneu estourou? Foi o freio?

— Não — Zoey fechou os olhos e pareceu ter desistido. Seu corpo estava curvado para frente. — Não sei, não consigo me lembrar.

— Você está indo bem — disse a ela, acariciando seu cabelo e percebendo que a Sra. Bishop havia aberto a porta discretamente. — Da próxima vez que conversarmos, você se lembrará de mais coisas.

— Ei, querida — disse a mãe de Zoey. — Você está exausta e está na hora de Darina ir embora.

Zoey não se opôs e, em vez disso, suspirou profundamente e balançou a cabeça.

— Peço desculpas — sussurrou.

Apertei sua mão e tentei sorrir.

— Não se preocupe, durma um pouco, eu ligo pra você de novo amanhã. — Deixei-a com a mãe e fui direto até o grande e mau Papai Urso que me esperava na porta da frente.

— Não precisa ligar, não — avisou o Sr. Bishop. — Sou eu quem controla as visitas de minha filha e sua influência sobre ela não me agrada nem um pouco, Darina.

— Foi sua mulher quem me ligou e me pediu para vir. — o que mais eu poderia dizer? Dei de ombros e tentei sair pela porta.

— Eu ouvi a maior parte do que se passou lá dentro — disse ele ainda atrapalhando a minha passagem, vestido com uma camisa xadrez novinha e uma calça de sarja azul-marinheiro. — Já disse a você: não gosto da maneira como mexe com a cabeça de Zoey, tentando levá-la de volta aos traumas com que ela não consegue lidar.

Eu havia encarado obstáculos suficientes naquele dia, e Russell Bishop já estava sendo um pouco demais para mim.

— De jeito nenhum — respondi. — São vocês que a tratam como se fosse um bebê e tentam protegê-la da realidade de tudo o que aconteceu!

Pequenos músculos em seu pescoço se contraíram, e sua cabeça se projetou para frente em posição de ataque.

— Minha filha tem dezessete anos e não consegue andar — falou ele com os dentes cerrados. — Esta família precisa encarar a realidade do que aconteceu a ela a cada dia. Zoey está confusa demais para saber do que precisa — insistiu o sr. Bishop, abrindo a porta e me apontando a saída. — Mas sou o pai dela e tomo as decisões em seu lugar, por isso estou dizendo a você, Darina, nós só deixamos você entrar nesta casa hoje à noite porque

Zoey estava descontrolada e não havia como os especialistas virem até aqui. Cedemos às exigências dela, mas não esperamos que isso aconteça de novo.

— Mesmo que Zoey me ligue? — eu estava entendendo o recado em alto e bom som: “Não venha aqui assombrar esta casa nunca mais!”.

O olhar do Sr. Bishop me atravessou.

— Tchau, Darina — disse ele enquanto fechava a porta.

No dia seguinte, acordei cedo e havia um conversível vermelho parado na entrada da minha casa.

— É seu — Laura me disse, girando as chaves em seu dedinho. — Brandon Rohr deixou aqui hoje cedo.

— Agora eu acredito em Papai Noel — resmungou Jim saindo de casa.

— Ele levou seu carro antigo embora. — era óbvio que Laura não sabia como avaliar as razões de Brandon. — Você e Brandon não estão... namorando, estão?

— Ah, pelo amor de Deus — falei com desdém, tirando as chaves da mão dela.

— É um empréstimo ou você vai ficar com o carro para sempre? — ela veio até a porta e me observou dar a partida — nenhuma engasgada nem patinadas apenas o ronco constante do motor.

— Não faço ideia — não fazia mesmo. — De qualquer forma, vou fazer um *test drive* na Centennial.

— Então pergunte isso a Brandon da próxima vez que encontrar com ele, e diga que precisamos conferir os documentos!

Dei um tchauzinho, fiz o retorno na rua e virei no cruzamento para ir em direção a Foxton, sem nada na cabeça a não ser experimentar meu carro novo e vermelho.

Demais! Pensei, a meio caminho de me tornar uma fã do carro antes mesmo de tê-lo dirigido por mais de cinco minutos. Suspensão macia, ótima aceleração; à minha frente o painel mais bonitinho do mundo e a direção de couro bege para completar. Quem se importa com documentos?

Estava tão empolgada que demorei um pouco para ver Phoenix e Jonas ali.

Eles estavam parados ao lado da estrada, onde ela se bifurca e uma trilha estreita chega até a Pedra do Anjo por uma via alternativa — os dois debaixo de uma árvore, como colegiais esperando carona.

Parei e me abaixei para abrir a porta do passageiro.

Phoenix se abaixou, optando por não parecer muito impressionado com meu sofisticado novo meio de transporte.

— Ei, você — disse ele.

Anjo, amor da minha vida, fique aí enquanto o sol faz um halo em volta da sua cabeça e me deixe absorver cada centímetro seu com meus olhos.

— Ei, vocês dois, entrem aqui, vamos dar uma volta — foi o que eu disse, na verdade.

Phoenix negou o convite.

— Desligue o carro, precisamos conversar.

— Tá bom — respondi, sentindo-me frustrada. Estacionei próximo à trilha e saí do carro com o rosto vermelho de vergonha. — Por favor, me desculpem, estou um pouco avoada.

O rosto de Phoenix se abriu num sorriso.

— Você estava se divertindo! Nós é que temos de pedir desculpas por termos estragado tudo. Foi meu irmão quem deu o carro para você?

— Sim, isso é que eu chamo de ser legal até demais! Sobre o que precisamos conversar? — perguntei, atendo-me à expressão sombria de

Jonas e juntando-me a ele embaixo da árvore. — Vocês sabem que me encontrei com Zoey?

— Ontem, tarde da noite. Como ela está?

Fiz uma pausa antes de começar.

— Ela ainda está passando por uma situação difícil. Seus pais me chamaram porque ela estava entrando num colapso nervoso. Mas agora está tudo bem, Jonas, não peguei pesado com ela.

Um caminhão em alta velocidade rasgou a estrada em direção a Ellerton, seguido por um carro, e Phoenix nos levou para o outro lado da árvore.

— E você, Darina, ficou deprimida com o estado de Zoey?

— Não, estou bem, não se preocupe. Disse a ela que entendia como se sentia, sozinha e perdida, e ela disse o quanto ainda ama você, Jonas. Foi bom para ela poder se abrir um pouco, e agora está começando a se lembrar do acidente, então, estamos no caminho certo.

Phoenix colocou o braço em meu ombro e enrolou uma mecha do meu cabelo com a ponta do dedo.

— Ela contou alguma novidade?

— Lembrou-se de estar deitada na estrada depois do acidente, de perceber que não conseguia se mexer, e disse que você estava lá, Jonas, ainda vivo e pedindo desculpas.

Phoenix me apertou com força.

— Jonas morreu no momento da batida. Foi o espírito dele que Zoey viu e ouviu — Phoenix não me deixou esquecer.

Depois fui lembrando que ela havia comentado sobre o som de asas batendo, e isso fez um enorme sentido. Pensei que deveria ter me lembrado disso antes.

— Mais alguma coisa? — perguntou Jonas.

— Não. É provável que os pais de Zoey estivessem atrás da porta ouvindo. A Sra. Bishop entrou antes que eu conseguisse fazer com que Zoey fosse mais adiante em busca de lembranças. Ea tinha razão, Zoey estava exausta por causa das coisas de que conseguiu se lembrar e não havia mais nada de concreto que pudesse dizer sobre os momentos anteriores ao acidente.

— E depois? — perguntou Phoenix, observando meu rosto e adivinhando que havia algo que eu não tinha contado a eles.

— O Sr. Bishop... — comecei minha resposta e parei, dando de ombros.

— Ele expulsou você da casa? — Phoenix tentou completar minha explicação.

— Bom, ele não gosta de mim nem de ninguém que esteja na classe social em que estou, para falar a verdade.

— Isso porque ele saiu do mesmo lugar que você, da sua classe social — Jonas me disse. — Vinte anos atrás o cara não tinha um centavo. Depois, pelo modo como Zoey conta, ele teve sorte: casou-se e só então passou a ter o dinheiro que tem hoje.

O que explicava muito, imagino.

— Você sabe que seu pai também foi à casa dos Bishop?

Até Jonas e Phoenix ficaram surpresos com minhas novidades.

— Nós não o seguimos depois que ele foi embora — disse Phoenix. — O que ele queria?

— Ele ficou gritando, xingando e insultando todo mundo. Não sei exatamente como foi, só sei que piorou tudo. Agora a Sra. Bishop quer isolar Zoey do resto do mundo.

— E nós não conseguiremos mais nenhuma resposta — Jonas suspirou.

— Isso mesmo. A não ser que eu me encontre com Zoey novamente nesta quinta, na clínica de Kim Reiss. — Vi um lampejo de esperança. — É isso mesmo que vou fazer — prometi a Jonas. — Vou chegar cedo para dar tempo de conversarmos a sós.

Jonas concordou e olhou para a estrada.

— Tem um carro vindo — disse, antes que desse para ver.

— É Logan! — Em um relance consegui ver quem era no Honda branco todo lustroso. — O que ele está fazendo aqui?

— Seguindo você — Phoenix adivinhou de novo, de modo bastante preciso, no fim das contas.

— Vão embora! — disse aos dois. — Deixem que eu resolvo isso.

Quando disse para irem embora, pensei que se esconderiam atrás de alguma árvore ou de uma pedra, mas não. Phoenix e Jonas fizeram aquele truque fantasmagórico e desapareceram. Eles se desmaterializaram bem na minha frente: em um momento estavam ali e, no outro, as imagens dos dois ficaram nebulosas e borradas no contorno, até ficarem transparentes, e logo eles já não estavam mais lá.

— Ei, voltem! — gritei, enquanto Logan dava seta e parava no acostamento da estrada.

— Com quem você estava falando? — perguntou, enquanto saía do carro num pulo.

— Ninguém! Logan, o que você está fazendo aqui? — exigi uma resposta.

— Cuidando de você — sua honestidade era total, como se estivesse me fazendo um favor.

— Como você sabia onde eu estava?

— Liguei para sua casa e sua mãe me contou sobre o carro novo, falou que você ia fazer um *test drive* antes da aula. Prometi que a levaria para onde você deveria estar: sã e salva sentada em sua cadeira na classe.

— Não sou criança. Você precisa parar de me seguir! — disse a ele com muita raiva. O último truque de Phoenix e Jonas tinha me deixado desequilibrada e eu estava com a sensação de que eles ainda estavam por ali, ouvindo minha conversa com Logan. — Estou começando a achar que você é um desses caras assustadores que ficam seguindo as pessoas, você está me apavorando!

Os traços simétricos de Logan se fecharam em uma careta.

— Como você tem coragem de dizer uma coisa dessas?

— Como não? — passei reto por ele para entrar em meu carro, mas ele me segurou.

— Darina, sei que você não vai querer escutar nada disso, mas continuo preocupado com as atitudes que tem tomado ultimamente. Sua mãe também, todo mundo.

— Mas já disse a você que não precisa se preocupar. Solte meu braço, Logan, você está me machucando.

— Mas me preocupo com você — continuou com sua voz robótica. Ele já devia ter ensaiado esse discurso mil vezes, dava para perceber. — Você é importante para mim, Darina. Não quero ser só seu amigo.

— Solte meu braço — pedi, depois de um segundo de espanto, desses de cair o queixo. Dessa vez ele estava mesmo vindo me beijar e, para evitar, teria de ser muito rápida. — Logan, como podemos ser uma coisa dessas que você está querendo? Eu conheço você desde criança.

— E daí? — ele franziu os lábios e se inclinou em minha direção.

— Somos quase irmãos! — que loucura. Logan Lavelle estava aqui querendo ser romântico enquanto meu lindo Phoenix estava passeando invisível e assistindo à coisa toda. Tentei fazer o possível. — De qualquer forma, Logan, o momento é péssimo. Ainda não esqueci Phoenix.

Ao escutar esse nome, Logan parou. Ele parecia igualmente desconcertado.

— Então você está querendo me dizer que estou competindo com um cara morto?

— acredite se quiser. Você achou que eu ia esquecê-lo e pronto? — Não conseguia compreender Logan. É claro que ele sabia como era terrível a sensação de perder alguém querido.

— Mas ele está morto, Darina. Phoenix não vai voltar.

— Me deixe em paz — respirei profundamente enquanto ia embora.

Uma parte do cérebro de Logan parecia registrar um pouco do que estava acontecendo — mas não tudo. Ele parecia ter pena de mim. Parou um pouco, depois começou a falar de novo.

— Tá bom, Darina, já entendi. É cedo demais.

— Demais, muito cedo mesmo — disse, mais calma e já conseguindo entrar no carro.

— Então vou esperar até que você já o tenha esquecido — ele prometeu como se esse tempo fosse um grande favor que estivesse me fazendo. — Vou esperar o quanto for necessário.

Houve um tempo, antes de Phoenix, em que Logan e eu conseguíamos praticamente ler o pensamento um do outro. Fazíamos tudo juntos, gostávamos das mesmas coisas, falávamos a mesma língua, e eu sentia falta daquela proximidade simples de nossa amizade de criança. Mas mesmo que Phoenix não tivesse existido na minha vida, eu não conseguiria ser namorada de Logan.

Naquela noite, depois da aula, tive tempo para tentar entender isso tudo. Encontrei um álbum de fotos debaixo de uma pilha de revistas e peguei duas fotos. Em uma delas, estávamos Logan e eu na festa de formatura da escola, o *smoking* tinha o dobro do tamanho dele, que estava olhando direto para a câmera com um sorriso enorme — com aquele olho vermelho de foto

— e eu, de vestido azul-claro de cetim, com uma orquídea branca que ele havia me dado. Meu sorriso não estava tão natural quanto o dele.

A outra foto mostrava Phoenix e eu, foi tirada numa cabine de três por quatro. Phoenix estava com uma expressão meio irônica, tranquilo e lindo. Eu já havia cortado um pouco o cabelo, que ainda estava castanho, tinha rímel nos cílios. Eu estava rindo.

Fim de papo. Havia a Darina antes de Phoenix e outra, depois dele — duas pessoas diferentes, uma nova organização química, uma combinação explosiva de corpo e alma.

Era impossível reverter o processo, acertar os desacertos e restabelecer a comunicação que eu tinha com Logan.

Passei terça e quarta-feira evitando Logan e suas intenções, aqueles olhares que ele me dava. Como se já não bastasse, o aniversário de morte de Jonas estava se aproximando rápido demais e havia rumores pela escola sobre um comboio de Harleys em homenagem a ele, liderado por Matt Fortune — quem mais? — em uma moto emprestada por seu irmão, Charlie.

— Vamos nos encontrar no centro da cidade depois da aula na próxima terça — Matt explicou para a gangue, que incluía Christian e Lucas, mas não Logan. — Vamos andando pela Centennial, bem devagar, talvez a quinze quilômetros por hora. Manteremos essa velocidade até chegar à estrada de Foxton. E paramos no exato ponto onde aconteceu o acidente.

— Péssimo. — Jordan saiu deixando os caras lá e o plano deles.

Hannah parou atrás de mim.

— Eu não sei, talvez seja uma boa ideia, uma coisa meio gótica — disse ela baixinho.

— Ou talvez seja de uma morbidez bizarra — eu ainda não tinha certeza, só achava curioso que Matt estivesse à frente desse plano.

— Legal! — Lucas apoiou a ideia. — Acho que Jonas vai estar lá, olhando para nós e nos abençoando.

Tremi diante da imagem que faziam de anjinhos cor-de-rosa flutuando em nuvenzinhas macias, tocando harpa e cercados por uma paz ensolarada. Queria dizer que não era nada daquilo, não era assim. *É tudo perigoso, difícil, confuso. Um milhão de almas aladas estão brigando para voltar*, pensei.

— Onde você vai arrumar uma moto? — perguntou Christian a Lucas.

— Talvez Charlie tenha uma sobrando. Você pergunta pra ele, Matt?

— As meninas podem ir na garupa? — Hannah não queria ficar de fora. — Quero deixar flores na estrada.

O plano estava tomando forma. A próxima ideia de Matt era que o comboio fosse liderado por Bob Jonson, com os meninos da idade de Jonas logo atrás.

— Como assim, não é demais pra ele? — perguntou Lucas. — Ouvi dizer que anda bastante perturbado ultimamente, sozinho em casa. Não é uma boa ideia exigir isso dele.

— Ele merece uma chance — insistiu Matt, desfilando em frente de duas meninas que se aproximaram. — Nós estaremos logo atrás dele, não se esqueçam.

— Que legal! — suspiraram as recém-chegadas. — O resto de nós pode fazer uma fila com os carros e ir lá colocar flores em seguida.

— Talvez devêssemos chamar Zoey e convidá-la para vir também.

Flores, Harleys, homenagens silenciosas na estrada e agora Zoey. Para mim, isso tudo estava parecendo um circo de gente louca.

— Jonas não era assim — lembrei-os. — Ele não gostava de tragédia nem desse tipo de excesso.

Matt virou-se para mim.

— Ah, tá, Darina, não precisa me dizer. Você conhecia Jonas melhor que todos nós. Então, vá em frente, fale em nome dele, não é isso que está querendo?

— Também não me lembro de você ser tão próximo dele — contra-ataquei. — Por que está tão interessado nessa homenagem?

— O que está querendo dizer? — Matt saiu do grupo, veio bem na minha direção e ficou me encarando. — Que sou falso? Que não sinto nada pelo que aconteceu?

— Você sente?

Eu me recusei a desviar o olhar e permaneci encarando os estranhos olhos de Matt Fortune, uma mistura de verde e castanho, emoldurados por sobrelanceiras pesadas e retas.

As pálpebras de Matt tremeram, e ele se virou para o outro lado.

— Bom, então, na próxima terça, hein? — continuou ele calmamente. — Quem vai falar com Bob Jonson?

— Cara, fale você — Christian tomou a dianteira. — Diga que vai ajudar a fechar esse ciclo, coitado do cara.

Matt esperou até quinta-feira para se vingar. Ele me fechou quando eu estava cruzando o portão da escola com meu carro conversível, dirigindo sua carreta do meu lado e me forçando em direção à calçada da loja de conveniência.

— Que carrão — disse, quase saindo pela janela.

Eu já estava mais que irritada.

— Você é louco? O que está tentando fazer?

— Ouvi dizer que foi um presente de Brandon Rohr.

— Não é da sua conta.

— Vindo de você, que é tão boa em não se meter nos assuntos dos outros... — disse ele com desdém e ironia. Pulou de seu veículo, deu a volta e veio me atormentar de perto. — Daqui pra frente, saia do meu caminho, entendeu?

— Não estou no seu caminho — aparentei não estar assustada.

— Não? Você não anda querendo fuçar na oficina de Charlie? Não está querendo me ridicularizar quanto ao lance da próxima terça-feira?

Olhei para ele com calma, sentada no banco do motorista.

— Não é difícil ridicularizar você.

— Sua palhaça! — o punho dele bateu com força no meu para-brisa, fazendo com que uma cliente que estava saindo da loja ficasse olhando por um bom tempo antes de ir embora.

— Eu só queria saber quando foi que você se tornou o melhor amigo de Jonas — eu disse, provocando-o de propósito para ver sua reação. — Eu me lembro bem da época, e não faz muito tempo, que vocês dois brigavam feio por causa da Zoey.

Matt era uma cara bronzeado, forte e saudável, então ele não ficou branco. Mas todo o resto de seu corpo mostrava que estava em choque. Ele se encolheu, se curvou, depois de levantou de novo e voltou a fazer a pose desse tipo de cara que passa mais tempo que o necessário na musculação.

— Isso é mentira — disse ele. — Zoey e Jonas eram o casal perfeito, todo mundo sabia.

— Se você achava, por que tentou voltar com ela?

— Quem falou que eu tentei?

— Ela mesma. — quanto mais ele ficava bravo, mais eu me acalmava. O pior que poderia acontecer era ele enfiar a mão no meu para-brisa novo e ser o responsável por uma confusão enorme.

— Mentira — disse ele de novo.

Tirei o carro do ponto morto, engatando a primeira, e fiquei pronta para sair pelo outro lado. Mas, antes de ir embora, queria que Matt pensasse sobre algumas coisinhas.

— Devo acreditar na palavra de quem? Na sua ou na da Zoey?

E segui para a clínica a tempo de falar com minha amiga quando ela saísse da sala de Kim Reiss.

— Vocês se conhecem? — perguntou Kim quando viu Zoey me cumprimentando.

Zoey veio zunindo com sua cadeira de rodas em minha direção, segurou-me com as duas mãos enquanto eu estava na sala de espera.

— Darina, quero me desculpar pelo que meu pai fez com você no domingo.

— Zoey e eu nos conhecemos há muito tempo — expliquei a Kim. — Você poderia esperar cinco minutos?

— Entre quando quiser — respondeu Kim, voltando para sua sala e fechando a porta.

— Como você está? — perguntei. Não sou muito fã do suposto poder curativo dos abraços, mas abri uma exceção para Zoey.

— Bem.

— Você estava chorando?

— Sim, mas foi ótimo — disse ela, tentando sorrir. — Kim disse para que eu não segurasse o choro. Eu disse a ela que me lembrei do que aconteceu depois do acidente, deitada na estrada com Jonas flutuando sobre mim, e ela falou que foi muito bom lembrar disso.

— É, sim. — Mas eu precisava de mais informações e já não havia muito tempo. — E sobre *antes* do acidente?

Zoey alegou não se lembrar.

— Minha cabeça não consegue chegar lá. Eu gostaria, mas, toda vez que tento, é como se me deparasse com um muro bloqueando meus pensamentos.

— Nada? Nada mesmo?

Ela se esforçou novamente, fechando os olhos e apertando as têmporas com seus dedos longos.

— Matt Fortune — disse ela.

Minha cabeça começou a girar.

— O que tem ele?

— Não sei, fico vendo o rosto dele, não entendo. Eu não queria, queria ver Jonas, mas Matt não sai da minha cabeça.

— Mas quando você vê Matt? Antes do acidente? No mesmo dia?

Zoey abandonou suas mãos sobre o colo.

— Não, talvez uma semana antes. Isso mesmo, Matt estava andando por aí, foi até minha casa, me seguindo depois da escola.

— Ele ficava perseguindo você?

Conte mais, Zoey, eu pensava.

— Sim, ele estava enchendo o saco, disso eu me lembro. Era um pouco esquisito, mas ele esperava Jonas sair e agia como se nós ainda tivéssemos alguma coisa. Eu não ficava confortável com isso e pedia que ele parasse, mesmo não querendo magoá-lo.

— Matt Fortune é um grosseiro — observei. — Ele não se magoa com facilidade.

— Bom, ele não saía do meu pé, e as coisas começaram a ficar complicadas quando eu finalmente falei tudo para Jonas, porque tinha medo que eles brigassem.

Naquele momento, Kim abriu a porta.

— Darina, já são mais de quatro e meia, sua sessão já começou, o relógio está correndo...

— Sim, só mais um minuto — disse a ela.

A porta se fechou de novo.

— Mas houve uma briga? — perguntei a Zoey.

Seu rosto ficou sério.

— Não, pelo menos eu não me lembro de nenhuma. Só lembro do rosto de Matt quando quero me lembrar de Jonas. Por que será que isso acontece?

— Gostaria de saber. Vamos voltar para o dia do acidente, prestar atenção nisso.

— Tentei fazer isso com Kim, tentei mesmo. Tudo que me lembro quando tento imaginar a estrada de Foxton é um *flash* de luz: nenhum barulho, nenhuma roda girando, freios, nada disso. Um *flash* e, depois, escuridão.

Um *flash*. E o rosto de Matt Fortune onde gostaria eu ele não estivesse. Eu já não conseguia evitar a conexão entre as duas coisas. Mas a sra. Bishop estava vindo buscar Zoey, e o tempo de minha sessão também estava correndo. Nós nos despedimos e eu fui falar com Kim.

— Ainda vejo Phoenix o tempo todo — disse a Kim.

— E como você se sente?

— Feliz.

— E depois?

— Triste, acabada, destruída, quando tenho que me despedir.

— Descreva Phoenix para mim, Darina.

— Ele é a coisa mais linda do mundo. E ainda por cima me faz rir. Ele tem m ponto de vista intrigante, faz brincadeiras com tudo o que as pessoas dizem ser sério: política, dinheiro, o que for. Mas, por outro lado, ele leva a sério as coisas importantes de verdade, fala o que pensa, é honesto. É isso o que amo nele.

Não havia um único raio de sol no escritório de Kim dessa vez. O céu lá fora estava azul-arroxeadado, cor de hematoma, com um toque de amarelo em volta das nuvens pesadas.

— E como ele era fisicamente?

— Toda vez que vejo os olhos dele, fico hipnotizada.

— De que cor eles são?

— Azuis acinzentados, brilhantes, a pele muito branca.

Kim permaneceu sentada por um tempo, recostada em sua cadeira cinza-clara.

— Percebi uma coisa importante — disse ela por fim.

Esperei novamente, nossa sessão estava quase acabando. Eu não havia dito nem uma única palavra sobre os *Beautiful Dead* e fiquei imaginando se minha terapeuta teria percebido alguma coisa.

— Quando peço para que descreva Phoenix, você sempre fala dele no presente — observou. — Tanto que eu quase sinto a presença dele aqui nesta sala.

Logo depois da sessão, desliguei meu telefone e fui de carro até Foxton. Algumas gotas vagarosas de chuva espirravam no para-brisa, mas nem me incomodei em parar e fechar a capota. A umidade fria da chuva em meu corpo dava uma sensação muito boa.

Segui rapidamente em direção às montanhas e a uma tempestade que se aproximava. Antes de perceber, havia passado o ponto em que a estrada se bifurca, continuando em frente sem me preocupar se seria vista ou não. Logo cheguei às casas que ficam no cruzamento de Foxton e virei à esquerda,

passando as cabanas velhas de pescadores próximas à clareira e ao riacho de águas rápidas de Foxton.

A chuva apertou, encharcando meu cabelo e minha camiseta branca. *Pare e feche a capota*, pensei, mas a parte mais impaciente de meu cérebro dizia *Não perca tempo, continue dirigindo*.

Passando as cabanas e ultrapassando um jipe cujo motorista era um caçador solitário que mantinha constante a velocidade máxima permitida, comecei a pisar fundo no acelerador e a atravessar as árvores destruídas por um incêndio na mata — troncos retorcidos e negros e toras de madeira queimadas, cinzas apodrecendo na terra. Daí em diante, subindo, estavam os choupos verdes sob o céu negro-azulado. Uma única coisa me fazia continuar dirigindo e me deixava desesperada para ver Jonas, e o nome dela era Matt Fortune. Na minha cabeça ele havia passado de pequeno fator de irritação para um grande responsável pela bagunça que havia culminado no acidente trágico de Jonas, e eu precisava conferir os detalhes sem ele.

Conte-me sobre Matt. Zoey disse que vocês dois quase brigaram. Ele era muito ciumento? Descontrolado? Acelerava enquanto ensaiava as perguntas que faria a Jonas e cortava a chuva pela serra de Foxton.

Quando já não era mais possível ir adiante, saltei do carro e corri pelo mato alto em direção à caixa d'água. Nessa hora eu já estava encharcada até os ossos e tremendo de frio — era o único ser vivo naquela tempestade. A água espirrando do metal enferrujado da caixa d'água era a trilha sonora.

Isso é estranho — não tem um barulhinho de asas batendo. Esperei que Hunter tivesse fechado a barreira que isolava os invasores indesejados do outro lado, mas não foi o caso.

Onde estão vocês todos? Saí debaixo da torre e comecei a descer a colina.

Phoenix, sou eu, Darina!

Eu odiava aquele silêncio, preferia ouvir as asas apavorantes dos *Beautiful Dead* batendo. Por que sua audição ultra-aguçada não conseguia ouvir o motor do meu carro ou o barulho dos meus passos na grama?

— Phoenix?

Cheguei perto da campina e gritei o nome dele.

A porta do celeiro rangeu e bateu. Uma vez, duas, três. Entrei e olhei em volta. Lá estavam as teias de aranha nas vigas, poeira no chão, como se nada tivesse sido tocado há anos. As antigas rédeas e arreios pendurados nos ganchos continuavam presos à parede.

— Jonas, Summer? Tem alguém aí?

Meu grito assustou um bichinho que saiu correndo em direção ao palheiro, no andar de cima.

Pá! A porta bateu e um calafrio percorreu todo o meu corpo.

Saí correndo do celeiro, atravessei o quintal em direção à casa. A porta estava trancada.

— Quero entrar! — gritei, forçando a maçaneta.

Do lado de fora da varanda, a chuva caía impiedosa. Um relâmpago riscou o céu e depois um estrondo grave de trovões.

— Hunter, quero entrar! — corri para a janela e olhei pela camada grossa de sujeira. Cadeira de balanço, o fogão a lenha, a mesa parecendo intocada, como um museu fechado por décadas a fio. Ao lado da casa encontrei um tambor de água e pedaços de uma carroça, a parte de baixo e as alças. Dei um passo em falso e escorreguei no desnível em direção ao riacho, e só consegui me salvar por ter me agarrado a um gravetinho de uma muda de choupó. Quando recuperei o equilíbrio, comecei a chorar.

Onde estão todos? Voltem, por favor! Sob as nuvens baixas e a chuva forte, vaguei pelo quintal pisando em poças e procurando em cada cantinho daquele lugar deserto. Outro relâmpago dividiu o céu e o barulho do trovão me mandou de volta para o celeiro.

Pá! Acho que nada daquilo aconteceu.

Pá! Os Beautiful Dead não existem.

Pá! Phoenix não voltou. Ele morreu e se foi para sempre.

Eu me afundei no chão e chorei até ficar exausta. Depois pensei em tudo com calma e tentei lidar com o choque de perceber que era apenas uma menina louca com a cabeça descontrolada por causa da perda da única pessoa no mundo que significava tudo para ela.

Eu falava em voz alta para ver se aprendia a lição.

Quem mais viu os Beautiful Dead, Darina? Claro, havia rumores. Todos em Ellerton estavam alterados por causa da morte dos quatro — isso não é nada além do esperado. Pessoas assustadas inventam coisas idiotas — veem fantasmas e ouvem coisas sobrenaturais que não passam do barulho do vento entre as árvores e ponto final. E, claro, você encontrou a fivela do cinto de Jonas, mas o que isso prova? Apenas que ele pode ter estado aqui antes de morrer, mas quais outras provas você tem?

Os beijos de Phoenix, ele olhando para mim e uma tatuagem de asas de anjo.

Minha crença desmoronou sobre a força da tempestade e da calmaria sombria do celeiro, ela foi se esvaindo e deixando um buraco que logo foi preenchido com a sensação apavorante de morte e decomposição em todo o lugar. Agora os cabrestos de cavalos pareciam uma corda de força, e o machado no canto parecia pertencer a um carrasco mascarado. O barulho do bichinho assustado no andar de cima mais parecia um bando de ratazanas prontas para abocanhar carne podre. Os relâmpagos não paravam, e os trovões faziam trepidar e estremecer o vale inteiro. Sentei no chão do celeiro esperando que a tempestade fosse me agarrar e me arrastar para as montanhas, deixando-me em pedaços.

Por um bom tempo fiquei nas mãos do desespero, até que o céu ficou mais quieto e as nuvens começaram a se dissipar. A lua crescente apareceu — um arco de luz prateada —, depois pequenas estrelas que estavam a milhões de anos-luz.

Talvez essa tenha sido a razão para terem ido embora, pensei, já me levantando e indo até a porta olhar para o infinito. Phoenix ficou aqui por pouco tempo, junto com Hunter e os outros. Os Beautiful Dead existiram, sim.

Uma ventania carregou as nuvens na direção do pico Amos, e agora o céu escuro parecia imenso, e a Via Láctea, uma mancha curva de luz clara contra a escuridão total. O mundo era um pequeno grão no meio de um universo tão grande, impossível de ser apreendido. O que fez com que eu me sentisse menor que um átomo num grande sistema, minhas tristezas, invisíveis.

E então vi uma estrela cadente atravessar o céu negro, explodir e desaparecer. Mais uma e outra, cada uma fazendo uma descida espetacular. Quatro em sucessão — Jonas, Arizona, Summer e Phoenix — brilhando forte no céu e morrendo.

Lágrimas enchiam meus olhos.

No alvorecer não havia mais nenhuma nuvem no céu, somente uma luz rosa a leste e o sol dourado surgindo por detrás do pico Amos.



CAPÍTULO 8

Com o nascer do sol, senti esperança novamente e fiquei mais próxima da certeza de que Phoenix jamais partiria sem se despedir.

Essa esperança substitui o pânico da noite anterior — quando a tempestade estava bem mais forte — e me senti reconfortada para sair e calmamente respirar o ar fresco da montanha. Prestei atenção na casa, velha, mas ainda capaz de me proteger da água, e vi um coite sair de debaixo do caminhão enferrujado onde foi se abrigar durante a chuva. A sensação de todo o ambiente e do barulho do vento nos choupos era deliciosa. Quando me virei de volta para o celeiro, vi os *Beautiful Dead*.

— Juntos somos fortes — diziam um ao outro, mãos dadas, os homens sem camisa, todos parados em uma pequena roda. O mestre, Hunter, estava parado no meio de círculo com a cabeça baixa e as mãos crispadas à frente do corpo.

— Somos mais fortes que a guerra celeste — entoava, enquanto os outros repetiam, como um padre e seus fiéis. — Mais fortes que as luzes cruzando o céu. Nós, *Beautiful Dead*, nos regozijamos em nossa força.

Meu olhar acabava sempre se direcionando para Phoenix, mesmo estando de costas para mim e virado na direção de Hunter, repetindo suas palavras. Ele era o mais alto e o mais bonito de todos: vi seus ombros largos e a marca mortal entre suas espáduas, o ponto em que a faca o havia ferido, e me senti contaminada por um amor inebriante.

— Venha e junte-se a nós, Darina — disse Hunter, levantando a cabeça e olhando para mim sem surpresa.

Phoenix virou-se e abriu seus braços. Corri até ele aliviada. Ele me abraçou com força e apoiei a cabeça em seu peito.

— Você sabe que eu não a deixaria — disse ele, me beijando e inspirando o aroma do meu cabelo.

Virei a cabeça para olhá-lo nos olhos.

— Sim, eu sei, mas o que aconteceu? Foi a tempestade?

— A força da descarga elétrica durante uma tempestade é enorme. — Phoenix me disse com sua voz maravilhosa e grave. — E leva nossos poderes embora.

— Mas para onde vocês foram? — devagar eu ia me soltando e tentando disfarçar a alegria e o alívio para que os outros não percebessem, em especial Arizona, com seu olhar terrível, ao mesmo tempo arrogante e condescendente. Fingir saber desde o início que eles voltariam.

— Uma tempestade de relâmpagos nos leva para o limbo — explicou Jonas. — Nos afastamos do mundo dos vivos até passar.

— O que acontece se não se afastam? — só quando fiz a pergunta apressada percebi que eles estavam perturbados. Summer olhou infeliz para o chão, enquanto Donna, Eve e Iceman se afastaram da roda.

Hunter assumiu o comando.

— Como Phoenix disse, nossos poderes desaparecem — falou com firmeza. — E não voltam mais. Se somos pegos no meio de uma tempestade de relâmpagos, precisamos ficar para sempre no mundo dos vivos.

Isso foi uma novidade para mim e tomei a iniciativa de segurar a mão de Phoenix.

— Por que não me disse? Isso significa que você pode ficar aqui comigo!

— Eu, eu, eu. Sempre pensando em si mesma! — Arizona me ridicularizou fazendo uma voz fina e caricata. — Conte o resto, Phoenix.

— Perdemos nossos poderes e somos condenados a ficar para sempre — confirmou ele, tentando não me olhar nos olhos.

— Por que condenados, como assim? — por que isso era tão ruim se ele me amava e eu o amava também? Olhei fundo em seus olhos e vi uma

barreira que me fez suspeitar que, dessa vez, Phoenix não queria me dizer a verdade.

— Assim que perdemos nossos poderes de voltar ao limbo, algumas coisas começam a acontecer — disse ele.

— Que coisas? — percebi que Summer e Jonas também haviam saído da roda, só Arizona e Hunter ficaram para ouvir.

Phoenix fez uma cara séria, muito preocupado.

— Se ficamos presos aqui, não conseguimos nos regenerar.

Demorou um tempo para que eu conseguisse entender o que ele estava dizendo e então respirei fundo.

— E nós estamos mortos, lembre-se. — sempre confie na capacidade de Arizona de me manter informada com sua inconfundível agressividade. — Um zumbi preso no mundo dos vivos durante uma tempestade de relâmpagos não dura muito, uma semana, se tanto.

— Ai... — agora eu desejava voltar dois minutos no tempo e não ter feito nenhuma pergunta. Um calafrio me arrepiou dos pés à cabeça.

— Começamos a entrar em decomposição a partir do primeiro dia — continuou Arizona, cruel. — Nossos olhos começam a embaçar e ficamos cegos. Nossas articulações se decompõem e nos movimentamos cada vez mais devagar.

— Pare! — implorei.

— Mas você não queria saber? — insistiu. — No segundo dia, as feridas abertas começam a apodrecer.

— Chega, Arizona. — Hunter se aproximou. — É por isso que os vivos têm essa imagem de nós — explicou para mim com uma voz suave, como nunca antes havia falado comigo. — Aquele monstro insensível que depende de carne humana. Mas não se preocupe, Darina, eu sempre cuido das energias de todos e não deixarei isso acontecer a eles.

Recuperei meu fôlego e assenti com a cabeça. A imagem descrita por Arizona me revoltou e cenas de filmes de terror povoavam meus pensamentos.

— Você vai cuidar de Phoenix? — pedi a Hunter.

— Prometo que sim. Veja como cuidei deles na última tempestade.

— Obrigada. Sério, estou realmente agradecida! — Era outono, a época do ano em que as tempestades chegam, quando as massas de ar quente vêm do Golfo do México e se encontram com o ar frio das montanhas. Eu sabia que em breve isso aconteceria de novo.

Hunter olhou para mim com calma antes de desamarrar a camisa cinza da cintura e vesti-la. Depois, ele, Phoenix e Jonas ficaram mais próximos para conversarmos.

— Parece que você tem novidades — disse Hunter.

— Sim, sobre Matt Fortune — contei, tentando fixar minha atenção na última conversa que tive com Zoey. — Jonas, Zoey disse que Matt andava brigando com você porque queria voltar a namorar com ela. Foi assim mesmo?

Ele concordou.

— Matt tentou, sim, atrapalhar tudo algumas vezes. Agia como se pudesse entrar e sair da vida dela quando quisesse. Ele é assim mesmo e eu nem ligava muito.

— Você e Zoey estavam muito bem... e você sabia que ele não representava ameaça nenhuma... — Para mim isso se encaixava perfeitamente com o resto. — É verdade que Matt começou uma briga com você?

Jonas concordou de novo, enquanto Phoenix e Hunter ouviam com atenção.

— Fui consertar minha moto e estávamos do lado de fora da oficina de Charlie quando ele veio me dar um soco, mas eu não gosto de briga, você sabe.

— O que você fez?

— Eu me esquivei. Matt veio com tanta força que perdeu o equilíbrio e acertou a moto dele, uma Tourer, que se espatifou no chão. Subi na minha moto e fui embora, fim de papo.

— E ele ficou com duas coisas destruídas, a moto e o ego — disse Phoenix a Hunter.

— Mas não acabou aí. — as palavras de Zoey voltavam à minha cabeça. — Toda vez que Zoey tenta se lembrar do dia do acidente, ela sente que detalhes importantes de verdade são impossíveis de acessar, e a única coisa que vem à cabeça dela é o rosto de Matt. Misturado a todo o sofrimento e ao trauma, lá está Matt Fortune.

— Ela sabe por quê? — Phoenix me perguntou.

Neguei.

— Ela não para de tentar se livrar da imagem do rosto dele, mas não consegue. Está quase enlouquecendo.

— Não estou gostando disso — Jonas suspirou. — Falei para você pegar leve com Zoey, lembra?

Agora Jonas estava se parecendo com os pais dela, mas, nesse caso, dava para entender.

— Quer que eu desista?

Poucos dias antes dos doze meses de Jonas acabarem — tão próximo e ao mesmo tempo tão distante.

Houve um longo silêncio e parecia que tínhamos chegado a um beco sem saída, até Summer aparecer e colocar seu braço em volta dos ombros de Jonas.

— Continue firme — disse ela. — Não vai ser fácil encarar a verdade, sempre soubemos disso.

Não esperava ouvir isso de Summer, que parecia tão frágil e vulnerável como a vegetação ao vento e até delicada demais para dizer uma frase como essa. Mas, por outro lado, os *Beautiful Dead* haviam depositado todas as esperanças em mim e queriam que tudo desse certo.

— Peço desculpas — eu disse a Jonas. — Mas eu só conversei com Zoey sobre coisas que ela já conversa com a psicóloga. Ela se magoaria de qualquer jeito.

— E se Zoey está sofrendo muito agora, devíamos voltar a nossa atenção para Matt Fortune — observou Hunter, pensando na estratégia. — Isso se acreditarmos que ele tem alguma coisa a ver com a história toda.

Pensei sobre isso um momento.

— Tenho uma intuição de que ele está, sim, envolvido com tudo isso. Não tenho fatos concretos, mas acho estranho como Matt fica tão hostil quando faço perguntas a ele, que agora está planejando um grande comboio para terça-feira. Parece tão disparatado...

— Espere um pouco. Conte mais sobre isso, Darina — Hunter insistiu.

Contei a eles sobre o plano, as motos saindo da cidade bem devagar pela Centennial até chegar ao lugar exato do acidente, debaixo da cruz de neon, e como planejaram convidar o pai de Jonas, as meninas levando flores, a coisa toda.

Jonas ficou com a cabeça muito baixa e fechou os olhos.

— Não deixe a Zoey se envolver com isso — implorou ele.

— Não se preocupe, os pais dela jamais deixariam que ela chegasse perto dessa homenagem. — E disso eu tinha certeza absoluta.

— Ei, Darina, Jonas precisava mesmo saber disso? — interrompeu Arizona, vindo ouvir a história da homenagem. — Imagine como ele está se sentindo agora. É bem pior que ler sua própria certidão de óbito.

Hunter nos ajudou a retornar à parte importante da conversa.

— Agora vamos nos preocupar com Matt. Darina, existe algum jeito de você conseguir arrancar a verdade desse cara?

— Sem se envolver com coisas que não esteja disposta? — completou Phoenix parando do meu lado, nós dois de frente para Summer e Jonas.

— Já sei: por que não chamar a polícia e dizer a eles que você tem uma suspeita sobre Matt? — Arizona sabia que sua sugestão era impraticável, esse era o jeito de ela mostrar minha incompetência. — Diga assim: “Ei, delegado, você não entendeu nada. Jonas Jonson não se matou e mutilou sua namorada, a culpa foi de Matt Fortune”. “E as provas?”, resmungaria ele. “Mas para quê, delegado, se minha intuição diz que ele foi o culpado? Você ainda precisa de provas?”.

— Arizona, pare já com isso. — foi a primeira vez que vi Hunter mostrar uma gota de verdadeira irritação com ela. — Estou avisando, entendeu?

— Não se preocupe, eu aguento — disse a ele. — De qualquer forma, Arizona está certa. Sei que será difícil derrubar a versão oficial do acidente. O inquérito deu as respostas que todos queriam ouvir e nelas é que todos vão querer acreditar.

— Todo mundo menos o pai de Jonas, que não acreditou nessa solução fácil, ele sabe que deve ter mais que isso — observou Hunter.

— Vocês querem parar com essa história? — falou Jonas de repente, depois de um longo silêncio. Ele estava branco, o olhar perturbado. — O que estão querendo fazer aqui não está certo, porque vamos magoar pessoas que eu amo.

Summer percebeu a agonia dele e segurou firme sua mão, sabendo muito bem como ele se sentia para ter coragem de contradizê-lo.

— Zoey e seu pai estão sofrendo de qualquer jeito. — falou Hunter depois de um longo silêncio. — Mas você ainda tem uma escolha, Jonas. Pode desistir de tudo, se é isso o que deseja. É isso?

Olhei também perturbada para o rosto sofrido de Jonas, esperando por sua resposta.

— E depois? — perguntou Arizona com a voz tão suave que era difícil reconhecê-la. — Se você abandonar tudo agora, será o fim. Não haverá outra chance.

E a verdade morrerá com você, pensei. Queria que Jonas lutasse, não que desistisse.

— Zoey é mais forte do que você imagina — falei. — Todas as pessoas são.

Ele olhou para mim, os olhos tremendo.

— Ela precisa saber — insisti.

Jonas piscou e concordou.

— Isso é um sim? — perguntou Arizona.

Fui andando com Phoenix até meu carro. Nesse momento, sem pensar no passado nem no futuro, eu me senti absolutamente feliz.

E caso não tenha dito antes, eu o amo muito.

Eu amo Phoenix!

Meu coração estava quase explodindo. Confusa e feliz.



— Prometa que não vai fazer nenhuma besteira — Phoenix insistiu, enquanto nos aproximávamos de meu novo conversível vermelho.

A capota ainda estava abaixada, os bancos de couro — completamente encharcados pela noite de chuva — agora secavam um pouco com o sol da manhã.

— Você está ouvindo, Darina? Não pressione Matt! Não diretamente, é arriscado demais.

Beijei-o, arrepiada pela sensação de seus lábios macios e frios, suspirando com a emoção indescritível que sentia. Bem de perto, suas feições ficavam borradas por entre meus cílios, mas seus olhos brilhavam com nitidez para mim.

— Nenhuma besteira, tá?

— Não fale nada — pedi. Chegamos novamente ao momento de despedida que eu não parava de adiar, sedenta por mais beijos deliciosos de Phoenix.

— Não vou conseguir descansar até tudo estar acabado — sussurrou.

— Isso não é novidade — sussurrei de volta. — Os Beautiful Dead nunca dormem.

— É verdade, não dormimos. — ele finalmente se afastou. — Brandon entende mesmo de carro, hein? — riu ele, encostando no para-brisa e me arrastando de volta para o mundo real.

— Não posso dizer que não gostei, mas ainda não inventei uma história para explicar por que Brandon Rohr me deu um conversível vermelho novinho.

— Eles que adivinhem — Phoenix segurou minha mão enquanto eu procurava pela chave do carro com a outra. — E lembre-se de que pode sempre contar com Brandon se precisar.

Tirei a chave do bolso de minha calça jeans.

— Vou me lembrar disso quando Laura fizer picadinho de mim por ter passado a noite fora de casa.

— Será que ela está preocupada? — perguntou, rindo de sua própria ironia, um pouco sem graça, mas também se divertindo com a situação.

— É, ela pode estar pensando que passei a noite com você! — brinquei também. Apesar das brincadeiras, meu coração estava mais apertado do que o suportável. — Preciso ir — disse finalmente.

Ele me abraçou mais uma vez.

— Você também pode sempre contar comigo, mesmo que nem sempre me veja.

— Confie em mim — disse a ele. — Lembre-se de que amo você e mais ninguém.

— Estava na casa de Jordan, minha amiga — inventei para Laura. — Qual o problema?

Ela havia ficado em casa em vez de ir trabalhar, morta de preocupação, praticamente ligando para cada um da lista telefônica de Ellerton.

— Darina, você não pode passar a noite fora sem me avisar!

— Eu sei e queria que me desculpasse.

— Por que não ligou?

— Eu não tinha crédito e esqueci.

— Pensei que tivesse sofrido um acidente... Esse carro é muito potente e com toda essa chuva... Jim e eu ficamos acordados a noite toda imaginando que alguém viesse nos dizer a qualquer momento que você tinha derrapado na estrada.

— Mas me desculpe! — precisava me trocar e ir para a escola me encontrar com Matt. — Você pode me dar um tempo?

Laura estava muito nervosa para me ouvir.

— Eu liguei até para casa dos Rohr e perguntei se você não estava com Brandon.

— Ah, não, não acredito! — Corri para meu quarto e bati a porta.

— O que você quer que eu pense? — gritou ela. — O menino dá pra você um conversível novinho e não é nem seu aniversário!

Ir para a escola era mesmo muito estranho, fazer as coisas normais. Os professores me pediam trabalhos que eu não tinha feito, a professora de matemática ficava preocupada achando que eu ia desmaiar de novo na aula dela, e meus amigos ficavam cheios de dedos à minha volta.

— Carro novo, hein, Darina? Vocês viram? — Hannah balbuciou enquanto saíamos do prédio no fim da última aula, Jordan e Lucas um atrás do outro. Jordan está a fim de Lucas, mas ele não é lá muito interessado nela. Mas essa é outra história.

— De onde você tirou tanto dinheiro? — disse Lucas, depois de assobiar impressionado.

— Você me dá uma carona? — perguntou Jordan.

Fiquei atrás de todo mundo — e por que não? — retribuí a atenção que estava recebendo. Sabia que não ia demorar para Matt meter o nariz onde não era chamado.

Ele se juntou ao grupo com Logan e Christian, fingindo que nossa briga do lado de fora da loja de conveniência não havia acontecido e que entendia tudo sobre o carro nos mínimos detalhes: parafusos, porcas, pistões, vela de ignição e junta de cabeçote do motor da minha máquina potente. Coisas de homem.

— Entrem, vamos dar uma volta — convidei-o, chamando Logan também, para que os outros não ficassem com a ideia errada sobre mim e Matt. Planejava deixar Logan na casa dele e ir com Matt até o centro da cidade.

Eles nem me esperaram insistir e logo eu estava levando os dois, enquanto Jordan, Hannah e Christian ficaram olhando. Eu havia contado a Jordan sobre Matt, inclusive os detalhes mais horríveis: ele me fechando e me empurrando para a calçada com o caminhão. Por isso, ela ficou de queixo ainda mais caído que os outros.

Matt se acomodou no banco do passageiro, encostando-se bem relaxado. Logan não dizia nada, provavelmente tentando imaginar por que eu tinha convidado Matt.

— Como estão os planos para terça-feira? — perguntei, quando paramos no sinal fechado.

— Tudo bem — Matt olhava para mim pelo canto do olho sem mexer a cabeça.

— Peço desculpas pela discussão.

Você precisa parecer convincente. Lembre-se do que aprendeu naquelas aulas de interpretação na escola.

— Então quer dizer que você vai?

— Claro, estarei lá com Lucas.

— Legal. Charlie vai emprestar motos para vocês, no dia? — Minha pergunta era para Logan, mas Matt já foi dando a resposta.

— Ele adorou a ideia, a cidade inteira está envolvida, um grande evento em Ellerton! Então, é isso aí, sim, ele vai emprestar as motos.

Meu plano era manter Matt no centro da conversa e não poderia estar funcionando melhor.

— Você convidou Bob Jonson para tomar a frente? O que ele achou?

— Ficou muito emocionado, chorou na minha frente.

— Ele não está muito bem — falou Logan baixinho do banco de trás.

— Sim, mas ele logo sacou — continuava Matt. Nessa hora ele já estava com os pés no console e o braço direito para fora da janela. — Ele disse que ficaria honrado em liderar o comboio. Honrado!

Virei numa rua transversal e parei diante da casa de Logan. O pai dele estava sentado na varanda, bebendo cerveja com ninguém menos que Bob Jonson.

— Ei, Bob! — gritou Matt, levantando o braço num aceno preguiçoso. Olhei para o rosto de Logan enquanto ele saía do carro e notei que estava com a pior cara possível. Nem se despediu.

— Matt — Bob retribuiu o aceno, levantando a garrafa num movimento lento e atrapalhado.

— Bêbado de novo — grunhiu Matt, e me disse para irmos embora logo antes que Bob viesse cambaleando escada abaixo em nossa direção. — Minha dúvida é: ele vai estar sóbrio na terça-feira?

Segui em direção ao centro da cidade, tentando disfarçar o desgosto que sentia pela pessoa sentada a meu lado e contando com sua vaidade para conseguir as informações de que precisava.

— Vamos tomar um café? — perguntei, entrando no shopping.

— Sério?

Dei um sorriso amarelo e ajeitei o cabelo.

— Desde quando você recusa esse tipo de convite?

Ele riu, mal conseguindo esperar que eu parasse o carro antes de sair.

— Darina, quando você parou de me odiar?

— Mas Matt, eu nunca odiei você — menti.

Caça-talentos em busca de novas atrizes, prestem atenção nessa garota.

— É que minha situação não tem sido fácil.

Ele entrou no primeiro café pelo qual passamos.

— Ah, sobre a coisa com Phoenix, né? — perguntou, pedindo dois *lattes* sem me consultar.

Sim, a coisa com Phoenix.

— Depois do enterro, comecei a tentar superar tudo o que aconteceu, mas demorou um pouco. — tomávamos café, e Matt havia abandonado sua costumeira posição defensiva, mas eu ainda precisava ir devagar. — Acho que acabei exagerando...

— Sim, e me fale de uma menina que não faça isso — ele deu de ombros. — Você ainda conversa com Zoey?

— Não, de jeito nenhum.

Sorria com desdém e finja que não está nem aí para ela.

— Ela é mais doida que eu.

— Como assim? — Ele ainda se mantinha um pouco na defensiva, olhando para mim com as sobrancelhas franzidas e as pálpebras semicerradas.

— Ela fala umas coisas, sei lá...

— Tipo o quê?

— Ela diz que vê Jonas cuidando dela, perguntando se ela está bem, mesmo que todo mundo saiba que ele morreu na hora. Já disse a ela que isso é parte da síndrome de TEPT.

Matt não fazia ideia do que isso significava.

— Transtorno de Estresse Pós-Traumático — expliquei. — O cérebro de Zoey apagou, ela não se lembra de nada do que aconteceu.

Ele baixou a guarda novamente.

— Não vamos falar de Zoey — disse, aconchegando-se a mim no sofá de couro. — Darina, estou começando a achar você legal, sabia?

Nessa hora comecei a piscar bastante e dar mais risinhos sem graça, sem dizer nada. No fim das contas, eu merecia o Oscar.

— Você não segue os padrões, e eu gosto disso. Você não é igual a Zoey.

— Pensei que não íamos mais falar dela. — Há menos de doze horas eu estava com Phoenix, no sétimo céu; agora, aqui estava eu com Matt Fortune, tentando não vomitar.

— Tem razão. Zoey já teve a chance dela comigo e não soube aproveitar. — o braço dele estava tranquilamente apoiado no encosto do sofá e sua mão vinha chegando ao meu ombro descoberto. — E por que você se fez de difícil antes?

Escolhi não perder meu tempo falando dessa coisa que se chama lealdade entre amigos.

— Quer saber? — sorri de um jeito afetado. — Eu não levava você a sério, Matt, achava que jamais se interessaria por mim.

Matt Fortune era imune à ironia. Talvez a mãe, quando fora vaciná-lo contra catapora e rubéola, também o tivesse feito tomar uma dose extra contra ironia. E, ainda por cima, a mão dele agora estava definitivamente pousada no meu ombro.

— E eu não queria sofrer, pensei que você e Zoey fossem voltar.

— Ela já era louca naquela época — confessou, chegando mais perto para olhar meu decote inexistente e ficando visivelmente frustrado. — Não que eu não tenha dado a ela a chance de voltarmos.

— Que loucura... Quanto tempo você perdeu com ela?

— Tempo demais, indo à casa dela, falando que Jonas era um idiota.

— É, um idiota...

Não precisa falar muito, não precisa exagerar.

— Talvez ela tenha ficado com ele por causa da moto.

— Ele sempre tentava ser o que não era — falou Matt com desdém, e relaxou apoiando-se no encosto novamente. — E aquela Dyna que ele tinha não chega nem perto da Tourer FLXH, o terror do asfalto; isso sim é moto! Era isso, eu tinha encontrado um último sentimento que sobrevivia solitário naquele coração embrutecido — inveja. E agora poderia usá-lo com segurança.

— Jonas nem combinava com aquela moto, ele não tinha o espírito de motociclista.

— Eu sei! Ele era um amador, se ele e eu tivéssemos apostado corrida, eu teria vencido.

Segurei a respiração.

— E você chegou a fazer isso alguma vez? Chegou a apostar uma corrida com ele? Você ganhou?

— O que você acha? — Matt deu sua resposta esperada. — Você acha que eu admitiria isso a você, mesmo se tivesse feito?

— Tá bom, eu entendo, é ilegal...

Vá enrolando Matt devagar e não arranque a mão nojenta dele que já está quase chegando ao seu pescoço.

— ...Você está falando dessas bobagens como limite de velocidade... Então, vocês apostaram corrida alguma vez ou não?

Os pensamentos estavam descontrolados e se debatiam no cérebro de Matt, fazendo acender uma luz de perigo. O risco estava aumentando.

— Não precisa responder se não quiser — eu disse rindo, mas era tarde demais.

Matt levantou-se tão de repente que seus joelhos bateram na parte de baixo da mesa, derrubando os dois cafés.

— Que tipo de armadilha é essa que está tentando me fazer cair, sua putinha?

Nossa!

A lanchonete inteira escutou. Os clientes mais próximos levantaram da cadeira. A garçonete pegou o telefone.

— Sua puta sem-vergonha! — gritou Matt. Inveja e agora raiva — nada muito atraente. Ele me arrancou do banco e foi me empurrando em direção à porta.

Quanto você apostaria que algum passante se intrometeria para me salvar? Tem razão, guarde seu dinheiro no bolso: ninguém. As pessoas desviaram o olhar e a garçonete deixou de fazer a ligação de emergência.

Estávamos na calçada, Matt ainda gritava comigo e me agredia verbalmente, mas logo começaria a agressão física: ele me empurrou com força contra uma fileira de carrinhos de compras na parte de fora de uma mercearia.

— Sua putinha desgraçada! — o vocabulário de insultos de Matt estava acabando, e ele se repetia e ficou cada vez mais alterado, até chegar ao ponto em que poderia pisar em mim e esmagar meu crânio como se eu fosse um ovo de passarinho — a não ser que eu fugisse.

Assustada com os gritos e a violência, consegui passar pelos carrinhos e sair daquela parte da mercearia, correndo em direção ao meu carro. Atrás de mim dava para ouvir os carrinhos se batendo, e pensei que Matt ficaria preso enquanto eu ia até o carro. Só então me virei e vi Brandon arrancando Matt do meio dos carrinhos e segurando-o pelo pescoço.

—Se você encostar em um fio de cabelo dela, você morre! — gritou Brandon para o mundo inteiro ouvir.

E agora Matt não parecia tão forte, parecia ridículo como uma marionete sendo jogada para lá e para cá pelas mãos de Brandon, esmagado contra o vidro da mercearia e impossibilitado de dizer uma só palavra.

Já estava mais do que na hora de fazer algumas perguntas a mim mesma. *Estou sabendo mesmo lidar com essa situação toda? Será que estraguei tudo e agora jamais conseguirei as respostas para as perguntas de Jonas?*

Meia-noite foi a hora em que perdi a paciência, especialmente depois da última briga que havia tido com Laura duas horas atrás.

— O que aconteceu com a gente, Darina? Éramos tão próximas... Quando foi que tudo desmoronou?

Inferno, estou quase morrendo aqui...

Eu ainda tremia pelo que havia se passado com Matt Fortune, então estava fragilizada, e ela acabou conseguindo me atingir. Chorei muito e pedi desculpas, e Laura também se desculpou. Terminamos abraçadas, prometendo tentar melhorar nossas atitudes. Ela saiu feliz para assistir a uma sessão da meia-noite no cinema. E eu me sentia um lixo.

Darina, você fez tudo errado, disse a mim mesma quando estava no escuro, em meu quarto. Você fez de Matt Fortune um inimigo. Pensou que era mais esperta e mais forte do que de fato é. Você acha que consegue fazer parte de uma turma de mortos-vivos e ficar numa boa, pelo amor de Deus...

Eu já estava me perguntando se não teria sido melhor nunca ter ouvido a porta do celeiro batendo perto de Foxton nem ter me encontrado com Phoenix de novo. Tirei o travesseiro do rosto tentando, inutilmente, evitar esse pensamento idiota. Quando descobri meu rosto, senti que havia mais alguém no quarto.

— Quem está aí? — perguntei baixinho.

As sombras se moviam e não havia nenhum som — apenas a sensação de uma respiração baixa e olhos me observando. Talvez as asas estivessem batendo suavemente, mas não dava para ter certeza.

— Phoenix, é você?

— Você quer que eu vá embora? — perguntou ele.

Podia ouvi-lo, mas não podia vê-lo.

— Agora você consegue ler meus pensamentos?

— Sim — admitiu ele. — Se você quiser que eu vá, posso ir e nunca mais voltar.

— Phoenix Rohr, não seja louco de fazer uma coisa dessas! — pulei da cama e acendi a luz. — Materialize-se ou sei lá como é que se chama isso aí que você faz. Faça agora, já!

Eu estava olhando na direção errada quando ele começou a aparecer. Olhei para a porta e vi o brilho do contorno começando a aparecer: seu rosto claro, o cabelo escuro e, finalmente, os olhos azul-acinzentados que não perdem um detalhe.

— Você preferiria mesmo nunca ter me encontrado de novo? — Foi a primeira pergunta que fez, bastante magoado.

Eu nunca havia visto Phoenix naquele estado — cheio de dúvidas e procurando se controlar até que sua cabeça estivesse tranquila de novo.

— Eu e meus pensamentos idiotas. Estava aqui sozinha no escuro, tão assustada quanto uma criança, só isso.

— Posso entender, se você preferir assim, Darina — disse ele parado ao lado da porta.

— Não, eu só estava me sentindo um lixo, mas não sinto isso de verdade.

Por favor, acredite em mim!

— Darina, você já fez até demais e ainda tem escolha, se quiser se afastar disso tudo agora, ninguém culparia você. Hunter viria agora se eu o chamasse. Ele nos deu a ordem de que somente ele pode apagar sua memória, mas eu poderia chamá-lo e você se esqueceria de tudo.

Agora eu estava com medo de verdade — não aquele medinho de criança no escuro no meio da noite. Meu coração estava acelerado, batendo forte contra meu peito.

— E depois? Como Jonas conseguiria saber do que precisa? Ele só tem até quinta-feira!

— Isso não é problema seu. — finalmente Phoenix veio até mim e segurou minhas mãos. — Se Hunter apagar sua memória, você não vai se sentir mal. E, como já havia dito, não vai esquecer nada do que aconteceu entre nós antes... — gaguejou ele, parecendo tão sério e delicado, as mãos tremendo enquanto seguravam as minhas.

Olhei profundamente em seus olhos.

— Sim, senhor leitor de mentes, o que está lendo agora?

Quero estar com você, não quero deixá-lo jamais. O que você disse a respeito do amor é verdade, é tudo o que vemos e tocamos. Fique comigo.

Aos poucos um sorriso foi surgindo no rosto de Phoenix e uma luz brilhou em seus olhos.

— Eu sei — disse ele.



CAPÍTULO 9

Phoenix e eu ficamos sentados na minha cama por uma eternidade, sem a menor necessidade de dizer nada um ao outro.

— Você já aprendeu como fazer o mundo parar? — perguntei, quebrando o silêncio.

— Por quê? Gostaria que eu aprendesse?

— Claro.

— Mundo estático saindo... — ele sorriu e estalou os dedos.

— Com batatas fritas e sem maionese, por favor. — quase caímos para trás de tanto rir. Quando estávamos abraçados eu me sentia mais protegida, amada e segura que em qualquer outra situação.

— Não contei pra você da última de Brandon, dando uma de valentão, contei? — perguntei a Phoenix, meu rosto encostado ao dele e nós ainda abraçados. — Você chegou a ver o que aconteceu na lanchonete?

Phoenix se soltou de mim e relaxou apoiando as costas na parede e a cabeça no braço.

— Brandon é assim mesmo.

— Foi assim que foi parar no reformatório? — sempre tive curiosidade sobre o assunto, apesar de saber que não se deve perguntar sobre certas coisas — fichas criminais e doenças graves, por exemplo —, se pretendemos ser educados e não intrometidos. Só que, naquela hora, eu quis saber um pouco mais.

Phoenix olhou para o teto do meu quarto.

— É, foi mais ou menos por aí.

— Por causa de uma briga?

— Quando ele ainda estava na escola, passava dos limites toda hora, com minha mãe, com os professores, mas geralmente eram só brincadeiras. Só que quando a escola acabou, ele virou um cara raivoso.

— O que mudou?

Phoenix mudou de posição, colocando as duas mãos atrás da cabeça.

— Brandon cresceu, ou não, dependendo da forma como se vê. Ele sempre foi forte, fisicamente, e sempre teve pavio curto. Dois caras o tiraram do sério por causa de uma menina, mentindo e dizendo que ele era um papa-anjo, que ela era menor de idade e ele caiu na armadilha.

— Uma menina! — fiquei surpresa. — Só vejo Brandon andando com meninos.

— Por isso mesmo — Phoenix deu um meio sorriso. — Hoje em dia, na cabeça dele, meninas são sinônimos de confusão e mexer com elas significa ter de ficar numa instituição para menores infratores durante nove meses. Por outro lado, ele acha que se tiver algum problema com um cara, só vai precisar ser mais forte para garantir que tudo dê certo.

Entendi a situação.

— Sei lá, só tenho certeza de uma coisa: ele vem mantendo a promessa que lhe fez.

— De tomar conta de você — Phoenix voltou-se para o meu lado, apoiando-se sobre o cotovelo, o rosto sobre a mão, olhando para mim. — Preciso que me prometa uma coisa.

— Claro.

— Se você quiser continuar com a gente, não vai mais poder confiar em Matt Fortune. Fique longe dele, tá bom?

— Claro! — nada mais fácil que isso. — Ele é um imbecil — falei por entre os dentes cerrados. — Não tem um pingo de cérebro dentro daquela cabeça. Só teve o suficiente para ver para onde eu o estava levando. Nessa hora, sua consciência pesada entrou em ação e ele perdeu o controle.

Phoenix fechou a cara.

— Você descobriu alguma coisa?

— Não, ele não iria admitir, mas acho que apostou uma corrida com Jonas, talvez para aparecer para Zoey.

Phoenix esperou mais um pouco, olhando para mim como se fosse entrar em meus pensamentos confusos e catalogá-los em ordem alfabética – o que ele talvez fosse capaz de fazer.

— Lancei a ideia da corrida na conversa e talvez tenha achado seu ponto fraco — expliquei. — É por isso que ele nunca mais vai confiar em mim.

— Por causa disso e de Brandon.

— E agora ficamos sem nada — suspirei. — A não ser com as marcas das patas de Matt Fortune que me fizeram ir direto para o banho quando cheguei em casa.

— Que droga — disse Phoenix. Depois ficamos em silêncio, abraçados, até ouvirmos o barulho da maçaneta da porta da sala e Laura entrando com Jim.

Ouvi a tranquilidade na voz deles, além do barulho que faziam preparando alguma coisa para beber na cozinha. Jim disse que café os deixaria acordados, Laura respondeu que ficar acordada não parecia má ideia, e os dois riram de um jeito bem particular.

— Precisamos falar baixo — avisei Phoenix. — Essas paredes são finas demais e dá para ouvir tudo.

— Preciso dizer uma coisa importante para você — falou baixinho e se endireitou na cama balançando as pernas de um lado para o outro.

Sentei-me ao lado dele.

— Hunter pensou em um novo plano.

— Que bom, porque eu não pensei em nada.

Lembrem-se de que, quando Phoenix chegou, eu estava praticamente batendo a minha cabeça contra a parede.

Com as mãos crispadas entre os joelhos, Phoenix ficou pensando concentrado por um bom tempo.

— Talvez seja bom, talvez não — continuou. — Ele não contou nada sobre o novo plano para a gente ainda. Acho que é para não interferirmos até que tudo esteja decidido.

— Nossa, o Hunter é mesmo uma pessoa bem democrática.

— Ele é quem manda. E ele quer se encontrar com você — Phoenix falou inquieto. — Amanhã cedo.

— Pode contar comigo — concordei.

Laura e Jim subiram, então já era hora de Phoenix ir embora. Ele me beijou com vontade, deu um passo para trás e recolheu-se para dentro de si, concentrando-se em seus pensamentos — é difícil explicar como ele faz. Só que eu sabia que, apesar de ainda estar visível, sua cabeça já não estava mais lá. Logo sua imagem foi perdendo o contorno, trêmula, e eu já não conseguia ver os detalhes com aquela espécie de neblina que se formava em torno dele. As asas bateram até ele se dissolver por completo e o quarto ficar vazio de novo.

Não havia como dormir depois disso.

Fiquei deitada, pensando na vida que começava a se manifestar à noite, do lado de fora da janela: esquilos andando no telhado, os galhos de sequoia quebrando. Quando amanheceu, um casalzinho de gaios azuis pousou na grade da varanda lá embaixo.

Eu me vesti sem fazer barulho e esperei Jim levar Laura até a loja — o único jeito de sair de casa sem precisar responder às perguntas de sempre, sem correr o risco de perceberem que eu estava agitada demais essa manhã e sem ter de dar montes de explicações.

De qualquer forma, consegui escapar de carro e pensei que tudo estava bem até chegar ao meio da minha rua e ver Logan saindo de dentro do porta-malas aberto do carro dele.

— Por que tão cedo? — perguntou ele de um jeito animado, como qualquer vizinho faria. Às vezes Logan Lavelle parece ter dezessete anos, outras vezes, setenta.

Precisei frear com força para não atropelá-lo.

— Logan, eu quase passei por cima de você! — gritei.

Agora, não, Logan, por favor!

— Não sabe que hoje é sábado? Não tem aula.

— Engraçadinho! Eu acordei cedo, ué... qual o problema?

— Não tem problema nenhum, pelo contrário — disse ele, limpando as mãos em uma toalha velha e jogando-a de volta no porta-malas. — Preciso de uma carona até cidade para comprar óleo para o motor.

Por dentro, eu rosnava. Hunter, o grande mestre dos Beautiful Dead, havia me convocado e aqui estava eu, envolta em graxa e óleo de motor. Mas era mais fácil falar “sim” para Logan de uma vez que criar uma suspeita com um “não”.

— Entre aí — disse a ele.

— Você fez a lição de Biologia? E sabia que Lucas finalmente decidiu sair com Jordan? — era o antigo Logan, disparando, como uma metralhadora, uma série de frases que não falavam sobre nada de mais. — E você não sabe: Bob Jonson ficou na minha casa até duas da manhã. Achei que ele não fosse embora nunca mais.

— Seu pai e ele ficaram bebendo esse tempo todo? — para chegar até o centro era só uma corridinha e eu nem precisaria sair de meu caminho em direção à Centennial.

— Bebendo praticamente esse tempo todo. Meu pai até que aguenta o tranco, mas Bob, não. Tiveram de chamar um táxi para ele conseguir chegar em casa.

— Isso não é nada bom para ele — falei. Sabia que dava para Logan comprar óleo no posto de gasolina, então estacionei. — Está meio abafado hoje, sem vento — reclamei.

Logan ignorou meu comentário sobre o tempo.

— O coitado do Bob nem conseguia ficar em pé. Ficaram sentados bem debaixo da minha janela, bebendo, falando, bebendo. Sempre sobre Jonas.

— Coitado — concordei.

Preciso ir, Logan, saia do carro!

— E coisas sobre Foxtton — continuou Logan. Foi quando comecei a suspeitar que ele estava tentando disfarçar as razões bem específicas que tinha para começar a puxar esse assunto. Logan olhava para meu rosto com atenção enquanto saltava de uma frase à outra. — Nada fazia muito sentido, mas Bob me convenceu de que conseguiria encontrar Jonas lá em cima na serra de Foxtton. Ele jurou que o viu.

— Quanto ele tinha bebido? — perguntei, já destravando a porta de Logan. Ele não ia conseguir me atrair para a armadilha de jeito nenhum.

A personalidade teimosa de Logan começou a entrar em ação.

— Talvez tenha mesmo alguma coisa verdadeira nessa história. Bob Jonson jurou por sua própria vida.

— Minha psicóloga disse que é comum acontecer isso; acabamos vendo as pessoas que perdemos. Elas aparecem e nós pensamos que estão lá em carne e osso. Às vezes até falamos com elas.

— Psicóloga? — era a primeira vez que Logan ouvia falar nesse assunto, e eu queria mesmo que ficasse chocado, para despistá-lo.

— Sim, foi ideia de Laura, por causa de Phoenix. Quem diria que ela pagaria para que eu fizesse terapia?

— Darina, eu nem imaginava...

— Mas o que importa é que o TEPT faz com que as pessoas imaginem coisas, e é isso que o pai de Jonas está fazendo. O que ele precisa agora não é de álcool, mas de ajuda psicológica.

— Imagine que seja verdade — Logan insistiu, apoiando-se no assento e virando a cabeça para o meu lado. Agora ele estava, sem sombra de dúvida, testando minhas reações. — Imagine que Jonas não esteja mesmo morto.

Eu tremi.

— Logan, ele foi enterrado, que besteira. Fizeram necropsia e tudo!

Ele respirou fundo.

— Então o que você acha que está acontecendo lá em Foxton? Será que não devíamos começar a acreditar em fantasmas?

Fechei os olhos.

— acredite no que quiser, Logan, eu preciso ir embora.

— Para Foxton? — ele sussurrou como se não quisesse que eu ouvisse.

Esmurrei a direção do carro.

— O que você disse?

— Esqueça. É que você vai pra lá o tempo todo, só isso.

— Como você sabe? Por um acaso anda me seguindo?

— Por que você está brava comigo, Darina? Não consigo entender...

— Não estou brava — gritei. — Logan, você vai comprar óleo para o motor do seu carro ou não?

A estratégia dele era continuar se esquivando.

— Desde que Phoenix faleceu, você age como se odiasse todos os homens. Você vive me afastando, apesar da nossa amizade de tantos anos. Você fala coisas para Matt que o deixam descontrolado. Pois é, eu soube disso tudo, também.

— *Eu* disse coisas para Matt? — agora eu *estava* gritando descontrolada. — Quer saber de uma coisa? Esta cidade está me enchendo o saco! Não posso nem respirar que logo vem alguém espalhar fofocas sobre o que ando fazendo. Saia do meu carro, Logan. Agora!

Ele parecia chocado com minhas palavras.

— Darina, por favor, me desculpe. Eu não quis...

Bufei bem alto.

— Você queria dizer o quê, Logan? Deixe que eu diga uma coisinha para você: Matt Fortune *me* atacou, e Brandon Rohr me salvou. Fim de papo.

— Brandon Rohr — Logan começou a seguir por um caminho diferente. Sua expressão começou a tomar contornos de raiva.

— Que diferença faz para você? — gritei. Nesse momento eu mesma pulei por cima dele e fui abrir a porta. — Nenhuma, certo? Saia do carro, Logan. Agora!

Fui até Foxton pronta para outra tempestade. As nuvens sobre o pico Amos estavam tão acinzentadas que dava quase para sentir o cheiro de trovoadas no ar.

— Chuva... agora, não! — eu disse alto, saindo da estrada de Foxton e indo em direção à correnteza forte do riacho ali perto. — Tenho uma

reunião importante com o mestre dos mortos-vivos, então será que daria para dar um tempo com essas tempestades elétricas?

Uma mulher de cabelo grisalho sentada na varanda de uma das cabanas de pescadores observava tudo calmamente enquanto eu passava. Talvez meu carro tivesse sido a única coisa que ela tenha visto a manhã inteira.

Agora eu já estava longe da cidade, levantando a poeira da estrada de terra quando entrava em curvas fechadas. À minha frente, uma confusão de rochas e pedrinhas, espalhadas por entre pinheiros enegrecidos e retorcidos pelo incêndio na mata. A chuva forte começava a dar seus primeiros sinais, batendo no para-brisa. Dois cervos saíram de seu esconderijo no meio dos salgueiros, atravessaram pelo meio da estrada correndo e desapareceram por uma vala na floresta. Continuei, mesmo com o carro batendo e chacoalhando por entre as montanhas.

Preciso de pelo menos dez minutos com Hunter, pedia aos céus. Por favor, não mandem tempestades com trovões e relâmpagos até que ele tenha me contado o novo plano!

O céu parecia me ouvir, porque nesse momento a chuva deu uma trégua.

— Obrigada — sussurrei, saindo da estrada e já pulando para sair do carro.

Logo em seguida, antes mesmo que eu tivesse chegado ao topo da montanha, senti o campo de força em volta da casa *Beautiful Dead* — as asas pulsantes, milhões de almas inquietas, que em outros tempos me enchiam de pavor e agora me deixavam feliz —, enquanto corria o mais rápido que podia em direção à caixa d'água, mas precisei parar para recuperar o fôlego.

Inspirei o ar contemplando o vale, esperando que Phoenix viesse me encontrar e me levar até Hunter, mas vi Iceman, que eu mal conhecia, vindo em seu lugar. Ele dava passadas largas colina acima, ao som de criaturas invisíveis flutuando e pairando no ar, com seu olhar muito sério fixo em mim.

— Hunter já está esperando — disse ele.

Saí da sombra da caixa d'água.

— Como estão as coisas?

— Tudo bem, enquanto a tempestade não começar. Phoenix e Arizona estão de olho lá de cima, do pico Amos, e Hunter está na casa.

Iceman e eu corremos barranco abaixo. Apesar de ser baixinho, ele era bem ágil — e muito mais rápido que eu, por isso parou perto da cerca até que eu o alcançasse.

— Desculpe-me — falei sem fôlego. — Pulmão e pernas... fracos...

— Tudo bem?

— Sim, vamos continuar. — corremos os últimos cem metros até a casa.

Lá, ao lado do antigo caminhão, tive um ataque de nervos repentino enquanto Hunter me esperava dentro da casa. Olhei para Iceman.

— Você não vai entrar comigo?

— Não, Hunter falou para você entrar sozinha.

— E nós sempre obedecemos — tive de reconhecer, pisando no degrau de entrada com o estômago revirado e o coração quase saltando pela boca. Parei, pronta para bater à porta.

— Entre, Darina — Hunter disse antes que desse tempo.

Virei a maçaneta e entrei na cova dos leões.

Hunter estava sentado na cadeira próxima ao fogão, de costas para mim, com seus longos cabelos grisalhos soltos sobre o colarinho da camisa. Lentamente ele virou a cabeça e vi sua dura expressão de perfil, como que esculpida em pedra — as sobrancelhas cerradas, o nariz e o maxilar pronunciados, as maçãs do rosto salientes com a marca mortal borrada e apagada. Parecia não olhar para mim de propósito.

Dei mais uns passos pela sala, na direção dele, e esperei. Observei as camadas de poeira na mesa, as rachaduras dos pratos verdes nas prateleiras: a história de Hunter. Depois de cerca de dois minutos, talvez, ainda sem falar nada, ele se virou para mim. Olhou para o meu rosto como se estivesse analisando um mapa — os contornos, as áreas sombreadas, o formato de meus lábios e a cor de meus olhos.

Eu estava entorpecida por aquele silêncio, engasgada com a poeira de centenas de anos.

— Phoenix disse que você tinha um novo plano — resmunguei para quebrar o silêncio.

Hunter se levantou e ficou parado me olhando de cima.

— Será que você é forte o suficiente? — perguntou.

Fiquei imóvel e sem piscar, apesar de saber que dava para ouvir meu coração batendo forte. Encarei seus olhos sombrios.

— Vamos ver — eu disse com segurança.

— Como você suporta a dor?

Respirei fundo, mas não respondi.

— Você ainda não sabe, por que é muito jovem.

— Mas perdi Phoenix — lembrei-o. — A dor será maior que essa?

— Saia da sombra — ordenou ele. — Fique ali, perto da janela.

Fiz o que ele pediu, imaginando se essa era a sala em que ele havia sido assassinado, todos aqueles anos atrás. Talvez ainda houvesse sangue ressecado no chão. Deixei meu olhar passear por todo o cômodo.

— Não, não foi nessa sala que Mentone atirou em mim. Eu estava lá fora, na varanda — ele me disse num tom alto e claro.

Dei um pulo e fechei os olhos. *Droga!*

— Marie não viu nada, ela estava dentro de casa. E não precisa dizer que sente muito.

— Eu não faria isso — abri meus olhos num suspiro.

— Por que usa o cabelo curto? — perguntou Hunter repentinamente.

A pergunta pessoal me deixou ainda mais alterada que qualquer outra coisa.

— Para ser diferente — respondi.

— Ah, Darina, você é diferente, sem dúvida — comentou ele, sorrindo como se a situação o divertisse e nós estivéssemos voltando à razão pela qual eu estava ali. — Vou correr o risco — decidi. — Assisti à sua cena com Matt Fortune: um pouco desajeitada, às vezes, de acordo com as previsões de Arizona, mas corajosa, de fato.

— Não sei se é o caso, mas agradeço mesmo assim. — As batidas no meu peito diminuía e eu começava a conseguir respirar.

— A pergunta é: Matt é mesmo o cara que estamos procurando?

— Claro que sim! — gritei, esquecendo que devia estar assustada. — Não consigo fazê-lo admitir, mas tenho certeza de que ele está envolvido até o pescoço no acidente de Jonas.

Hunter não reagiu imediatamente, em vez disso, ficou pensando bastante concentrado.

— Matt Fortune é um cara bastante radical — declarou, mais para ele mesmo que para mim. — Uma pessoa difícil de gostar, mas isso não faz dele um assassino.

— Então por que Zoey tem pesadelos com ele? — perguntei. — Por que ele quase entra em surto quando eu o pressiono?

Hunter franziu as sobrancelhas.

— Esse é o risco que estou correndo, confiar na sua certeza sobre o envolvimento de Matt no acidente.

Se minha intuição estivesse errada, esse seria o momento crucial. Senti os olhos de Hunter atravessando meu corpo e procurando por um ponto fraco.

— Se você estiver errada, desperdiçaremos a última chance de Jonas.

Engoli em seco.

— Não estou errada.

— Então eis o plano — começou Hunter.

— Precisamos recriar a situação do acidente.

Ele contou seu plano para mim e depois esperou que Phoenix e Arizona voltassem do pico Amos. Em seguida, chamou Jonas, Summer, Iceman, Eve e Donna para que estivessem presentes na discussão mais importante até agora.

No momento em que Phoenix entrou na casa foi como se o sol tivesse saído do céu. Eu ficava inebriada com sua presença, meu espírito sentia-se confortado quando ele aparecia. E ele também — seu rosto se iluminava quando me via.

— Precisamos que Matt esteja lá, andando de Tourer na estrada, o mais perto da serra de Turkey Shoot que conseguirmos — disse Hunter.

— Isso é fácil — falou Arizona devagar. — Esperamos que ele vá até lá no comboio, na terça-feira.

— Exatamente um ano depois do acidente — Summer completou, ao lado de Jonas, para apoiá-lo. — Então estamos chegando lá.

— E o que Darina terá de fazer até lá? — Phoenix queria saber.

— Não aparecer muito — Hunter o tranquilizou. — Não se preocupe, ela não vai correr mais perigo até terça-feira.

Phoenix segurou minha mão. A minha era pequena, aninhada dentro da dele, grande e larga, nossos dedos entrelaçados.

— E depois? — perguntou ele.

— Depois ela vai catalisar o início da ação. — a voz de Hunter não saiu do tom usual, calmo e autoritário. — Darina sabe o que terá de fazer.

— Farei parte do comboio — disse a Phoenix. — Seguindo com meu carro ou na garupa de uma das motos, ainda não tenho certeza. Nós sairemos da cidade devagar e, quando chegarmos à cruz de neon, no ponto em que a estrada alternativa se bifurca, venho ao lado de Matt e o desafio.

Senti Phoenix apertando minha mão com mais força.

— Desafia? — repetiu ele. Senti que ele estava tentando controlar sua raiva.

— Digo a ele algo que o faça sair de si. Algo que tenha a ver com o acidente de Jonas, para deixá-lo tão fora de controle que tenha de sair do comboio para vir atrás de mim.

— De jeito nenhum! — protestou Phoenix, pensando apenas em me proteger, se esquecendo completamente de todas as regras sobre obedecer ao mestre sem pestanejar, e foi direto a Hunter. — Não vou deixar você fazer isso! É perigoso demais!

Arizona deu meio passo à frente para tentar dissuadi-lo, enquanto Summer cobria a boca com a mão. Jonas e os outros pareciam estupefatos. Hunter inclinou a cabeça para trás, recobrou sua postura e silenciou Phoenix de forma repentina, deixando-o sem força alguma nas pernas até que se curvasse e caísse no chão.

— Alguém tem mais alguma objeção? — perguntou.

Phoenix começou a se arrastar de joelhos e corri até ele.

— Tá tudo certo, eu já combinei com Hunter. Eu *quero* fazer, por Jonas!

— Phoenix concorda com o plano de Hunter, não concorda, Phoenix? — foi Arizona quem colocou as palavras na boca dele e nos tirou daquela situação. — E depois você faz o quê, Darina?

— Levo Matt por uma trilha curta onde Hunter estará esperando por ele e lá ficaremos nós três, Hunter, Matt e eu. — Respirei fundo antes de chegar ao ponto crucial. — E então nós viajaremos no tempo.

— Há exatos doze meses atrás. — Hunter deixou Phoenix indefeso no chão e fixou seu olhar em Jonas. — Na mesma hora e no mesmo lugar.

— Você levará os dois de volta, Matt e Darina? — Jonas quis confirmar. — Eles vão viajar no tempo?

— Teremos de ver para crer.

— Ela já sabe o quanto dói? — interrompeu Summer. Olhares duvidosos atravessavam a sala, trocados entre os presentes. Era a primeira vez que Hunter encontrava tanta resistência.

— Já sei, ele já me disse — insisti. — Essa decisão foi minha. Também sei que faremos isso só nós três: Hunter, Matt e eu.

Quando ouviu isso, Phoenix lutou para ficar em pé, jogando-se de um lado para o outro tentando se levantar. — Quero ir junto — ele falou muito baixo, mesmo com toda a dor que sentia.

— Não, só Hunter, Matt e eu, porque o esforço para sermos transportados de volta no tempo será enorme — continuei, segurando os dois braços de Phoenix para ajudá-lo a se equilibrar. — Quanto mais gente ele levar, mais energia será sugada e sofreremos mais com a dor, vocês sabem disso.

— Darina tem razão — disse Summer com delicadeza. — Você sabe, Phoenix.

Ele abaixou a cabeça assentindo, embora odiasse ceder. Mas sabia que não havia outro jeito.

— Portanto, Darina, o futuro, a eternidade de Jonas está nas suas mãos, na sua total responsabilidade — disse Arizona com sua audácia habitual. — E aí, Jonas? Essa história com certeza faz a gente parar para pensar, não? Tudo na mão de Darina?



Passei a tarde com os *Beautiful Dead*.

Digo isso sem pensar duas vezes, como se fosse normal, algo que tivesse feito a vida inteira.

O céu, agora mais limpo, estava azul bem forte. Alguma coisa um pouco maior que uma pipa — uma águia, talvez — passou por cima de mim e Phoenix enquanto seguíamos Iceman até uma clareira escondida ao lado do riacho, onde um amontoado bem alto de lenha estava empilhado, pronto para os fogareiros que seriam acesos no inverno.

— Esse é o melhor lugar para pescar — Iceman me disse. — Ali naquela rocha que divide o riacho em dois, bem cedinho, logo depois de o sol nascer. É perfeito.

Não resisti e dei um passo entre as pedras e cheguei à rocha, me espreguicei com força e chamei Phoenix para me acompanhar. Ele fez que não com a cabeça. Desde a discussão com Hunter, tinha ficado muito quieto e distante até — uma separação afetiva que me deixava muito triste.

— É maravilhoso! — gritei, parada naquele sol com a água clarinha correndo e borbulhando à minha volta. — Ei, dá pra ver os peixinhos!

Sombras marrons submersas com seus olhos redondos que não piscam, peixes gordinhos e rápidos balançando as nadadeiras. Acabei me deitando na pedra para ver melhor.

Quando olhei para cima, Phoenix estava ao meu lado, e Iceman tinha desaparecido.

— Por que Iceman tem esse nome, o que ele tem a ver com o homem de gelo? — perguntei, com um grande sorriso que dizia “você veio aqui para ficar perto de mim!”.

— Ele escalava montanhas de mais de quatro mil metros. Ia mais alto que o ponto em que começava a nevar — Phoenix me disse.

— Com aqueles equipamentos, estacar de neve, machado e tudo? — escalar uma montanha tão alta coberta de neve não estava entre minhas atividades preferidas, mas eu conhecia alguns escaladores.

— Sim, um dia a corda em que estava preso arrebentou e ele caiu. Nunca encontraram o corpo e é por isso que está aqui conosco.

Senti um arrepio e cheguei mais perto de Phoenix.

— Vamos falar do sol refletindo na água, dos peixes gordinhos esperando para serem pegos. Vamos falar de mim e de você.

— Melhor a gente não falar nada — disse, me beijando.

Calor, sol e amor. Mas só até terça-feira, quando eu teria de dar um salto gigantesco no tempo por causa de Jonas. Só que para trás.



CAPÍTULO 10

Na lista de coisas que me deixam nervosa, essa viagem no tempo estava bem no topo, acima de qualquer outra que já tivesse acontecido da minha vida. Pular de paraquedas poderia ser número três e voar num foguete poderia ser a segunda coisa mais assustadora e, ainda assim, viajar no tempo estava muito distante, em primeiro, porque era muito pior que o resto.

Terça-feira depois da aula: o dia de Jonas.

— Darina, você está péssima — Laura me disse quando fui vê-la na loja depois de sair de Foxton. — Aconteceu alguma coisa séria?

— Não — respondi.

Eu havia passado um tempo precioso com Phoenix ao lado do riacho, como se fôssemos os dois namorados mais normais do mundo: juntos, sorrindo, abraçados e quietos porque não precisávamos dizer mais nada, querendo ser um casal normal e não essa mistura de real e imaginário, de humano e meio humano.

— Assim teria sido a nossa vida — disse, suspirando com a cabeça no ombro de Phoenix. *Se você não tivesse morrido.*

— Mas as coisas aconteceram de outro jeito — ele respondeu.

Depois veio a doce tristeza da despedida, que só teve tristeza sem doçura nenhuma.

— Tenho de levá-la até o carro, agora. — Phoenix havia se levantado do banco e me estendido sua mão.

— Quem falou? — Olhei em volta e não havia mais ninguém ali.

— Hunter — respondeu.

— Hunter! — eu disse na mesma hora. O mestre.

Phoenix levantou o beijo e fez uma careta.

— Ele disse que está na hora da despedida!

Levantei devagar.

— E quando nos veremos de novo?

— Só depois de terça, quando tudo tiver acabado. — ele foi andando na frente ao longo do riacho, olhando para trás de vez em quando para ver se eu estava lá.

Senti novamente uma distância entre nós e corri para alcançá-lo.

— Mas você está querendo dizer que não posso voltar aqui antes de terça?

Phoenix havia parado ao lado de uma pedra alta e lisa cuja superfície de granito era rajada de branco e se encostado com as mãos nos bolsos, olhando para o céu.

— Bom, o negócio é o seguinte: pelo que Summer contou, precisamos descansar. Todas as vezes que algo dessa importância acontece, precisamos ficar tranquilos guardando energia, concentrados e pensando no que teremos de fazer.

— Mas viajar no tempo é tão sério assim? Até para os *Beautiful Dead*? — quis saber com o estômago já revirado, como se estivesse numa montanha-russa.

— É a coisa mais séria, só perde para a viagem do limbo até o mundo dos vivos — admitiu. — Exige muita energia e é por isso que Hunter só usa esse recurso em último caso, a última cartada.

Respirações profundas dos dois. *Fique calma*. Eu estampava um sorriso corajoso para ele.

— E você, o que acha? Que estamos mesmo no fim desse jogo?

Phoenix não respondeu. Em vez disso, me abraçou com toda a sua força, os lábios contra minha cabeça, me balançando pra lá e pra cá, de um jeito delicado e reconfortante.

— Você não bateu o carro novo, bateu? — Laura me perguntava agora, provavelmente por eu estar branca e tremendo.

Estalei a língua como se a pergunta fosse um absurdo.

— Você brigou com Jim? — tentou adivinhar.

— Não mãe; sério mesmo, estou bem. — eu havia saído de Foxton vagando sem rumo até chegar à loja e agora estava começando a achar que tinha sido uma péssima ideia. Além de ter de passar por esse tipo de “Inquisição de Laura”, a galera da escola tinha acabado de parar o carro ali no estacionamento, e entre eles estavam Lucas, Jordan e Matt. Entrei no provador mais próximo, para que eles não me vissem.

Laura não deixou passar.

— Desde quando você brigou com a Jordan? — ela queria saber enquanto olhava pela janela: se intrometendo e chegando às conclusões erradas. — Pensei que fossem amigas.

— Nós somos, não me escondi por causa dela, foi por causa de Matt. — com um drible perfeito e rápido — já estava virando uma profissional nesse quesito, fui logo mudando de assunto e contando minhas razões para tentar manter distância de Matt Fortune. — Ele sempre arrumou problemas entre mim e Zoey, além de ser um completo imbecil.

— Darina! — Laura olhou por toda a loja para ver se não havia nenhum cliente escutando.

— Mas ele é mesmo! Ele fez o maior papelão no café Starlite, no outro dia, gritando e fazendo as maiores grosserias quando eu falei uma coisa de que ele não gostou.

Laura virou bicho.

— Como assim, fazendo as maiores grosserias? O que ele fez? Tentou bater em você?

— Sim, ele me levantou como se eu fosse uma boneca de pano e me arrastou para fora do café com todo mundo olhando. Por sorte, Brandon estava lá.

Laura agora tinha três motivos para virar bicho mesmo. Primeiro, Matt Fortune tinha sido violento comigo. Segundo, ele havia me humilhado publicamente. Terceiro, Brandon Rohr estava envolvido em mais uma história minha. Laura estava desorientada com essas informações todas.

— Quando foi isso, exatamente? Cadê meu telefone? Vou ligar para Jim.

Quando ia começar a me achar esperta por ter despistado Laura, saí da loja e esbarrei em quem? Logan Lavelle, que estava ali parado do lado de fora do shopping com Christian.

Ficou um silêncio esquisito entre mim e Logan, até que Christian começasse a falar do meu carro novo e de sua próxima luta com um peso médio de outra escola, quinta-feira, na Carolina do Norte.

— Dois dias depois da homenagem a Jonas — Christian me lembrou como se eu pudesse esquecer. — Mas meu treinador me deu uma folga para eu poder ir.

— Você e a escola inteira. — Logan havia encontrado um dos professores que tinha dito a ele que todo o corpo docente estava planejando uma aparição, até mesmo o Dr. Valenti. — Todo mundo amava Jonas. Sentimos muito a falta dele.

Minha vontade era levar aquilo adiante: — Então você quer dizer que *nem todo mundo* amava Phoenix? *Nem todo mundo* sente falta dele? — Mas não tinha foras para entrar nessa discussão. Não falei nada, sorri para Christian, desejei boa sorte na luta e fui embora com a desculpa de que tinha uma mensagem para mim no telefone.

A mensagem era de Zoey e dizia: *Indo p/ o shopping c/ minha mãe. T encontro no Starlite em 5 min.*

Não conseguia acreditar. Foi como se eu tivesse dado um salto para trás no tempo e que a Zoey da mensagem era aquela que eu conhecia antes do acidente. Ela estava indo para o shopping no sábado à tarde e queria me encontrar no mesmo lugar de sempre.

Respondi: *T encontro lah.*

E atravessei o estacionamento correndo, ainda a tempo de ver a Sra. Bishop tirar a cadeira de rodas altamente tecnológica do porta-malas e se afastar um pouco, para deixar que Zoey saísse do carro sem precisar de ajuda.

— *Rá!* — disse Zoey quando me viu parada lá de queixo caído. — Viu só?

Ela deu um passo, depois outro e outro, enquanto a Sra. Bishop se mantinha a postos para pular e salvá-la a qualquer momento. Fiquei impressionadíssima.

Com três passos, ela chegou à cadeira, virou-se vagarosamente e sentou-se. Depois olhou para mim e sorriu.

Eu ria e chorava ao mesmo tempo, e abraçava minha amiga. Só depois me lembrei da Sra. Bishop e tentei cumprimentá-la, dizer como estava feliz, como tudo era inacreditável, como estava orgulhosa de Zoey e que não conseguia mesmo acreditar — tudo ao mesmo tempo!

A mãe dela, com os olhos marejados, pegou minha mão e a apertou.

— Temos hora marcada no cabeleireiro e Zoey também quer comprar umas roupas novas!

— Minhas roupas antigas já não estão tão legais — disse Zoey. — Mãe, por que você não vai indo para o cabeleireiro enquanto eu tomo alguma coisa com a Darina?

— É mesmo? — a Sra. Bishop ficou um pouco hesitante, mas não muito. Como eu, ela também queria ter a antiga Zoey de volta. — Tá bom, ótimo, assim vocês duas têm tempo para conversar.

E ela seguiu, esticando o cordão umbilical que a conectava à Zoey convescente até que ele arrebentasse, mas sem deixar de olhar para trás enquanto seguia em direção ao cabeleireiro.

— Olha só! — comemorei suspirando, seguindo o zunido de sua cadeira de rodas em direção ao Starlite, ignorando o fato de que ela estava pálida e magra demais e que sorria só por fora.

— Pois é, que evolução! — comentou Zoey. Assim que desistiu de seu sorriso superficial pude ver a dor em seus olhos. — Fale a verdade, Darina, você acha que tingir o cabelo e comprar umas roupas, resolverão alguma coisa para mim?

— Já é um começo — disse, sentindo meu próprio sorriso ficar mais triste. — Você está andando, Zoey, isso é incrível!

— Prometi a Kim. — Zoey me olhava fixamente, se recusando a perceber as outras pessoas. — Eu disse que viria ao centro da cidade pelo menos uma vez antes da próxima sessão de terapia.

— E você veio.

— Tô aqui — concordou em expressão. — Mas quase morrendo a cada passo que dou.

— As coisas vão melhorar.

— Você acha?

A garçonete trouxe nossas cocas com aquele sorriso que só damos para quem realmente não teve sorte nenhuma na vida.

— Vão comer alguma coisa?

Zoey disse que não.

— Bom, vim até aqui. Pedi para minha mãe me trazer de carro, mas ainda estou meio medrosa, tanto que mandei aquela mensagem para você me encontrar e me dar apoio.

— Que bom que mandou — receosa de tratá-la como uma coitada, eu dizia o mínimo possível, esperando que meus olhos estivessem fazendo o trabalho em meu lugar.

E tudo ia bem. Zoey foi ficando cada vez mais tranquila, contando para mim que sua fisioterapeuta havia passado novos exercícios, quando Matt, Lucas e Jordan entraram.

Que Deus dê a ele a vergonha na cara de não vir até aqui! De verdade, pedi isso a Deus, que não me ouviu. Por uma fração de segundo, Matt parecia atordoado até se aproximar.

— Ei, Zoey, como vão as coisas? — perguntou, arrastando uma cadeira para a nossa mesa, enquanto Lucas e Jordan observavam mais afastados.

— Bem, obrigada. — Zoey quase bufou, mas sem abrir a boca. Ela tentou sorrir para os outros dois, mas não conseguiu.

— Estou chocada. Não me leva a mal, Zoey, você está ótima, mais jamais pensei que a encontraria aqui.

Fiquei imaginando se ele não estava nos provocando só para ver se conseguia se vingar de mim, uma atitude típica de Matt Fortune. Ou talvez ele tivesse uma razão ainda mais forte, diretamente ligada a Zoey.

— Ei, pessoal, venham aqui cumprimentar! — disse, chamando Lucas e Jordan. — Estava falando pra Zoey que nós não esperávamos encontrar com ela aqui tão cedo.

Enquanto se aproximavam, eu continuava olhando para Zoey, vi que ela estava tremendo e fez um sinal com a cabeça para checar se ela não queria ir embora. Ela meneou a cabeça discretamente para dizer que sim.

— Ei, Jordan e Lucas, é uma pena, mas precisamos encontrar a sra. Bishop no cabeleireiro — me desculpei, levantando da cadeira e me arrepiando com o barulho. Abri espaço para que Zoey pudesse passar.

— Então, Zo, você está ótima — Matt fez o maior estardalhaço para liberar espaço para ela. — Então, agora que você está melhor, talvez seja legal aparecer lá na terça.

Queria que um buraco se abrisse no chão e nos engolisse. Olhei firme para os olhos rajados estranhos de Matt e quis matá-lo.

— Terça? — perguntou Zoey com a voz muito fraca. Ela, obviamente, não sabia de nada.

— O comboio em homenagem a Jonas — explicou. — Vai fazer um ano na quinta, isso você deve saber.

Zoey foi direto para o carro.

— Abra a porta — implorou ela. — Darina, por favor, abra.

— Mas eu não tenho a chave! — comecei a ficar enjoada e a procurar pela Sra. Bishop desesperadamente. Matt ainda estava no café com Lucas, enquanto Jordan corria na calçada, provavelmente procurando pela mãe de Zoey.

Zoey foi para frente em sua cadeira.

— Por que ninguém me avisou? Darina, há quanto tempo você está sabendo dessa homenagem?

— Não muito, foi Matt quem planejou e todo mundo foi atrás dele.

— Por quê? Não faz o menor sentido.

— Em memória de Jonas, é isso que ele diz. Se tivesse vindo de qualquer outra pessoa, seria legal. — eu me agachei ao lado de Zoey e me apoiei no braço de sua cadeira.

— Mas não de Matt — disse ela soluçando. — Matt não gostava dele; odiava Jonas, na verdade!

— Eu sei.

— Quando vejo o rosto dele em meus pesadelos, sinto o ódio, o rosto dele está sempre cheio de ódio, nos olhos, no jeito como a boca dele fica torta com um sorriso falso. É isso que não consigo suportar!

— Nem eu. — tudo que eu podia fazer era abraçar Zoey e segurar sua mão enquanto ela chorava.

— Por que ele faz isso? Por que não me deixa em paz?

— Acho que ele tem medo — sussurrei, e foi a primeira vez que isso saiu da minha boca. Nem para mim mesma havia admitido antes. — Debaixo de todo esse ódio, ele tem medo do que você sabe.

Zoey olha para cima. Por um microssegundo pensei que ela havia se lembrado, mas logo tudo se perdeu.

— Darina, sabe a sensação de coração partido? Sabe aquele exato momento em que uma coisa terrível acontece?

Assenti com a cabeça.

Os olhos dela estavam inchados, sua aparência era trágica, a boca, deformada. Zoey havia entrado num estado em que não era mais possível ajudá-la.

— Perdi Jonas e foi assim, meu coração se partiu. Do mesmo jeito que aconteceu com você e Phoenix.

Cobri minha boca com a mão, mas o soluço escapou apressado e quente por entre meus dedos.

— E você sabe qual a pior coisa, a pior de todas? — Zoey me esperou responder por que eu também sabia.

— Não ter tido a chance de se despedir — concluí.

A Sra. Bishop veio correndo para colocar a filha no carro.

— Confiei em você para tomar conta de Zoey — ela me repreendeu, amarga.

Vi o carro partindo do shopping, me afastei de Jordan quando ela começou a se desculpar por Matt, que não devia ter contado tudo daquele

jeito, tão de repente, e como ele não sabia lidar com as pessoas e que os homens todos eram assim mesmo.

— Ele não planejou fazer nada disso — gritou ela de longe.

— Você não faz ideia dos planos de Matt — retruquei gritando.

Meu coração estava disparado, e eu completamente entregue ao desgosto. *Zoey não precisava saber dessa homenagem!*, dizia a mim mesma enquanto tirava o carro do estacionamento. *E precisava menos ainda ficar sabendo por Matt...* A notícia havia destroçado os poucos caminhos que ela ainda conseguia enxergar em sua vida sem Jonas, como se uma mina terrestre tivesse explodido sob seus pés. E ele não teve a menor delicadeza ao contar, falou de qualquer jeito, pensando apenas nele, como se dissesse: “Sou o grande líder dessa homenagem com minha roupa de couro e minha Tourer, vocês que me sigam”.

Zoey havia quase morrido naquele acidente e ainda perdera Jonas.

Saí correndo com o carro àquela hora do pôr do sol que se aproximava. Ao chegar à serra de Turkey Shoot, virei à esquerda no exato momento em que a luz azulada da cruz de neon se acendeu.

Como sempre, o campo de força na serra de Foxton me atingiu em cheio quando saí do carro em direção à Pedra do Anjo. As montanhas já estavam negras contra o céu arroxeadado, e milhões de asas me golpeavam, tiravam meu fôlego e faziam meu coração acelerar cada vez mais, mas eu não ligava porque conseguia passar por qualquer coisa, sabendo o que me esperava do outro lado. *Sou eu, Darina, sei que não deveria estar aqui, mas, por favor, preciso passar!*

Mas as asas estavam batendo muito forte, como uma tempestade sobre minha cabeça, quase me obrigando a voltar. Tropecei e escorreguei numa pedra em declive e fui parar no meio dos espinheiros, e os espinhos rasgaram minha pele enquanto eu tentava sair. Depois sentei com as mãos em volta dos joelhos, curvada ao lado da montanha, esperando que as asas parassem. Infinitas almas perdidas, uma tempestade de asas batendo me comprimiam, e comecei a chorar por elas, por seu sofrimento, desesperado e terrível. Entre as lágrimas, vi as caveiras assustadoras, muitas delas à minha volta, aparecendo do meio das sombras, correndo em minha direção como

se pudessem enxergar, ainda que sem os olhos, enquanto sorriam pavorosamente para mim. Elas chegavam cada vez mais perto e me levavam para o nada que existia atrás de suas cabeças depois de me atravessarem.

— Hunter! — gritei para o mestre poderoso dos *Beautiful Dead*, quando estava prestes a sucumbir e a ponto de esquecer a razão para estar ali e quem tinha vindo ver. Eu gritava o único nome que existia em minha cabeça naquele momento.

Um vulto muito alto apareceu próximo à Pedra do Anjo e veio em minha direção como se tivesse luz própria, como a cruz de neon na colina, parcialmente iluminado.

— Hunter — recuperei o fôlego. — Peça para que parem com isso...

Ele caminhou pela tempestade de asas, e seu cabelo esvoaçava enquanto atravessava a pedra lisa em que eu havia escorregado e caído. Quando finalmente me encontrou e me esticou sua mão, as caveiras desapareceram.

— Levante-se — disse ele. Assim que fiquei em pé ele soltou minha mão e me lançou um de seus olhares mais gélidos, a fim de descobrir a razão para eu estar ali. Vagarosamente, fez um sinal de reprovação com a cabeça.

— Mas me deixe explicar! — reuni minhas últimas forças para sustentar meu olhar fixo, apesar das asas batendo à nossa volta. — Você sabe quanto eu gostaria de ajudar Jonas e os outros, já provei isso a você. Mas você não pode fingir que Zoey não existe, e ela está sofrendo demais.

— Isso não diz respeito a mim — respondeu Hunter. — Você me desobedeceu, Darina. Phoenix disse a você para que ficasse longe daqui até quinta e você sabe por quê.

— Sei, mas acabei de me encontrar com Zoey, você sabe disso também, não sabe? Ela estava dando passos importantes para se recuperar. Ter ido até o shopping foi muito difícil para ela, demorou um ano inteiro para que conseguisse, e Matt destruiu tudo.

— Ela é jovem, vai se recuperar. — Hunter continuava me encarando, à procura de algo que eu não compreendia. E já não parecia tão bravo.

— Não vai conseguir. Não enquanto não se despedir de Jonas.

Combinado. Hunter permitiu que Jonas fizesse uma visita a Zoey e não me deixou agradecer. Disse apenas que não estava fazendo isso porque era bonzinho, mas porque eu estava me arriscando muito por causa dos *Beautiful Dead* e merecia alguma recompensa.

— Quando sair daqui, vá direto à casa de Zoey. Jonas chegará logo em seguida — instruiu Hunter.

— Obrigada — disse mesmo assim. — Ela vai falar com Jonas, mas depois ele vai apagar a memória dela e ela não vai se lembrar de nada, certo?

Hunter concordou.

— Mas ela vai sentir dor e é por isso que você precisa estar lá.

A dor — tinha me esquecido disso completamente — e agora estava tremendo de medo. Depois lembrei que Bob Jonson e os outros vigilantes tinham passado pelo mesmo processo e ainda estavam por aí, são e salvos. Mas, ao mesmo tempo, eles eram homens fortes e Zoey era uma menina que já tinha sofrido demais...

— Pensou que fosse simples — disse Hunter com um esboço de sorriso. — Mas nada é tão simples assim.

Voltei e encontrei Zoey no estábulo com seus dois cavalos. O jardim estava iluminado com aquelas luzes que se acendem por sensores de movimento. Ela na cadeira de rodas, próxima à baia de Pepper.

— Pode entrar e procurá-la — disse a Sra. Bishop quando toquei a campainha. — Não queria ter gritado com você, hoje, Darina. Zoey me disse o que aconteceu com Matt e também falou da homenagem. Ela ficou tão traumatizada com tudo isso que nem eu saberia como lhe explicar.

— Ficar sabendo trouxe tudo de volta... — eu disse. — O acidente, ter perdido Jonas. Tudo.

— Meu marido foi falar com o Dr. Valenti para dizer que a cerimônia é inadequada, com as motos e do jeito que pretendem fazer. Ele quer ver se o pessoal da escola consegue impedir que aconteça, se possível.

Segui pelo corredor até chegar ao quarto de Zoey e, como a não a encontrei, fui para o jardim ao cruzar uma imensa porta de vidro. Ela olhou para mim, virou-se para o outro lado, fazendo um sinal negativo com a cabeça. Ela não queria que ninguém entrasse em seu mundo, a não ser a única pessoa que ela não poderia ter.

Esperei.

O som das asas batendo começou devagar, mas suficiente para deixar Merlin e Pepper em estado de alerta. Embora não tenham se assustado, esticaram a cabeça para fora de suas baias. Zoey nem percebeu. Num canto escuro do jardim um vulto começou a se delinear. A luz de segurança não se acendeu.

O vulto, transparente de início, emitia um leve brilho vermelho e amarelo nas bordas, com efeito da luz entrando nas bordas de um rolo de filme fotográfico. Zoey então sentiu que havia alguém ali perto e olhou, com os olhos arregalados, enormes e brilhantes, na direção da figura que surgia. Jonas apareceu. Ele não se moveu nem disse nada até que ela o reconhecesse. Ele, então, sorriu.

Os olhos de Zoey se abriam cada vez mais, e ela se inclinou para frente. Olhou uma, duas vezes para confirmar se era mesmo Jonas quem estava lá.

— Ei... — disse ele respirando profundamente e dando um passo em direção a ela. Em seu rosto era possível captar todo tipo de sensação: choque ao ver como ela estava debilitada; tristeza por tê-la perdido, mas, mais do que tudo isso, um amor impossível de esquecer.

— Jonas — ela sussurrou o nome dele, agarrando-se nos braços da cadeira e levantando-se devagar até ficar em pé, um pouco instável, ao lado da baia de Pepper. Seu rosto estava transformado. Um milagre acontecia à sua frente. — Você voltou.

Jonas correu na direção de Zoey e a pegou no colo. Ela enlaçou o pescoço dele, chorando, soluçando e rindo ao mesmo tempo, com a cabeça em seu ombro enquanto ele a abraçava com força.

— Pode me colocar no chão, sou muito pesada — disse ela depois do abraço muito longo.

— Você é leve como uma pena — ele sorriu, colocando-a de volta no chão e acariciando seu cabelo. — Você precisa comer.

Zoey tocou os lábios dele com os dedos e logo viu a tatuagem pequenina de asas de anjo em seu pescoço.

— Você não tinha essa tatuagem antes...

Ele apenas concordou. Havia muito a explicar — coisas de que ela nunca iria se lembrar, por isso ficaram apenas abraçados.

— Você me deixou aqui tão sozinha... — lamentou ela, com os lábios apertados contra o rosto dele. — Onde você estava?

Ele estava agoniado, queria apenas poder beijá-la. Queria que ela não falasse nada.

— Eu bati a moto — lembrou-a. — Queria tanto que me desculpasse. Eu amava você mais que minha própria vida.

— O que você disse?

— Disse que amava... mas quis dizer que amo, amo você mais do que tudo e jamais amarei outra pessoa.

— Eu também amo você.

— Você se lembra daquele dia no lado Hartmaan?

— Aquela água gelada... você segurou minha mão e disse que me amava.

— E um pé do seu sapato caiu na água.

— E você conseguiu pescá-lo de volta — Zoey sorriu. Seus lábios tremiam e ela guardava cada detalhe em sua memória como se guardasse um diamante — até mesmo o modo como os juncos se separaram e como o sapato flutuou como uma canoa. — E agora estou abraçando você, consigo ver seus olhos azuis, sentir sua boca macia.

— Você precisa comer — implorou ele. — Senão vai desaparecer.

— Vou comer.

— Promete?

— Prometo.

— Aprenda a andar de novo.

— Olha só — disse ela se soltando de Jonas apenas para dar dois passos e logo retornar para os braços dele. Ela sorria como se estivesse atravessando o Grand Canyon numa corda bamba.

— Seja forte. — Jonas segurou-a com força novamente. Por cima de seu ombro ele me viu ali parada, no canto do jardim. — Mesmo que não me veja mais, nem ouça a minha voz, seja forte.

Por muito tempo, Zoey permaneceu imóvel, mas aos poucos ela começou a se soltar de Jonas até ficar completamente em pé olhando para ele.

— Quer dizer que você vai embora de novo?

— Eu preciso, não tenho escolha. Amo você, Zoey.

— Mas você não vai voltar?

— Amo você. — Não havia mais nada que pudesse dizer. Nem que pudesse fazer.

A boca de Zoey se movia para repetir as mesmas duas palavras, tão baixo que Jonas nem pôde ouvir. Ela então sussurrou: “Adeus”.

Jonas saiu do jardim como todos os Beautiful Dead fazem — num instante tão presente quanto qualquer pessoa viva; no outro, brilhando e desaparecendo como um feixe de luz.

Zoey fechou os olhos e eu a ajudei a voltar à cadeira, segurando sua mão. Seu corpo começou a ficar muito frio, e ela começou a tremer como se tivesse sido retirada de um lago congelado. Seu rosto tingiu-se de uma palidez mortal.

— Vai ficar tudo bem — eu disse.

A cabeça de Zoey pendeu para trás na cadeira, revelando seu pescoço longo, fino e delicado como o de um passarinho. Seus olhos se fecharam, cobertos por pálpebras estampadas com profundas veias azuis.

— Espere um pouco — implorei, apavorada com sua respiração muito curta e superficial. — Isso tudo logo vai acabar.

Zoey arqueou as costas e segurou minha mão, ainda tremendo, mas começando a focalizar o entorno. Depois virou a cabeça na minha direção e falou meu nome.

— Darina?

— Sim, sou eu. Espere um pouco.

— Estou ouvindo barulho de asas — disse ela com a voz muito fraca. — Estão aqui em volta da gente, e minha cabeça está doendo. Onde estou? O que aconteceu?

Como havia jurado que não poderia explicar, esperei em silêncio.

— Inacreditável... Nunca ouvi tantas asas assim, um bando enorme de pássaros, mas não os vi. — Zoey respirou fundo e passou a língua nos lábios. — Eu vi Jonas.

Esperei novamente.

— Em um sonho... mas foi mais que um sonho normal, foi uma visão. Jonas, do jeitinho que era.

Eu assistia a tudo ansiosa, acariciando seu braço.

— Estávamos tão felizes, inacreditavelmente felizes e depois nos despedimos. E agora me sinto completamente diferente, não sinto mais aquele peso. Não consigo explicar.

— Nem precisa — disse a ela.

— Não tenho mais medo — confessou. — Sei que Jonas foi embora e não vai mais voltar. Senti dor, mas, de alguma maneira, sei que não estou mais sozinha. — Seu rosto retomou a cor, e sua respiração voltou ao ritmo normal.

Meu rosto estava coberto de lágrimas de felicidade.

— Não ouço mais as asas... pararam. — Zoey observou lentamente todo o quintal, acordando da espécie de anestesia que havia tomado. — Foi tão incrível!

— Estou tão feliz por você... — era fácil explicar o que havia acontecido a Zoey: um grande alívio, como se um fardo tivesse sido retirado de suas costas.

— Posso ter minha vida de volta — respirou aliviada.

Coloquei minha mão no bolso e, aos poucos, tirei a fivela prateada de Jonas e entreguei a ela.

Ela tomou a lembrança em suas mãos e, então, com o olhar maravilhado, levou-a até os lábios e a beijou.



CAPÍTULO 11

Depois disso tudo eu precisava cuidar das coisas normais do dia a dia e continuar minha vida. Laura disse a Jim o que Matt havia feito comigo no café Starlite, e lá foi Jim conversar com Charlie Fortune — a única pessoa da família que Matt tinha em Ellerton. Charlie prometeu a ele que Matt não faria isso novamente.

Agradei, sim, mas de um jeito bastante irônico. Primeiro, porque sei tomar conta de mim e, segundo, porque sua estratégia não funcionaria. Na verdade, era quase certo que a atitude de Jim fizesse com que Matt agisse ainda pior comigo.

No domingo todos ficaram sabendo que o Sr. Bishop havia conversado com o Dr. Valenti para tentar impedir a homenagem de quinta, mas, no fim das contas, o diretor não tinha poder nenhum para além dos portões da escola. “O que os alunos fazem em sua vida pessoal é problema deles” foi o recado. E ele havia sugerido ao pai de Zoey que falasse com o delegado para confirmar a situação do trânsito, a fim de checar se o comboio de Matt não era ilegal ou irregular, o que já mostra a limitação da imaginação de Il Dulce, mas nada disso foi útil aos Bishop.

Ah, e também havia Logan.

Ele veio até minha casa na tarde de domingo sem aquele comportamento estranho que andava tendo ultimamente, e mais parecido com o bom e velho Logan. Sentamos na varanda como costumávamos fazer quando éramos mais novos.

— Você não vai perguntar se fiz a lição? — brinquei. — Nem checar o nível do óleo do meu carro?

— Tá, já sei que sou um chato — disse ele esticando as pernas e recostando-se no balanço que rangeu. — É difícil conviver comigo, não é?

— Acho que nos atrapalhamos um pouco ultimamente — concordei, feliz com a distância que ele resolveu manter. Eu tinha dormido até tarde e ficado dentro de casa tentando me recuperar do dia anterior, por isso não estava nem usando rímel, vestida de qualquer jeito, com uma calça jeans velha e uma camiseta.

Logan ficou se balançando, e o rangido continuou.

— E você não vai mais me dizer que pretende me esperar até que eu esteja pronta para me apaixonar por você? — eu o desafiei. *Vamos deixar isso claro, Logan, de uma vez por todas!*

Ele parou de balançar e olhou para mim.

— Você não se importa mesmo com os meus sentimentos, não é?

— Claro que sim! — era a hora da verdade. — De jeito nenhum magoaria você, mas não me cerque como estava fazendo ultimamente. Não é assim com a gente, somos amigos. Eu, pelo menos, acho que somos!

— Amigos — concordou ele, dando um jeito de resumir em uma palavra um universo inteiro de decepção e desilusão.

— Olha, não fale como se fosse pouco. Fico muito feliz por ser sua amiga, se você quiser.

— Então quer dizer que vai vir falar comigo se estiver com algum problema? — perguntou ele.

— Às vezes, sim.

— Não sempre?

— Não, algumas coisas são particulares e gosto que sejam desse jeito — respondi.

— E eu ainda posso contar as coisas para você?

— Sempre.

A objetividade de Logan para estabelecer nossos limites me fez sorrir.

— O que foi? — perguntei a ele.

Logan começou a se balançar de novo.

— É tão fácil assim saber o que estou pensando?

— Como se você fosse um livro aberto.

— Vou lhe contar... Tive de sair de casa porque Bob Jonson chegou para beber com meu pai de novo, e eu não gosto de ver como eles ficam.

— Não, é péssimo.

— Ele precisa ficar sóbrio até terça, e não acho que vai conseguir; não se meu pai já trouxe as bebidas, como costuma fazer, e não se importar em ver Bob se acabando até virar um completo imbecil.

Alguma coisa me chamou a atenção a respeito de Logan e depois pensei que poderia ter percebido isso antes, só que não temos o hábito de observar atentamente quando estamos muito próximos de alguém: Logan havia se tornado o responsável, como se o pai fosse filho dele — os papéis estavam completamente invertidos. Agora ele ainda precisava se preocupar com Bob Jonson.

— Você não tem culpa — disse baixinho.

— E o problema não é só o monte de cerveja e o uísque, sem gelo, que tomam — continuou Logan. — Já sei tudo o que vai acontecer com o aniversário da morte de Jonas e tal, que já seria difícil para Bob sem a homenagem... mas isso pode levá-lo muito além dos limites.

Sentei mais à frente na cadeira.

— Pensei que você estava apoiando a homenagem que Matt inventou. Pensei que todos estivessem de acordo.

— Não tenho certeza, Darina. Eu ficaria mais tranquilo se outra pessoa liderasse. Fica parecendo... meio perigoso, sabe? Como uma bomba prestes a explodir. Você não acha?

— Acho, mas pode explicar melhor?

— Matt é um cara descontrolado e nunca organizou nada desse tipo antes. Serão dezenas de motos, talvez quase cem, e a situação em si é muito delicada, mas Valenti está apoiando, você soube?

— O que ele disse, na verdade, foi que não tinha como impedir. — era esquisito concordar com tudo o que Logan dizia e ainda assim querer — mais do que isso, precisar — que a homenagem póstuma a Jonas acontecesse. Eu estava completamente dividida.

— Tá, então não há nada que eu possa fazer a não ser estar lá em uma das motos de Charlie.

— Todos nós temos de estar lá — insisti. E eu já havia decidido onde queria estar na terça-feira. — Posso ir na sua garupa? — perguntei. — Bem na frente, ao lado de Bob e Matt.

Voltei à rotina cotidiana. Aula na segunda-feira, conversas com Jordan e Hannah, Matt pendurado no telefone para acertar detalhes da homenagem, conversando com o irmão sobre o número de motos que seriam emprestadas.

No meio disso tudo ele me encurralou.

— Ei, garotinha do papai!

Estávamos no intervalo entre uma aula e outra, na escada com vista para o pico Amos, e não havia mais ninguém por perto.

— Matt, você pode me deixar em paz?

— Ah... mas a garotinha do papai precisa ser protegida do Matt malvado?

Ele sabia que Jim não era meu pai, estava apenas tentando piorar a situação. Tentei sair, mas ele me empurrou de novo contra o corrimão da escada.

— Você sabe o que eu disse a Jim quando veio me visitar? Disse a ele que deveria estar brincando e que de jeito nenhum eu perderia meu tempo provocando sua enteada, a srta. Esquisita. Ela não faz meu tipo, disse. De qualquer forma, você tem olhado para ela ultimamente? Desde que Phoenix morreu ela anda bem relaxada nos cuidados pessoais.

Minha cabeça estava rodando e fiquei enjoada. Queria que ele saísse da minha frente.

— Ei, Matt, Charlie já encontrou uma moto para mim? — Christian perguntou lá de baixo, dos primeiros degraus da escada.

Matt lançou um último olhar de desdém e desceu correndo, dois degraus de cada vez, para ir falar com ele.

Fui para a aula terça-feira sem ter dormido a noite toda. O estacionamento da escola estava completamente cromado, metalizado, brilhante. As meninas começaram a competir para ver quem tinha comprado as maiores e mais bonitas rosas vermelhas, para representar o amor. As flores foram deixadas nos degraus do lado de fora da entrada principal, prontas para serem levadas para a homenagem.

Ao meio-dia recebi uma mensagem de Zoey.

Tô usando a fivela do cinto de J. e pensando em vcs.

Na hora do almoço, Logan sentou-se perto de mim e ficamos em silêncio.

Para mim, nada daquilo fazia sentido — as motos, as rosas e muito menos o fato de irmos nos reunir próximo as montanhas. Tudo o que eu sabia é que era a última chance de Jonas e eu não poderia estragar tudo de jeito nenhum.

— A chance de chover antes do pôr do sol é de cinquenta por cento — Logan me disse enquanto eu subia na garupa da moto emprestada. Seguimos

fileiras de Harleys, Kawasakis e Suzukis saindo da escola em direção ao centro da cidade.

— Que droga... — acabei falando baixinho, não porque meu cabelo ia ficar uma bagunça se chovesse, mas porque se começasse a trovejar, e a chuva virasse uma tempestade elétrica, os Beautiful Dead teriam de sair correndo de lá.

— Por que essa ansiedade toda? — Logan podia sentir que eu estava tremendo quando coloquei os braços em volta da cintura dele. — Você não está com medo só porque vou dirigir essa moto aqui, né?

— Não, Logan, eu coloco minha mão no fogo por você — respondi. De qualquer maneira, estava tudo bem, íamos a trinta quilômetros por hora, no meio de várias outras motos. Fazíamos parte de um grande grupo.

Logan olhou em volta, procurando por Matt.

— Ele disse que Charlie, Brandon e os outros caras mais velhos iam nos encontrar no shopping, uns vinte ao todo. Mais nós da escola, que estamos em trinta e cinco. Sabe-se lá quantos mais dentro dos carros.

— Matt está aí. — Lá no fundo, de onde estávamos, eu o vi sentado bem atrás no bando da moto com os braços esticados, e as franjas da jaqueta de couro esvoaçavam enquanto ele acenava para quem encontrava.

Ele gritava instruções mais alto que o barulho dos motores.

— A ordem dos motoqueiros é a seguinte: Tommy, você vai com Lucas. Logan e Christian, vocês ficam atrás deles. Não colem na moto da frente nem ultrapassem.

Paramos no farol vermelho, e Logan teve tempo de se virar para trás e conversar comigo.

— Você está bem? Tem certeza de que quer ir?

— A cada segundo fica mais insuportável, mas quero continuar, sim.

O semáforo abriu, e nós atravessamos a estrada para entrar no shopping, quando começaram lentamente a cair enormes gotas de chuva. Matt chegou na frente e parou ao lado de seu irmão, que era quem estava montado na Tourer, esperando sua própria turma de amigos chegar para que o evento começasse.

Logan e eu íamos ladeando o estacionamento, procurando manter a posição atrás de Tommy e Lucas, que levava Jordan na garupa.

— Esses caras são barra-pesada — disse ela baixinho.

Entre o grupo de amigos de Brandon ninguém usava jaquetas de couro novinhas com franjas nem calças jeans limpinhas. Ao contrário, as jaquetas eram surradas, velhas, cheias de tachinhas e zíperes. Alguns tinham barba e cabelo comprido e pareciam já ter nascido em cima de uma Harley com as bandeirinhas hasteadas.

Brandon me viu na moto de Logan e desviou o olhar rapidamente, como se nunca tivesse me salvado do afogamento nem me dado um carro, como se nem me conhecesse.

— Não vi Bob Jonson — disse a Logan, tentando disfarçar a sensação esquisita que tive quando Brandon me viu. — Talvez ele não tenha conseguido vir.

— Não me surpreende. — ele foi contornando as motos paradas para estacionar ao lado de Christian. — Na última vez que vi Bob, no domingo à noite, ele estava completamente fora de si.

— E, mais uma vez, não há surpresas — Christian colaborou. — O cara não fica sóbrio há mais de um mês. Agora estão dizendo que a mãe de Jonas foi embora de casa para sempre.

Ainda sentada na garupa e me segurando em Logan, fiz um sinal de reprovação com a cabeça.

— Espero mesmo que Bob não apareça hoje.

Eu sabia que aquela não era a situação ideal para passar o primeiro aniversário de morte de um filho, ainda que a pessoa estivesse bem, sóbria e

num casamento feliz, o que não era o caso de Bob. O barulho do motor de cinquenta motos soava ao fundo sem parar. Os motoqueiros aguardavam, acelerando e olhando para frente sem conversar. Enquanto isso, a chuva caía cada vez mais forte.

— Ele tem menos de cinco minutos para chegar — Logan olhou para o relógio e depois ficou um bom tempo olhando a multidão que havia se aglomerado na entrada do shopping. Ele conseguia ver as pessoas próximas à entrada e bateu na minha perna. — Zoey está aqui com a mãe dela!

Foi como se alguém tivesse me acertado um golpe com um taco de beisebol, de tão chocada que fiquei.

— Não era para ela estar aqui! — falei toda atrapalhada, pulando da moto sem pensar e correndo para conversar com Zoey.

— O que você está fazendo? Você já não passou por coisas demais? — Eu precisava me preocupar, Zoey estava em pé. Estava muito estilosa e usava a fivela do cinto de Jonas. Estava linda.

— No fim das contas, tive vontade de estar aqui — ela me disse. — Não pretendo seguir o comboio, só queria ver vocês saindo.

— Tem tanta gente aqui — comentou, triste, a Sra. Bishop.

— Todo mundo amava Jonas — disse Zoey calmamente. Ela me deu uma única rosa vermelha e me pediu que prendesse à minha roupa. — É para ele. Deixe-a no lugar do acidente, por mim.

Matt falava com Charlie e Brandon, todos olhavam para o relógio e tentavam imaginar o que fazer quando Bob Jonson finalmente aparecesse.

Ele estava em sua Dyna — não cambaleava nem balançava —, indo bem na direção do grupo: sem capacete, o rosto bem barbeado, vestindo uma camiseta branca e sem casaco, apesar da chuva. Qualquer pessoa que não tivesse uma visão perfeita poderia confundi-lo com Jonas. O burburinho começou: “O coitado conseguiu chegar, então”, “Conseguiu ficar bem para a homenagem”.

Bob apareceu ao lado de Matt sem dizer uma única palavra, olhando sempre para a frente.

— Vamos.

Matt levantou a mão direita e apontou na direção das montanhas.

Os motores roncavam, as bandeirinhas voavam, e a homenagem metálica, enfim, começou. Saímos da cidade em baixa velocidade, dando tempo para que os carros seguissem as motos e os pedestres entendessem o que acontecia e também pudessem prestar sua homenagem.

Devia ser uma coisa impressionante de se olhar — as motos, a galera, as flores vermelhas na chuva. Vi Laura na porta da loja onde trabalha e, logo em seguida, o Dr. Valenti com alguns dos professores reunidos perto do posto de gasolina, mas eu não conseguia ver a maioria dos rostos, como se fossem borrões.

Logo chegamos à Centennial com aquelas cercas e gramados bem aparados: outro borrão. Eu só olhava para Matt Fortune, que ia na frente de todos, inspecionando a velocidade com que andávamos e calculando quanto tempo demoraríamos para chegar a Turkey Shoot. Em seguida, chegamos à estrada, subindo em direção às montanhas debaixo do céu escuro e ameaçador.

Eu me inclinei para frente, tão perto de Logan quanto era possível.

— Não importa o que aconteça aqui, mas gostaria de agradecer a você por tudo o que já fez — disse a ele, que ficou nervoso.

— Por quê? O que vai acontecer?

Lá na frente, Matt e Bob andavam lado a lado e apenas Lucas e Tommy estavam entre nós e eles. Dali, já dava para ver a cruz de neon inteirinha.

— Uma coisa importante — respondi. — Confie em mim.

Fazíamos parte de uma enorme procissão se locomovendo pela estrada. Na verdade, estávamos praticamente sozinhos na pista, indo em direção ao lugar em que Jonas havia perdido a vida.

Notei que Bob Jonson diminuía a velocidade e abaixava a cabeça, emocionado. Com as mãos trêmulas, ele acabou deixando a moto se desequilibrar e quase tombou. Matt então se aproximou, estendeu a mão e ajudou o pai de Jonas a se endireitar. Estávamos exatamente debaixo da cruz, e a chuva não dava trégua nem por um minuto.

— Logan, vá até lá! — eu disse nervosa, e ele também ficou tenso, além de surpreso, olhando para mim.

— Por favor! — implorei. — Confie em mim, fique do lado de Matt.

Logan acabou cedendo ao meu pedido e desfez o acordo de seguir atrás. Ele desviou de Lucas e Jordan para alcançar Matt e Bob.

— Cara, aguente firme! — Matt dizia a Bob.

— Não venha me dizer o que eu tenho de fazer! — Bob desviou dele irritado, deixando espaço para que Logan e eu ficássemos entre eles.

Atrás de nós, o comboio diminuiu a velocidade até quase parar, e então chegamos à saída para a estrada alternativa que leva à Pedra do Anjo.

— Ei, você! — chamei a atenção de Matt, me inclinando na direção dele e fuzilando-o com o olhar. — Não fique dizendo ao pai de Jonas o que fazer!

Bob levantou a cabeça de uma vez só para me olhar. A atenção de Bob e Matt estava toda voltada para mim.

— Você é quem sabe o que deve fazer — disse a Bob. Eu já estava calma quando desci da garupa e fui correndo ao lado do assassino de Jonas. — A culpa foi sua, Matt, e hoje faz um ano. Agora você vai pagar pelo que fez.

Não conseguia enxergar o rosto de Matt com nitidez quando ele virou a moto em minha direção e tentou me atropelar, mas eu estava preparada para tudo — consegui desviar e correr na direção da parte de terra da estrada, fazendo com que ele se separasse do grupo. Ele só não acelerava mais — enquanto eu corria — por causa das outras motos.

Venha atrás de mim, seu idiota! Pensava, ouvindo o barulho da moto de Matt e procurando Hunter à frente. *Perca o controle e tente me matar também!*

Conforme havíamos imaginado, Matt reagiu furiosa e descontroladamente. O motor roncava com força atrás de mim, espalhando terra para todos os lados. Eu estava sem fôlego e quase saindo da frente dele quando Hunter surgiu de trás de uma pedra e parou bem em frente à moto de nosso suspeito, mais forte e decidido que nunca, os olhos fixos no rosto de Matt, hipnotizando-o para fazê-lo parar.

Vi a força de Matt desmoronar num instante. Ele soltou o guidão e caiu imóvel, com a Harley em que estava em cima dele. Apenas as rodas da moto caída se moviam, girando no ar até que Hunter a levantou para tirá-lo dali arrastando-o pelos pés.

O vento fazia a chuva que já estava forte cair sobre as pessoas como chicotadas. Ouvi as asas ensurdecedoras, um barulho quase impossível de suportar, e notei que também estava hipnotizada por Hunter, impossibilitada de me mexer. Enquanto isso, ele agarrava os ombros de Matt e dava início à situação mais extraordinária que se podia imaginar.

As asas não paravam de bater, o vento jogava a água da tempestade impiedosa com ainda mais força, e as nuvens quase negras cobriam a encosta das montanhas. De repente, Matt Fortune ganhou um par de asas — um anjo-demônio — e estava parado ao lado de Hunter, cuja atenção logo em seguida se voltou para mim. Fui envolvida numa névoa que fazia minhas costas queimar e arder. Virei e vi minhas próprias asas brancas e mágicas se tornando parte daquele mundo — o mundo dos *Beautiful Dead*.

Bati minhas asas de anjo junto com milhões de almas perdidas e vi Hunter voando na frente com Matt, que surgiu de repente do meio da névoa acinzentada. Meus pés haviam saído do chão, e minhas asas se moviam, mas não era eu quem estava voando, era como rodopiar, cruzando o céu sem nenhum senso de direção, fora de controle. Eu olhava para o rosto de Matt, sua boca aberta num grito mudo, e o rosto de Hunter, frio como pedra. Tentei não gritar.

O mundo todo foi ficando mais escuro. Estávamos no olho do furacão com aquela tempestade, rodando e nos debatendo com as asas bem abertas.

Sentia dor em todo o corpo — todos os músculos ficaram distendidos e retorcidos durante o trajeto. Muitas asas me rodeavam e me carregavam numa corrente violenta, acompanhada daquelas caveiras da morte, mais de cem mil. Flutuavam pavorosas, assustadoramente espalhadas para qualquer lado que eu olhava, indo conosco, em direção ao infinito.

As caveiras amarelas se amontoavam de tal maneira em torno de Matt, que eu o perdia de vista, mas ainda via Hunter nos guiando em direção ao ponto de luz à frente.

Eu precisava chegar àquela luz. A morte me desejava. Puxava meus ombros, tentava danificar minhas asas. Sabia que era a morte, mas eu seguia em frente.

— Agente firme, Darina! — ouvi a voz de Phoenix no meio do caos.
— Você está quase lá!

Ele cuidava de mim para ter certeza de que tudo daria certo. Imaginei-o na serra de Foxton, parado e sozinho, olhando para o céu, assistindo ao que nos acontecia.

O que antes era um pontinho de luz foi se tornando cada vez maior e mais brilhante. Éramos sugados em sua direção, ao que parecia ser a velocidade da luz, tão rápido que pensei que poderia me desintegrar e me dividir em milhões de átomos. Logo depois de uma luz muito brilhante, tão poderosa que cegava, nos cercou — incandescente, misteriosa, sobrenatural. Ali dentro, tudo se acalmou. As asas pararam. As caveiras desapareceram. Hunter abriu bem os braços e compreendi que havíamos chegado.

Era a tarde do acidente de Jonas. Estávamos próximos à Centennial, numa rua coberta de folhas. Zoey, impaciente, esperava por Jonas na calçada. Hunter, Matt e eu ficamos parados a cinquenta metros dali. Quando Matt abriu a boca para falar, nenhuma palavra saiu. Fiz a mesma coisa — nada. Não conseguíamos falar. Éramos observadores mudos e invisíveis.

O rosto de Matt estava deformado, tamanho o tormento que sentia, prisioneiro do poder de Hunter.

Logo escutamos um barulho de moto. Jonas em sua Dyna virava a esquina: feliz e sossegado. Zoey sorriu e acenou. Ela estava linda de short

jeans e camiseta azul, o cabelo loiro preso num rabo de cavalo displicente, mal conseguindo esperar para subir na moto e ir logo. Saíram da cidade, e nós os seguimos. Zoey abraçava a cintura de Jonas. Cabelos ao vento e as roupas grudadas no corpo.

A estrada ensolarada, os dois estavam lindos e apaixonados. Saindo da cidade, Jonas ganhou velocidade. Um caminhão descia na pista contrária. Um carro esporte prateado ultrapassou Jonas e Zoey, em sua derradeira viagem.

Logo em seguida surgiu outra moto na estrada, vinda lá de trás, mas se aproximando rapidamente. Matt em sua Tourer, com o zíper da jaqueta fechado até o queixo, acelerando ao máximo e fazendo o motor roncar violentamente.

Por um segundo, desviei o olhar de Jonas e Zoey para olhar para Matt, o anjo-demônio, e vi sua quase descrença, sua incompreensão total e seu medo indisfarçável. Hunter o imobilizava, e ele parecia uma vítima indefesa de seu próprio crime.

Matt subiu a montanha em direção à serra de Turkey Shoot, emparelhou-se com Zoey e Jonas, que olhou para o lado, reconheceu Matt e freou.

— Não consegue ir mais rápido que isso? — Matt provocou, fazendo uma curva muito perto da moto de Jonas, forçando-o na direção do acostamento.

O sol batia no metal das motos e refletia *flashes* rápidos de luz prateada. Zoey se segurava cada vez mais forte em Jonas e gritava para que Matt parasse. Jonas freou novamente, voltou para a estrada e lá estava Matt, que havia voltado e agora andava em círculos em volta deles, rindo muito alto.

— Pare com isso! — gritou Zoey.

Matt continuava a rir com crueldade, a mesma risada que a assombrava sempre. Ele estava muito próximo e os empurrou para fora da estrada de novo, fechando-os pela frente e empurrando-os quando estava atrás. Zoey, apavorada, se apertava contra Jonas e escondia seu rosto nas costas dele.

— Cara, correr com você não tem graça nenhuma, vá mais rápido! — Matt gritava para Jonas, levantando o guidão para empinar a moto e correr sobre uma roda só pela estrada deserta. Para Jonas era impossível desacelerar, porque continuava sendo empurrado e perseguido como um bezerrinho acochado por um coioote. Jonas foi para a pista da esquerda, tentando fugir e se recusando a aceitar o desafio daquele enlouquecido em seu encalço.

— Covarde! — Matt tinha prazer em insultar Jonas, com os olhos arregalados e a adrenalina correndo em suas veias. — Venha, Jonas, venha correr comigo se tiver coragem! — Ele curvou a moto na direção deles novamente e os jogou para longe, na direção do acostamento. Nessa hora, já haviam chegado à estrada de terra que leva à Pedra do Anjo.

Matt estava descontrolado, gritando, bufando e agredindo Jonas de modo irresponsável. Jonas, então, freou de novo e derrapou próximo a uma saída da estrada, espalhando pedrinhas dos arbustos que ladeavam a estrada. Perdeu o controle e tombou a moto num movimento amplo que atravessou várias pistas da estrada. Bateu contra o *guard-rail* e foi jogado de volta, esforçando-se para conseguir manter a moto de pé à medida que ela se inclinava em direção ao mato.

Em certo momento — que parecia não acabar, infinito, como se estivesse em câmera lenta — pareceu que nada aconteceria a Jonas e Zoey, quando recobriram seu equilíbrio. Jonas freou, e eu quase consegui respirar, mas Matt o atacou de novo, indo na direção dele e o forçando a sair da estrada mais uma vez. As rodas da moto de Jonas, que já estavam patinando quando entraram no mato, derraparam ainda mais. Eles foram jogados de volta para a estrada.

E assim foi o fim.

Estavam mesmo em velocidade muito alta, como a polícia havia dito. As rodas da moto de Jonas saíram de baixo dele. A parte metálica se espatifou e seguiu raspando por toda a pista. Zoey foi jogada longe, mas Jonas foi parar debaixo da moto e ficou preso, batendo contra a barreira central que dividia as mãos contrárias da estrada. Quebrou o pescoço e morreu na hora, ali mesmo.

Restou apenas Matt Fortune andando em círculos em torno do lugar do acidente, como um abutre negro e lento com sua jaqueta aberta serpenteando ao vento, a observar a batida, e começando a entender o que havia feito. Ele foi até Jonas e viu que estava morto. Depois olhou para Zoey, ainda respirando e de olhos abertos, mas quase se soltando do último resquício de vida que ainda tinha. Matt se debruçou sobre ela, que já começava a perder a consciência, e a olhou com uma expressão muito estranha. Uma combinação de vencedor com psicopata. Ele havia ganhado a competição, mas matou para conseguir.

Eu ainda não conseguia respirar. O rosto de Matt me hipnotizava e me aterrorizava ao mesmo tempo.

Ele observou o olhar de Zoey bem de perto, circulou o corpo inerte e ferido uma, duas vezes, e depois olhou para a estrada para ter certeza de que não havia mais nenhuma testemunha. Ele fez a volta onde havia uma interrupção na barreira central e retornou para a cidade.



CAPÍTULO 12

Ao lado dos corpos de Jonas e Zoey, minha voz começou a voltar.

— Você matou Jonas — falei, em meio a um suspiro.

O rosto do anjo-demônio Matt não expressava nenhuma emoção.

— Essa é a verdade que você vem escondendo há tanto tempo — acusei-o. — Só que agora eu sei de tudo.

Sob o sol, o pneu de trás da moto de Jonas rodava silenciosamente.

— E daí? — Matt virou-se para mim com seus olhos vazios. — O que você vai fazer, sua louca? E quem vai acreditar em você?

Nesse momento, Hunter entrou na conversa, encarando Matt com seu olhar poderoso.

— Quem vai acreditar nela? Todo mundo. Matt, você precisa entender que seu tempo acabou.

Os olhos verdes metálicos de Hunter agarraram Matt, mantendo-o preso como um animalzinho numa armadilha; acuado, se retorceu querendo fugir.

— Não adianta se debater — eu disse a Matt com calma. — Hunter tem muito mais força. Você foi o culpado e precisa encarar isso.

Mas ele não tinha coragem suficiente. Em sua cabecinha fraca ele procurava deturpar a história e se safar do que tinha feito.

— Jonas amarelou, por isso batemos. O cara tinha de ter aceitado apostar a corrida comigo.

— Você estava perseguindo os dois — respondi.

— Eu estava brincando, só isso.

— Você não o matou de propósito? — apontei na direção do corpo de Jonas ali jogado, com os braços e as pernas dobrados em ângulos impossíveis e a cabeça caída para o lado.

— Sim, foi um acidente.

Fiz um movimento de reprovação com a cabeça.

— Se não fosse você, Jonas ainda estaria vivo. Ele e Zoey estariam juntos.

Deitada no asfalto quente, Zoey começou a se movimentar. Ela virou a cabeça e tentou mexer o braço.

— Você pensou que ela também estivesse morta. Aliás, você nem foi conferir.

— Feche essa sua boca suja! — a ira de Matt irrompeu finalmente. Ele se jogou contra mim e tentou segurar meu pescoço, até que Hunter o hipnotizou e ele caiu no chão de uma vez.

— Hora de voltar — determinou Hunter. Dessa vez ele segurou minha mão enquanto chamava as almas perdidas para perto de nós, e fazia com que minhas asas batessem e me tirassem daquela cena terrível. Assim, deixou que o anjo-demônio Matt seguisse seu caminho doloroso atrás de nós, rodopiando na névoa cinza por entre hordas de caveiras e seus gemidos pavorosos em direção a um ponto de luz muito distante.

Estávamos exatamente debaixo da cruz, e a chuva não dava trégua nem por um minuto.

— Logan, vá até lá! — eu disse nervosa, e ele também ficou tenso, além de surpreso, olhando para mim.

— Por favor! — implorei. — Confie em mim, fique do lado de Matt.

Logan acabou cedendo ao meu pedido e desfez o acordo de seguir atrás. Ele desviou de Lucas e Jordan para alcançar Matt e Bob.

— Cara, aguenta firme! — Matt dizia a Bob.

— Não venha me dizer o que eu tenho de fazer! — Bob desviou dele irritado, deixando espaço para que Logan e eu ficássemos entre eles.

Atrás de nós, o comboio diminuiu a velocidade até quase parar, e então chegamos à saída para a estrada alternativa que leva à Pedra do Anjo.

— Ei, você! — chamei a atenção de Matt, me inclinando na direção dele e fuzilando-o com o olhar. — Não fique dizendo ao pai de Jonas o que fazer!

Bob levantou a cabeça de uma vez só para me olhar. A atenção de Bob e Matt estava toda voltada para mim.

— Você é quem sabe o que deve fazer — disse a Bob. Eu já estava calma quando desci da garupa e fui correndo ao lado do assassino de Jonas. — A culpa foi sua, Matt, e hoje faz um ano. Agora você vai pagar pelo que fez.

A chuva caía torrencialmente enquanto Matt acelerava. Do meu lado direito, Bob Jonson ouviu a acusação que fiz e reagiu como se tivesse levado um choque de milhares de volts. Agarrou o guidão, rangeu os dentes e abriu a boca num bizarro sorriso de alívio.

— Foi isso, Matt? Você matou meu filho?

— Ele estava lá e tentou obrigar Jonas a apostar uma corrida com ele, empurrando-o para fora da estrada — eu disse em alto e bom som. — Conte para ele, Matt, conte como foi.

Mas Matt negou.

— Ela é louca — disse ele, subindo a montanha ao lado da serra de Turkey Shoot em direção à chuva violenta.

Ao som de cada trovão, o corpo de Bob tinha um espasmo de fúria à medida que Matt acelerava na frente. Quando se virou para me olhar com os mesmos olhos azuis brilhantes de Jonas, foi como se muitos meses de agonia, bebedeira e desespero tivessem repentinamente acabado e a ele restasse apenas a verdade, como uma pedra preciosa.

— Obrigado, Darina — balbuciou, acelerando até atingir a potência máxima do motor para alcançar Matt.

Pelo retrovisor, Matt viu Bob vindo atrás dele e acelerou mais, soltando tanta fumaça que Bob ficou quase invisível envolto naquela névoa.

— Vá atrás deles! — implorei a Logan, que hesitou de início, mas acabou cedendo. Senti o solavanco da moto indo para frente, ouvi as trovoadas ao fundo e vi um relâmpago rasgar o céu negro.

As duas motos à nossa frente continuavam ganhando velocidade e, chegando na primeira curva da montanha, desapareceram.

— Rápido! — gritei com Logan, vendo que mais dois estavam vindo com a gente: um era Charlie Fortune e o outro, Brandon Rohr. Os outros presentes naquela homenagem confusa pararam no acostamento ao pé da montanha.

Senti Logan ficar tenso e se curvar para a frente, determinado a não ficar para trás na nuvem de fumaça deixada pelas motos de Brandon e Charlie. Mais relâmpagos caíam, se duplicavam, trovões rasgavam o céu, e eu sabia que Hunter e os Beautiful Dead não estariam por perto para me ajudar porque estavam no limbo. Eu estava sozinha, correndo numa moto em direção à Foxton no meio de uma tempestade.

As três motos chegaram ao topo da montanha ao mesmo tempo, e vimos Matt e Bob se lançando para o vale seguinte. Bob estava muito próximo de Matt, e os dois fizeram uma curva bem aberta e quase tombaram suas motos para ultrapassar um caminhão que seguia em baixa velocidade. À frente estendiam-se as casas alinhadas com a saída da estrada de Foxton.

Logan, Charlie e Brandon ficaram lado a lado, ganhando velocidade à medida que acelerávamos montanha abaixo. Adiante, vi Bob se aproximar de Matt, quase alcançá-lo e depois perder o fôlego quando o assassino de Jonas desviou para a esquerda repentinamente. Matt pegou a saída na última fração de segundo, esperando ter enganado Bob.

Só que Bob reagiu rápido, freando. O pneu de trás de sua moto quase derrapou quando ele também entrou à esquerda, fechando um enorme

caminhão prateado e ressurgindo no encalço de Matt, que descia a estrada esburacada próxima ao riacho.

Os trovões não paravam. Uma linha fina de nuvens brancas riscava todo o céu, passando pelos picos das montanhas, e a chuva caía violentamente.

Logan chegou à estrada um pouco antes de Brandon e Charlie. Ele se inclinou tanto para fazer a curva à esquerda que seu joelho quase encostou no chão. Chegamos à estrada de terra, passando por poças de lama com o riacho à nossa direita. Matt havia conseguido ganhar distância de Bob, que ficou uns vinte metros atrás, mas não desistiu. O pai de Jonas seguiu ignorando obstáculos, sem se importar com o perigo e se aproximando de Matt mais uma vez. As duas motos passaram voando pelas cabanas de pescadores e pelos pinheiros queimados cujas raízes ainda se seguravam miraculosamente na superfície íngreme da pedra.

Debaixo dos golpes da chuva, Brandon passou por uma poça tão profunda que sua moto escorregou, e ele foi jogado para o lado. Olhei para trás e o vi estirado ao lado da estrada, com a moto ainda rodopiando de lado até chocar-se contra uma pedra. Brandon cambaleou para ficar em pé e olhou, sem poder fazer mais nada, para Logan e Charlie, que se afastavam cada vez mais.

A estrada se tornava uma subida de dez ou quinze metros por entre os pinheiros, e dava para ouvir a água agitada e barulhenta do riacho lá embaixo.

Agora Bob estava quase emparelhado com Matt, do seu lado esquerdo. Os dois estavam encharcados até os ossos, cobertos de lama, os cabelos empastados e os músculos contraídos de tanto agarrarem o guidão molhado e escorregadio. A distância entre os dois era de meia moto, e Bob seguia quicando pela superfície desigual. Ele deu uma guinada, fechando Matt e forçando-o para fora da estrada. Matt freou e ficou para trás, escapando por poucos centímetros de cair no penhasco que dava para o riacho. Olhei para Bob — ele sorria.

Achei que meu coração fosse parar, de tão rápido que batia. *Meu Deus, ele está tentando se vingar... e fazendo exatamente a mesma coisa que Matt fez a Jonas!*

Charlie gritava “Pare, Matt! Pare!”, e sua voz se perdia por estar mais baixa que o ronco dos motores e o barulho do vento e da chuva.

Mas Matt acelerou cada vez mais, ao passo que Bob começou a ir mais devagar para fazer a volta e atacá-lo por trás. Gritava como um caubói enlouquecido e obrigava Matt a continuar, enquanto a estrada ficava cada vez mais alta e íngreme, muitos metros acima do riacho.

Matt virou para a esquerda, quase se chocou com uma rocha, o que o obrigou a desviar rápido para a direita. Bob estava tão perto que as rodas de Matt jogavam cascalho em seu rosto, pedras afiadas que machucavam e o faziam sangrar, mas ele não ligava — continuava se aproximando cada vez mais, a roda de sua moto quase encostando na de Matt.

Ouvi Charlie gritando de novo — dessa vez para que Bob parasse — e o vi alcançar Matt novamente e se lançar sobre ele, empurrando-o cada vez mais para perto da beira. Até que, bem no topo do morro seguinte, a roda da frente da moto de Bob chegou a encostar na de Matt. Parecia ter sido leve, um toque rápido, mas foi o suficiente.

Matt perdeu o controle. Sua Harley subiu o morro e saiu voando, tombando e fazendo uma curva em direção ao penhasco num movimento absurdamente lento — tempo suficiente para que Matt pensasse “Agora vou saber como é a morte” —, antes de a moto sair voando sozinha e ele começar a cair em direção à água verde e cristalina, chocando-se contra as rochas e afundando até desaparecer da superfície.

Matt e a moto caíram na água ao mesmo tempo. Logan se aproximou e freou num solavanco na beirada. Olhamos para baixo a tempo de ver a moto prateada sendo sugada, mas tarde demais para salvar Matt Fortune do afogamento.

Bob assistiu a tudo. Ainda montado sobre sua moto, mas imóvel, o sorriso maldoso havia sumido, e seu olhar estava obscuro e vazio. Levantou a cabeça para o olhar o céu revoltado, deixando a chuva encharcar seu rosto ensanguentado antes de acelerar pela última vez.

A roda girou espalhando pedras e terra. Bob sentou-se firme na Dyna enquanto mirava para o penhasco. Ele se atirou, caindo como uma pedra e

sendo engolido pela água. A moto se chocou contra as rochas e lá permaneceu — um amontoado de metal retorcido.

No dia seguinte, coloquei a rosa vermelha de Zoey no lugar exato do acidente.

Deixei para trás — em Ellerton — um alvoroço de choque e descrença, mais o fardo de ter presenciado as duas mortes mais recentes. Tentava sair desse horror e seguir em frente, pensar no futuro, subindo em direção à serra de Foxton para encontrar Phoenix e contar o fim da história de Matt a ele. E também para descobrir o que havia acontecido a Jonas.

Fiz tudo certo? Perguntei baixinho enquanto colocava a rosa na grama esvoaçante e prateada perto da estrada. Fiquei ali parada debaixo do sol e de um céu azul muito aberto.

Sabia que não receberia uma resposta até ter chegado à velha casa do celeiro, então entrei no carro e segui, cantando baixinho o ritmo daquela música tão triste, “Always”, que Summer costumava cantar. *Wherever you walk, I’m always by your side. Whenever you talk, I always hear you voice...**

Fui pela estrada alternativa que leva à Pedra do Anjo me lembrando da terrível viagem no tempo que havia feito com Hunter e Matt há apenas vinte e quatro horas, mas estava feliz com a sensação da brisa morna, dirigindo com a capota abaixada. O sol batia nas pedras e refletia faíscas brancas e cor-de-rosa.

Logo em seguida já estava a pé, correndo pelo mato, esmagando com os pés a superfície de folhas secas entre os espinheiros que começavam a exhibir tons avermelhados, entre o laranja e o dourado, no vento do outono. Cheguei à sombra da Pedra do Anjo e corri sem parar.

Esteja lá, por favor! Pensei em Phoenix antes mesmo de ver o celeiro e a casa. Talvez tivesse saído de lá por causa da tempestade e nunca mais voltasse. Talvez eu ainda estivesse com medo, no fundo, de nada ter sido real. *Esteja lá mesmo assim!*

Ele subiu a colina para me encontrar, abriu os braços e me viu correr na direção dele. Ele estava de camiseta preta, com seus ombros largos, e aquele rosto lindo e tão sério.

— Venha me abraçar — disse a ele, e logo seus braços estavam em volta de mim.

— Graças a Deus, Darina — disse, com a boca emaranhada em meu cabelo, e puxou meu rosto para cima, para me dar um beijo frio, delicioso e macio.

— Você soube o que aconteceu? O pai de Jonas jogou Matt para fora da estrada penhasco abaixo, e ele caiu no riacho, foi horrível. Os dois morreram. Phoenix me abraçou apertado, fez carinho no meu rosto com o polegar e apoiou as mãos em meu pescoço.

— Você fez tudo muito certo. Hunter nos contou que você foi muito bem quando viajaram no tempo e como sua intuição estava certa nesse tempo todo.

— E quando Bob Jonson finalmente soube a verdade, ele surtou e fez com Matt a mesma coisa que ele havia feito com Jonas... de propósito.

— Ele se vingou — disse Phoenix delicadamente, olhando bem nos meus olhos, como se quisesse enxergar o quanto eu estava aterrorizada e chocada. — e não era pouco. — Você vai ficar bem — ele me garantiu. — Com o tempo você vai compreender que era isso mesmo que tinha de acontecer.

— Mas eu não queria que Bob morresse — chorei.

— Mas por que ele ia querer continuar vivendo? Ele não tinha mais razões...

— Ele precisava superar o que passou. Poderia ter ido em frente.

Phoenix fez um sinal negativo com a cabeça.

— Não nesse mundo. Tudo o que ele tinha foi destruído. — Ele pegou minha mão e me levou para o vale, e vi que Hunter estava parado lá, perto da porta de celeiro, rodeado por seus *Beautiful Dead*.

Era tão estranho. O sol refletia neles, que pareciam mais lindos e vivos que nunca. Hunter, em especial — parecia mais jovem e gentil, quase feliz.

— Aonde Jonas foi? — perguntei a Phoenix enquanto nos aproximávamos do celeiro para encontrar Summer, Arizona, Iceman, Donna, Eve e seu bebezinho loiro.

— Entre, Hunter vai contar a você — respondeu ele baixinho.

— Bem-vinda, Darina. — o mestre deu um passo à frente. Ele parecia me olhar com carinho, quase como um pai faz com uma filha. — Graças a você, a justiça foi feita em nome de Jonas.

— O que aconteceu a ele? — perguntei com a voz trêmula.

— A tempestade nos mandou para longe, para a escuridão infinita, e Jonas ficou conosco no limbo, onde nós pudemos apenas esperar e rezar. Você era nossa única esperança.

— E você não nos decepcionou. — Arizona falou e me surpreendeu a ternura em sua voz. Summer ficou ali perto, sorrindo para mim como se quisesse correr e me abraçar, mas esperaria até Hunter terminar de falar.

— Soube o momento exato em que Matt Fortune morreu — explicava Hunter. — No limbo, tive a visão de um rosto afogado, uma mão presa entre duas pedras dentadas e a correnteza dilacerando seu corpo.

— E Bob Jonson?

— Ele se juntou a nós instantaneamente. Morreu no momento em que bateu na água. Vi o exato instante em que o corpo dele perdeu a vida. Chamei Jonas e disse “Seu assassino está morto e seu pai também”. Jonas compreendeu por que seu pai tinha de morrer. Ele se virou e gritou o nome de Bob na escuridão. No meio do infinito e escuro espaço chamado de limbo, Bob Jonson apareceu. Pai e filho se abraçaram e seguiram viagem juntos.

Uma pergunta não parava de martelar minha cabeça. *Aonde tinham ido?*

— Nem pergunte — Phoenix leu meus pensamentos. — Ninguém aqui sabe. Sabemos apenas que seguiram juntos, de mãos dadas.

— E você teve muito êxito em sua primeira tarefa — completou Hunter.

— Você nunca deixou de acreditar — disse Summer, vindo para me dar o abraço que ela há muito pretendia.

— Você é mais forte do que eu pensava — disse Arizona.

— Nem tanto! Fiz o que pude, só isso. E faria tudo de novo. — respondi.

Hunter concordou e um pouco de sua antiga rigidez retornou à sua voz.

— Cada coisa tem seu tempo, Darina. Agora você precisa ir para casa e descansar.

— Não agora, por favor. — mais que tudo, agora que a situação de Jonas estava resolvida, eu queria estar com Phoenix.

— Hunter... dê um tempinho para ficarmos juntos. — Phoenix mantinha o braço em torno de minha cintura, o que me dava uma sensação de força e equilíbrio, enquanto o mestre nos olhava e pensava sobre o que fazer.

— Vocês têm uma hora — determinou.

Sessenta minutos! Virei para ele e o enlacei com meus braços. Ele me levantou do chão.

Summer e Arizona riram, Hunter quase sorriu. Depois os *Beautiful Dead* foram para o celeiro.

— Vamos! — disse Phoenix, sorrindo para mim e me arrastando pela grama amarelo-clara ao lado do riacho. Ele me guiou cuidadosamente no caminho por entre as pedras e pulou em nossa pedra preferida.

— Descalços! — insisti e tirei os sapatos. Mergulhei o pé na água fria e cristalina. — Olha, dá pra ver uns pontinhos de ouro na areia.

Phoenix enfiou o dedo na água. Fez uma concha com a mão e pegou alguns grãozinhos brilhantes para examinar.

— Isso é pirita de ferro — anunciou.

— O quê?

— Ouro de tolo — riu.

— Ah! Acho que gosto mais de pensar que é ouro!

— Pode achar o que quiser, amo tudo o que você faz.

Tentamos nos abraçar em uma pedra lisa cercada pela correnteza forte. Não foi fácil, mas conseguimos. Um abraço de leve, um beijo carinhoso que durou para sempre. Depois, atravessamos a correnteza e andamos descalços pelo mato, de mãos dadas.

— Você esqueceu seus sapatos — Phoenix me lembrou quando chegamos ao topo da montanha. A caixa d'água não fazia sombra e apenas uma brisa suave soprava por entre os choupos dourados.

Nem liguei e olhei para baixo, para a casa e o celeiro — os tetos vermelhos e enferrujados, as paredes de madeira desgastadas pelo tempo. A porta do celeiro ainda batia: abrindo e fechando várias vezes. Parecia, assim como no começo, que ninguém havia perturbado a paz daquele lugar nesses cem anos.

Sei que o coração humano é mecânico — feito de músculos, válvulas e veias. Já vi na aula de Biologia e em programas sobre medicina na televisão: vermelho, vivo e pulsante.

Então de onde vinha o sentimento que experimentei naquela serra? Onde se alojava a sensação dos últimos momentos que tínhamos antes de acabar aquela horinha?

Um sentimento tão forte que me tornava por completo ao beijá-lo e abraçá-lo, sabendo que ele significava o que havia de mais importante para mim no mundo e que isso jamais mudaria.

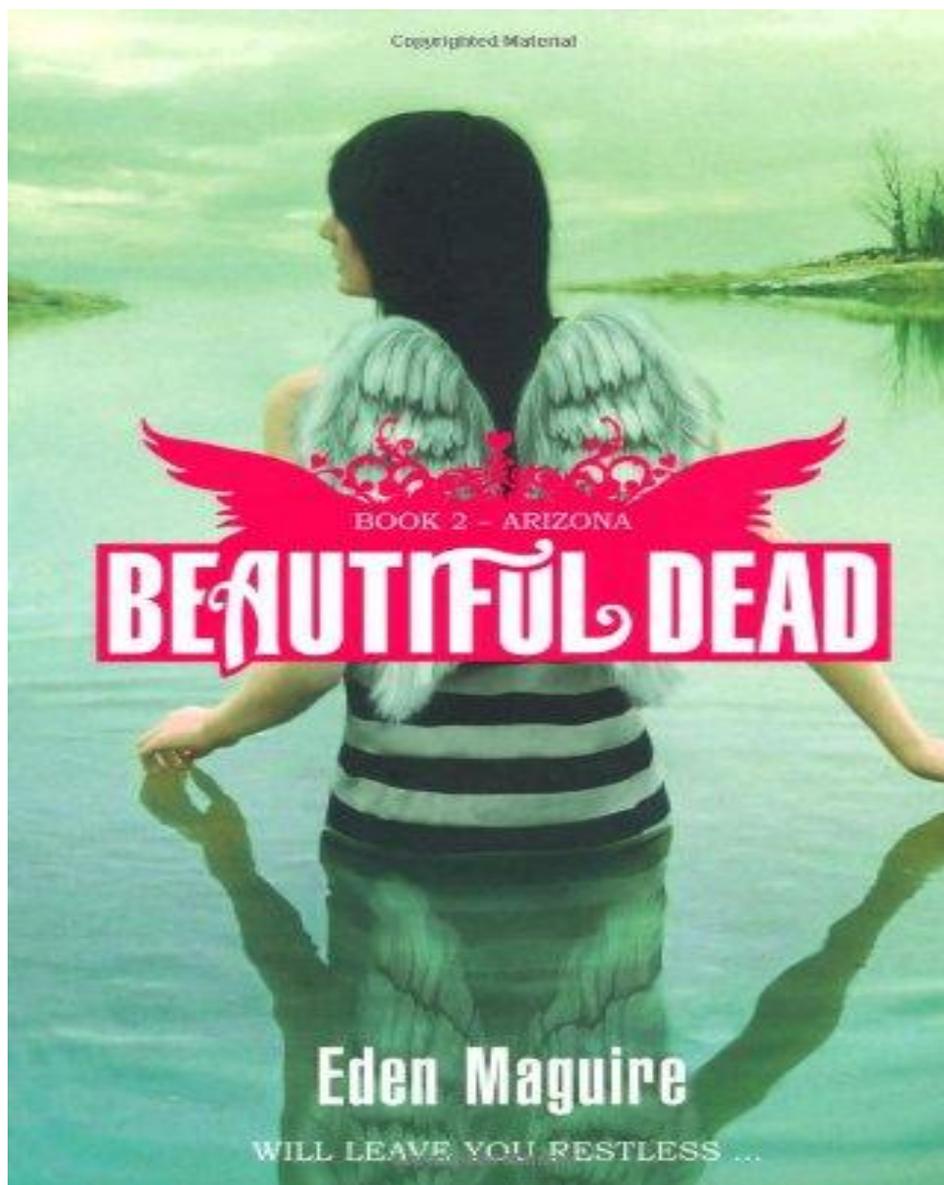
Fazíamos parte da natureza que estava à nossa volta. Nossas almas estavam no vento, no céu, no barulho das folhas.

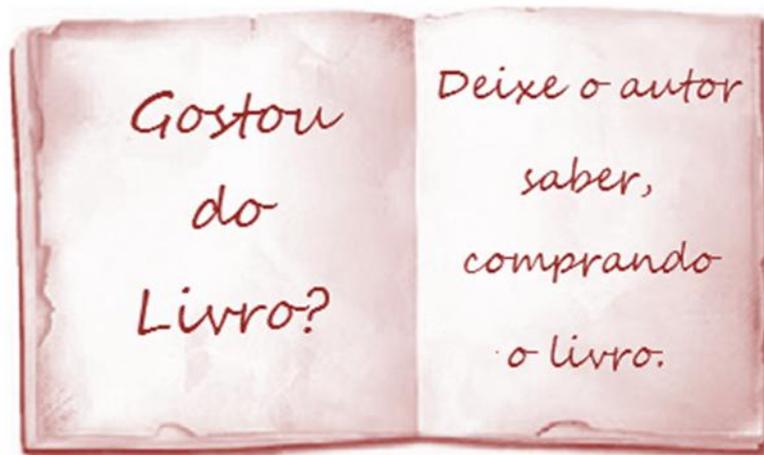
Phoenix não falava nada. Seus lábios tocaram os meus mais uma vez e seu abraço se afrouxou. Ele me deixou com um olhar tão cheio de saudade que meu coração se derreteu e tudo que consegui fazer foi evitar sair correndo atrás dele de novo.

Mas eu ouvia as asas batendo suavemente — o aviso de Hunter. Fiquei onde estava, olhando Phoenix partir e sabendo que eu voltaria logo.



A HISTÓRIA CONTINUA EM: **ARIZONA.**



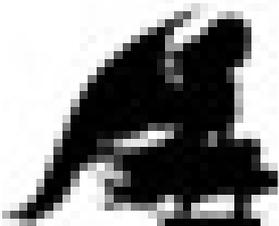




Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>



☪ *All Creatures of the night get together After dark* ☪